

HISTÓRIA RELIGIOSA DE CAMOCIM

Maria Célia Pereira dos Santos
Gabriel Belchior de Araújo
Jane Élide Costa Silva

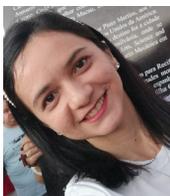


Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos



Gabriel Belchior de Araújo

Graduado em História / Licenciatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA em Sobral-Ceará. Cursa especialização em “Políticas públicas e socioeducação” pela Universidade de Brasília UnB.



Maria Célia Pereira dos Santos

Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Especialista em História e Cultura Afro-brasileira pela Faculdade Futura. Graduanda em Pedagogia pela Universidade Aberta do Brasil (UAB-UVA).



Jane Élide Costa Silva

Historiadora, natural de Fortaleza, mas residente em Camocim desde a infância, graduada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (Sobral-CE), cursa Pós-Graduação em História e Cultura no Brasil pelo Centro Universitário Cidade Verde-UniCV.

Maria Célia Pereira dos Santos
Gabriel Belchior de Araújo
Jane Élide Costa Silva

HISTÓRIA RELIGIOSA DE CAMOCIM

Sobral - CE
2024

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

HISTÓRIA RELIGIOSA DE CAMOCIM

© 2024 copyright by: Maria Célia Pereira dos Santos, Gabriel Belchior de Araújo, Jane Éilda Costa Silva.

Série História Camocinense - Tomo 4 - Volume 1

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho História

Ana Paula Gomes Bezerra
Andrea Rodrigues de Andrade
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Cícero João da Costa Filho
Cid Moraes Silveira
Felipe Azevedo Cazzetta
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Maria Aparecida de Sousa
Raimundo Alves de Araújo
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valéria Aparecida Alves
Viviane de Souza Lima

Coordenação Editorial da Série História Camocinense

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967



S237h

Santos, Maria Célia Pereira dos.

História religiosa de Camocim. / Maria Célia Pereira dos Santos, Gabriel Belchior de Araújo, Jane Éilda Costa Silva. - Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

172p.

Série História Camocinense - Tomo IV- Volume I

ISBN: 978-65-5421-124-6 - papel
ISBN: 978-65-5421-123-9 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/54211239-2024

1. Religião- Camocim, CE. 2. Camocim, CE. 3. História Cearense- Camocim. I. Araújo, Gabriel Belchior de. II. Silva, Jane Éilda Costa. III. Título.

CDD 981.31
250

SUMÁRIO

Prefácio	5
----------------	---

O CENTENÁRIO DA MATRIZ DE CAMOCIM-CE

Introdução.....	11
O primeiro Livro de Tombo da paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes (1904 -1920)	13
<i>Documetos Eclesiásticos</i>	13
<i>O Livro de Tombo e o Historiador</i>	14
<i>O primeiro olhar sobre o Livro</i>	20
<i>A Ótica Religiosa</i>	23
A construção da igreja matriz de Camocim	31
<i>A Igreja e a cidade</i>	31
<i>O alvorecer da capela</i>	32
<i>A Planta</i>	35
<i>Uma cidade sem templo: eis a questão</i>	39
<i>O recomeço</i>	44
<i>A benção: ergueu-se um templo a Bom Jesus</i>	49
A Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, devoção e festividade.....	55
<i>A origem da imagem</i>	55
<i>O festejo</i>	57
<i>O centenário da matriz</i>	60
Considerações finais	61
Sobre a autora Célia Santos.....	64

A PROMOÇÃO EM AÇÃO: OS BENEFÍCIOS DO SERVIÇO DE PROMOÇÃO HUMANA EM CAMOCIM-CE (1966-1972)

Introdução	75
Nasce a Promoção Humana para os Pobres.....	81
<i>Como tudo começou</i>	81
<i>A Igreja e sua ação frente à realidade</i>	84
<i>A Teologia e a sociedade: A criação da CNBB e do CELAM</i>	92

As ações da promoção humana para os mais necessitados	97
<i>São Pedro dos pescadores: Entre o sagrado e o profano</i>	97
<i>Camocim a todo vapor: os círculos operários e o medo do comunismo</i>	98
<i>A Luta do povo pela vida</i>	104

Razão e fé, clero conservador x clero progressista: o dilema da fé nomundo de hoje.....	113
<i>As Origens e as teses do Liberalismo</i>	113
<i>O liberalismo na visão do Catolicismo</i>	116
<i>“Nasce” uma guerra teológica. Os Bispos do CIP: Coetus Internationalem Patrium ..</i>	118
<i>O Coetus contra ataca: As reações do CIP perante os esquemas do Concílio</i>	120
<i>As reações Pós Concílio: Surge na América Latina uma nova Teologia.</i>	124

PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE CAMOCIM: UM LEGADO DA AÇÃO DE MISSIONÁRIAS EVANGÉLICAS (1984-1989)

Introdução.....	137
Os Batistas: história e expansão no Brasil.....	139
<i>As teorias sobre a origem dos batistas</i>	139
<i>Princípios e doutrinas batistas.....</i>	141
<i>Missão de evangelizar e batizar</i>	144
<i>O simbolismo do batismo.....</i>	146
<i>A inserção de missionários batistas no Brasil e no Ceará</i>	148
<i>A introdução do protestantismo em Camocim, “terra de bom Jesus dos navegantes” ...</i>	151
<i>O pioneiro batista: missionário Eurico Alfredo Nelson.</i>	153
<i>Os primeiros grupos de protestantes na cidade</i>	154
Missionárias batistas e os desafios da evangelização em Camocim nos anos 1980	157
<i>Chegada das missionárias na cidade e as primeiras ações</i>	157
<i>O estranhamento da comunidade religiosa</i>	162
<i>O crescimento da congregação batista: conversões e batismos</i>	163
<i>A construção do templo e o seu significado para os primeiros membros.....</i>	166
<i>Cerimônia de inauguração do templo.....</i>	169
<i>A consolidação da Primeira Igreja Batista de Camocim</i>	170
<i>O estado atual da igreja</i>	171
<i>Diversidade religiosa em Camocim</i>	174
Referências.....	177

PREFÁCIO

De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.

Ítalo Calvino, *Cidades invisíveis*

Acreditamos que a história acende uma chama no coração das pessoas. Ilumina recantos da existência social, ressignifica acontecimentos, quebra silêncios, multiplica vozes, cria expectativas, pluraliza o tempo, fazendo do presente uma ponte para se pensar o passado e o futuro, contribuindo assim para que tenhamos capacidade de relativizar a temporalidade em que vivemos, possibilitando-nos inferir que o tempo é a nossa matéria. O tempo saturado de memórias, de embates entre esquecer e lembrar. O tempo que se acumula em casas, becos, ruas, praças, avenidas, na pedra e no sonho, no agora e no amanhã.

Por isso enfatizamos que a história comporta tempos e espaços. Por isso inferimos que as cidades são importantes campos de reflexão para os historiadores, porque todas as cidades são feitas de diversas temporalidades e de múltiplas espacialidades. Talvez por isso o poeta francês Charles Baudelaire tenha escrito que *a cidade muda mais rápido do que o coração de um homem*. E muda mesmo. E nos faz mudar. E nós fazemos a mudança, porque quando a cidade muda, nós mudamos também.

A cidade, portanto, é um dos canteiros de trabalho mais profícuos dos historiadores. Sobre Camocim, por exemplo, quantos trabalhos refletem sobre sua história, passado e presente? Para quantos de nós Camocim é a cidade dos trens que já não existem mais, a não ser na saudade? A cidade do porto? A cidade dividida em tese, entre o porto e a estação, temática cara às reflexões do historiador camocinense Carlos Augusto Pereira dos Santos. O que a historiadora Maria Célia Pereira dos Santos vem refletir com relação à história da cidade, no entanto, abre outras portas para o entendimento de seu passado e, conseqüentemente, de seu presente. Seu trabalho *Ergueu-se*

um Templo a Bom Jesus dos Navegantes: a escrita da história sob a ótica religiosa em Camocim-CE, entre 1905 e 1917, é de fundamental importância para que possamos pensar a cidade numa outra ótica que, evidentemente, é também parte sensível da vida de muitas pessoas.

Francisco Dênis Melo

PARTE 1

O CENTENÁRIO DA MATRIZ DE CAMOCIM-CE

Maria Célia Pereira dos Santos

Ao meu maior exemplo de amor ao próximo, meu eterno vaqueiro: Vô Joaquim Zeca (*in memoriam*).

INTRODUÇÃO

Da curiosidade em se desvendar os mistérios envoltos a uma cidade atrelada a manifestos religiosos, de uma cidade germinada pela influência da Igreja Católica, cuja própria história parecia incutida nos traços da religião, viu-se então a necessidade de se buscar respostas acerca disso, através da análise da escrita do Primeiro Livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, instituída em 1883 na cidade de Camocim, emancipada politicamente em 1879, esta, situada na região Norte do Estado do Ceará.

Buscou-se compreender o processo de construção da igreja matriz de Camocim, para tanto, trabalhamos com fontes documentais, tendo como referência o próprio Livro de Tombo. Analisamos assim, esta grande obra a partir da edificação de sua antiga capela, em 1880, e sua retomada em 1905, elencando os passos articulados à concepção de cidade, que se fazia acontecer na época, sob a base da religião católica.

Trabalhou-se ainda com as fontes impressas, com os jornais da época, obtendo-se recortes fotográficos e escritos acerca da construção da igreja matriz, que intercalam com a própria escrita do Livro de Tombo. O recorte temporal foi definido acerca da continuidade das obras da matriz e a chegada do padre José Augusto da Silva à cidade, aos últimos relatos sobre a construção, em face da benção da matriz, 1905-17.

Enfatizou-se na escrita desta história, em vieses religiosos, notando a importância de tais relatos do Livro de Tombo, para registro da história local, tendo como principal foco o desenvolver da igreja matriz da cidade, permeando seu crescimento, intercalado a essa construção.

Assim, a pesquisa teve início com o processo de digitalização da principal fonte, o primeiro Livro de Tombo da paróquia, este que foi iniciado pelo primeiro pároco da cidade, padre Leandro Teixeira Pequeno¹, em 1904, e continuado pelos seus sucessores, ao passo que é encerrado em 1930. Buscou-se compreender o processo de crescimento da cidade de Camocim, que

1 Nasceu em Icó, a 02 de fevereiro de 1855. Coadjutor de Granja a 02 de maio de 1879. Primeiro Vigário de Camocim, 19 de janeiro de 1883 – 03 de setembro de 1884. Vigário de Camocim a 22 de outubro de 1895 – 07 de maio de 1897. Faleceu em Fortaleza a 11 de dezembro de 1904 (Silveira, 2004).

se fazia presente na hegemonia católica, com isso, foi analisada a escrita da época, sob a visão do quinto pároco da cidade, e também primeiro prefeito, o padre José Augusto da Silva².

A pesquisa referencia-se teoricamente na história cultural, enraizada na preservação da memória coletiva, discutida por Jacques Le Goff, sobre a necessidade do historiador em trabalhar com certos documentos que requerem dele a devida atenção mediante às suas concepções. Evidencia-se ainda a importância que se dá ao *homem* em suas bases religiosas, a partir do pensamento de Mircea Eliade, referente ao *mundo em caos*, que deve ter algo a se firmar, para tanto se utiliza da religiosidade como princípio para existência.

O trabalho com as fontes documentais traz uma significação no processo da escrita histórica retratada no Livro de Tombo, fazendo-se notória a importância de tal fonte para a escrita da história, assim como outros documentos eclesiásticos, pois estes remontam a várias faces de uma determinada época, podendo evocar demasiadas problemáticas a partir da sua análise. O primeiro capítulo nos remete a essa vertente.

No segundo capítulo discute-se a respeito da construção da igreja matriz, trazendo as referências dos relatos do Livro de Tombo, percebendo as dificuldades encontradas no decorrer das obras, remetendo a falta de recursos, que muitas vezes paralisaram os trabalhos. Tivemos esse episódio como centro de nossa pesquisa, denotando a relação entre a Igreja e o prenúncio do desenrolar da história da cidade de Camocim, como análise, o ir e vir das obras, que trouxeram uma movimentação significativa àquele lugar.

Enfatiza-se ainda em um terceiro capítulo a imagem magnífica do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, procurando denotar a sua importância para a comunidade local, tendo em vista a sua escolha como padroeiro da cidade, bem como os aspectos intrigantes relacionados à mudança significativa da data original da festa do padroeiro de janeiro para novembro.

Conhecer a história de Camocim traz aos olhares dos historiadores demasiada atenção, pois demonstra aspectos relevantes ao estudo do cotidiano. Podendo acrescentar ainda com esta pesquisa resultados satisfatórios à história da cidade, preservando a memória coletiva, sobre uma ótica que ainda requer bastante estudo e análise historiográfica: a ótica religiosa.

2 Nasceu em Guaramiranga a 18 de agosto de 1882. Ordenação em Fortaleza a 08 de abril de 1905. Vigário de Camocim, de 25 de janeiro de 1906 até 31 de dezembro de 1929, também foi o primeiro Prefeito da Cidade no ano de 1919. Construiu a Matriz de Camocim e outras capelas da cidade, remodelando a de Guriú, construindo ainda o Palacete da Câmara Municipal. Foi nomeado camareiro secreto de Papa Pio XII em janeiro de 1951. Faleceu em Fortaleza em 14 de abril de 1972 (Silveira, 2004).

O PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA DO SENHOR BOM JESUS DOS NAVEGANTES (1904 -1920)

Por meio deste capítulo, apresenta-se a principal fonte histórica para a realização desta pesquisa, o primeiro Livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, datado entre o período de 1904 e 1930, material usado como ferramenta fundamental ao serviço do historiador, que deve buscar descrever os fatos relativos aos paroquianos de Camocim-CE no início do século XX, remetendo ao viés religioso, que a maioria dos municípios cearenses detinha entre suas bases primordiais de existência.

Mostraremos ao longo do capítulo as dimensões da escrita da história a partir de fontes eclesásticas, analisando a criação da cidade e sua ligação direta com a religião católica que predominava até então nessa região cearense, levando em conta os aspectos históricos enfatizados no próprio Livro de Tombo acerca da cidade de Camocim e sua fundação.

Documetos Eclesiásticos

Os registros eclesásticos são de extrema importância para a escrita da história, e essa necessidade de se manter vivo o passado sob a forma de manuscritos advém ainda do Brasil Colonial, em que os religiosos obtinham a função de coletar dados relevantes dentro do espaço eclesial, como registros de batismos, casamentos, dentre outros aspectos.

Os registros paroquiais de batismo, casamentos e óbitos generalizam-se a partir do Concílio de Trento (1545-1563) e ocupam lugar de destaque no desenvolvimento historiográfico, sobretudo da Demografia histórica. Para o Brasil, a produção de registros paroquiais assumiu alguns contornos específicos. Até a Proclamação da República, em 1889, o clero assumiu um importante lugar na máquina burocrática do Estado colonial e imperial.³

3 Boschi; Otelho, 2008, p. 112.

Percebemos que até a proclamação da República no Brasil, o clero se torna claramente responsável por constituir um papel no cenário imperial. O Estado detinha a função de criar paróquias, remunerar os padres, e a estes cabia o registro de todos os acontecimentos da localidade em que trabalhavam, assim, se via desde os primórdios a importância de se registrar a memória, até para fins burocráticos, como o crescimento demográfico. Com o decorrer do tempo, os párocos seriam responsáveis por enviar relatórios semestrais ao Estado sobre o andamento de suas paróquias. Muitos desses registros coloniais e imperiais não foram preservados, portanto, o que se tem desse período é muito pouco.

De maneira resumida os arquivos católicos preservaram escassa documentação para os séculos XVI e XVII, começando a ser mais expressivos a partir do século XVIII. Seria de esperar que essas fontes, em especial os registros paroquiais realizados durante os períodos colonial e imperial, fossem de livre acesso ao público, já que a igreja, por intermédio do Padroado Régio, atuava como autêntico serviço público.⁴

Assim, podemos compreender que a partir do século XVIII os registros paroquiais começaram a ser mais valorizados, sendo válido citar o livre acesso a tais documentos, pois a Igreja mantinha um acordo com os reinos de Portugal e Espanha, atuando então, no serviço do Estado.

Vale ressaltar a importância desses registros eclesiásticos para a historiografia, pois denotam aspectos relevantes do limiar da história do Brasil por meio da ótica religiosa, desde o Brasil Império. Os Livros de Tombo são mais um tipo de documento acrescido com o tempo, no que tange ao espaço do cotidiano das paróquias, e que detêm ricas informações e que merecem a devida atenção e preservação.

O Livro de Tombo e o Historiador

“A expressão Tombamento e Livro de Tombo, provém do Direito Português, onde a palavra *tombar* tem o sentido de registrar, inventariar inscrever bens nos arquivos do Reino.”⁵ Assim, percebemos que *tombar*, além de regis-

4 Site: <http://profludfuzzimetodologia.blogspot.com.br/2010/09/documentos-ecclesiasticos-metodologia.html>. Acesso em: 30 jan. 2016.

5 Site: <http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=46>. Acesso em: 15 nov. 2015.

trar, também significa proteger algum bem que mereça preservação, no caso dos Livros de Tombo, além de registrarem a memória local, ainda devem ser mantidos sob a proteção necessária para a preservação de tais documentos.

Segundo o artigo 3º da Lei Estadual Nº 1. 211⁶, os Livros de Tombo são subdivididos em quatro categorias, a saber: arqueológico, etnográfico e paisagístico, das belas artes, das artes aplicadas e o histórico, que remonta às coisas de interesse histórico e obras de arte histórica. Para a pesquisa histórica, as fontes paroquiais são de extrema importância no processo da escrita em diversas áreas.

Merece destaque, ainda, a importante obra de John Monteiro, *Negros da terra*, que fez uso desses registros para a difícil tarefa de reconstituir a população de índios administrados em São Paulo colonial. Para período mais recente, a historiadora Maria Luíza Andreazza também recorreu aos registros paroquiais para entender uma comunidade de imigrantes ucranianos no Paraná, com resultados bastante interessantes.⁷

Ao trabalhar com esse tipo de fonte, o historiador pode analisar e investigar diversos assuntos, desde a questão demográfica a situações que remetem ao desenvolvimento sociocultural de determinada época. Para a realização desta pesquisa, não poderia ser diferente. Na análise da escrita da época, sob a ótica do Livro de Tombo, puderam ser investigados os prenúncios do que viria a ser hoje a bela matriz de Camocim. Segundo Jacques Le Goff,

A leitura dos documentos, não serviria, pois, para nada se fosse feita com ideias preconcebidas [...] A sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhe acrescentar nada do que eles não contêm.⁸

Torna-se relevante ao historiador o estudo detalhado de suas fontes, pois o documento solicita a devida atenção, sendo que dele são retiradas as versões dos fatos passados. Trabalhar com documentos requer ainda cuidados,

6 Lei Estadual criada pela Secretaria da Cultura do Estado do Paraná. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. Ver: www.patrimoniocultural.pr.gov.br. Acesso em: 15 nov. 2015.

7 Pinsky, 2008, p. 28.

8 Le Goff, 2013, p. 120.

pois devemos observar o que está contido em suas entrelinhas e a partir deles poderemos apresentar vertentes sobre determinados fatos históricos.

O historiador precisa analisar bem tais fatos para que se obtenham noções de determinados acontecimentos, apropriando-se assim de fontes riquíssimas, como é o caso dos documentos eclesiásticos. Foi de extrema importância a leitura de tais vestígios para então compreender melhor o processo de construção da igreja matriz, iniciada em 1880, em face aos contornos de desenvolvimento da cidade, recém-emancipada em 1879.

Trabalhar com o Livro de Tombo traz à tona a memória coletiva de uma determinada época, portanto, torna-se fonte propícia para uma investigação histórica do passado. Com o advento da Escola dos Annales, surge a necessidade de se ampliar a noção de documento, ganhando com isso visibilidade os documentos paroquiais. “O registro paroquial, em que são assinalados por paróquias, os nascimentos, os matrimônios, e as mortes, na história das ‘massas dormentes’ e inaugura a era da documentação de massa”.⁹

Assim, esses documentos conservam uma memória coletiva, devidamente reconhecida no tempo como a memória de alguns, pois demonstra o cotidiano de determinadas populações. Documentos de origem religiosa são considerados fontes aptas para a escrita da história, pois trazem importantes relatos sobre o cotidiano das paróquias, revelam fontes ligadas ao crescimento da população, como é o caso dos livros de batismo. Muitos desses documentos não são de fácil acesso, segundo Pinsky,

Os arquivos de natureza religiosa no Brasil são detentores de grandes conjuntos documentais, nem sempre facilmente acessíveis. Os mais notórios são os da Igreja Católica, cujos acervos estão reunidos nas cúrias diocesanas, sob os cuidados de serviços de arquivos em geral bastante precários e desconfortáveis, que costumam improvisar o atendimento quando surgimento inesperado de um pesquisador.¹⁰

Para o historiador, trabalhar com tais fontes manuscritas requer paciência, conhecimentos práticos, como de paleografia, ou seja, entender as

⁹ Pinsky, Op. Cit., p. 491.

¹⁰ Ver: <http://profludfuzzimetodologia.blogspot.com.br/2010/09/documentos-eclesiasticos-metodologia.html>. Acesso em: 05 dez. 2015.

antigas formas de escrita, incluindo sua datação, decifração, origem, interpretação, o que muitas vezes dificulta seu trabalho no decorrer da pesquisa.

Esses tipos de documentos são encontrados nas paróquias e cúrias diocesanas, o que por vezes dificulta o acesso por serem, em alguns casos, documentos sigilosos, mesmo assim, atualmente, com determinadas autorizações dos membros eclesiais para devidos fins de pesquisa acadêmica, podemos ter acesso a essa documentação rica para a escrita historiográfica.

Usar tais fontes leva o historiador *de volta* a um passado remoto, buscando não resgatá-lo, mas construir algo a partir das experiências registradas nesses documentos. O uso dos arquivos eleva o pesquisador à sua infinita sensação de desbravador, de conhecedor e questionador. Mesmo não remetendo a verdades, os Livros de Tombo trazem a ótica de um tempo que jaz muitas vezes esquecido dentro dos armários das paróquias e cúrias diocesanas.

O trabalho com fontes manuscritas é, de fato, interessante, e todo historiador que entra por essa seara (sic) não se cansa de repetir como os momentos passados em arquivos são agradáveis [...] O abnegado historiador encanta-se ao ler os testemunhos de pessoas do passado, ao perceber seus pontos de vista, seus sofrimentos, suas lutas cotidianas.¹¹

Assim, o historiador busca lançar-se na seara do passado, que pode infiltrar-se no presente de maneira sufocante e não dar espaço para a respiração. É um fascínio extremamente inexplicável, só quem pesquisa e investe nisso consegue entender o que esses arquivos, esses papéis velhos, podem trazer ao olfato do historiador.

Remeter ao uso dos Livros de Tombo, nesse caso, é de grande importância para a conquista de tal trabalho. Neles se desdobra um passado desconhecido, causando uma interlocução ao se acessar cada folha, cada manuscrito investigado. Ao trabalhar com os Livros de Tombo, o historiador deve perceber que há certa relação entre o material e o imaterial. Para Assunção,

É imperativo que a sociedade despenda mais atenção aos assuntos do patrimônio e que devemos ver o patrimônio como expressão da cultura de um povo, da humanidade toda:

11 Pinsky, *Op. Cit.*, p. 24.

“Descobrir o sentimento do patrimônio e refletir sobre o significado da experiência humana legada de geração para geração.”¹²

Através dos relatos propostos pelos padres, devemos entender os processos de desenvolvimento da criação de um patrimônio, este que remete à memória e à cultura local. O real se abastecia na existência da escrita e o imaginário da vivência das comunidades de uma determinada região, na qual serão encontrados vestígios de épocas além-mar que, de alguma forma, permanecem no presente. A escrita nos revela a memória dos acontecimentos passados, fazendo com que eles sejam preservados e transmitidos às futuras gerações.

Os Livros de Tombo auxiliam o historiador na busca por memórias que contêm do ontem e reflitam no hoje, para que assim se obtenha noções do cotidiano dos sobreviventes de um momento talvez esquecido da história, mas nunca morto, pois os acontecimentos tramitam nos espaços e no tempo oportuno, no qual se fazem presente. No decorrer desta pesquisa, encontraremos registros escritos de alguns padres, dentre eles o que esteve à frente das obras da matriz, o Padre José Augusto da Silva, que denota significados relevantes acerca do cotidiano da cidade que crescia à sombra de uma construção, a sua igreja matriz.

Figura 1 - Padre Monsenhor José Augusto da Silva – 5º Pároco de Camocim



Acervo: Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes.

¹² Assunção, 2003, p. 88.

Padre José Augusto da Silva, natural de Guaramiranga-CE, foi ordenado em Fortaleza a 08 de abril de 1905 e, logo após pouco mais de um ano, foi designado como pároco na cidade de Camocim, em 31 de dezembro de 1906, tomando posse em 10 de fevereiro, exercendo até 31 de dezembro de 1929. De modo geral, era bem visto pelo povo da cidade, sendo bastante querido. Ele não mediu esforços para a construção da matriz. Algo digno de menção é o fato dele ter sido o primeiro prefeito de Camocim, questão na qual nos deteremos logo mais.

Segundo consta no Jornal *Folha do Littoral*¹³, edição de 1919, o Pe. José Augusto da Silva foi empossado no cargo de prefeito no dia 22 de maio de 1919. Fato interessante que interliga os espaços sociais da época. Os paroquianos em geral insistiam para que o padre aceitasse o cargo, pois ele não desejava assumir tal função.

Justa e espontanea homenagem tem recebido constantemente o Revdo. Padre José Augusto da Silva do pòvo de Camocim pela sua recente nomeação de governador desta cidade. A alegria geral que se vem notando em todos os municípios é por demais significativa, ainda mais quando, se bem com a maior esperança, o pòvo não acreditava que seus desejos se tornasse tão cedo em realidade.¹⁴

Padre José Augusto era benquisto pelo povo, e todos aspiravam sua nomeação, mas segundo conta o jornal, ele era contra o cargo, só com muita força e motivação dos católicos em geral, inclusive por vontade do Presidente da Província do Ceará na época, João Tomé de Saboia e Silva, ele aceitou, mas só ficou no cargo durante um ano.¹⁵

13 O Jornal *Folha do Littoral* de 1919 é um dos muitos que circulavam em Camocim entre os anos de 1984 e 1941, sendo que a periodicidade variava entre semanários, quinzenários e mensários. Os jornais eram patrocinados por algumas empresas da época, entre elas, Typ. Commercial de Pessoa & Cia e Officinas Typographicas da Gazeta de Camocim. Ver: www.camocimpotedehistorias.blogspot.com.

14 Fonte: Jornal *Folha do Littoral*. Orgao Commercial e de Informações Geraes. Ano 2. N. 50. Camocim. 1919. Ver: Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

15 Desde 1919 que se tem a figura do prefeito na administração pública em Camocim. Também foram chamados de intendentes e interventores, de acordo com o período político. O segundo prefeito do lugar se chamava: Tte. Cel. José Vitorino de Meneses, que assumiu no ano seguinte em 1920. Disponível em: www.camocimpotedehistorias.blogspot.com. Acesso em: 10 nov. 2016.

O primeiro olhar sobre o Livro

Para obter relatos mais precisos a respeito da construção da igreja matriz de Camocim, foi necessária a análise dos manuscritos dos Livros de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, que conta com três livros, dos quais foi feita uma análise mais precisa do primeiro volume. Os livros ainda se encontram no acervo da própria paróquia, guardados em um armário. Eles devem ser direcionados ao arquivo da Diocese de Tianguá, com sede na cidade de Tianguá, após o seu fechamento, até mesmo para uma melhor guarda e manutenção, porém, até o devido momento, estes ainda se encontram na Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, em Camocim.

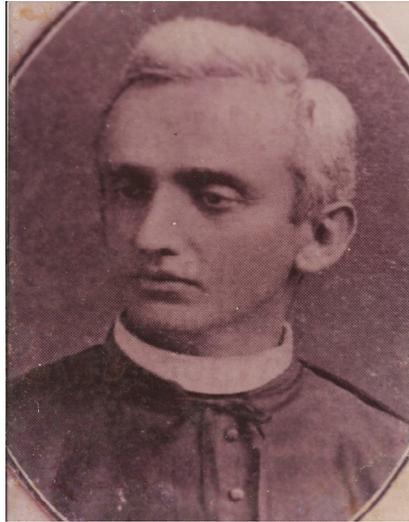
O arquivo da paróquia detém, além dos Livros de Tombo, que já está no quinto, este ainda sendo escrito, os livros de batismo e casamento, sendo o primeiro livro datado do ano de 1883, logo com a criação da paróquia. Vale mencionar que a Diocese de Tianguá guarda em seu arquivo algumas cópias destes. Os livros, de modo geral, estão em bom estado e aptos para pesquisas. Foi possível o acesso a tais documentos com o aval do atual pároco da cidade, o Rev. Padre Francisco Evaldo Carvalho Carneiro¹⁶.

Para uma melhor análise do primeiro Livro de Tombo, foi necessária a sua digitalização para que os escritos fossem preservados de maneira mais segura a futuras pesquisas. Assim, pretende-se estender a digitalização aos demais livros existentes na paróquia, no intuito de guardar e preservar a memória dos manuscritos. O livro em questão, que usarei como fonte, é datado dos anos de 1904 a 1930, requerendo alguns cuidados devido ao seu estado de conservação. Algumas folhas estão deterioradas, sendo que alguns escritos não podem ser decifrados. O livro foi Aberto pelo primeiro Pároco de Camocim, o Rev. Padre Leandro Teixeira Pequeno¹⁷, em 04 de março de 1904, em Granja-CE.

16 Nasceu em 03 de setembro de 1958, na cidade de Chaval-CE. Ingressa no Seminário Diocesano Santa Cruz de Goiânia no dia 09 de fevereiro de 1983. Torna-se Diácono no dia 22 de outubro de 1990, e ordena-se Padre no dia 04 de agosto de 1991, em Chaval-CE, sendo o primeiro Sacerdote ordenado pelo então Bispo da Diocese de Tianguá, Dom Francisco Javier Hernández Arnedo – OAR (Silveira, 2004).

17 Nasceu no Icó a 02 de fevereiro de 1855. Ordenação em Fortaleza, em 30 de novembro de 1888. Faleceu em Fortaleza a 12 de dezembro de 1904 (Silveira, 2004).

Figura 2 - Padre Leandro Teixeira Pequeno



Fonte: <http://granjanossahistoria.blogspot.com.br/p/o-dr-jose-privat.html>.

Segundo o Livro de Tombo, a freguesia¹⁸ de Camocim, que antes pertencia a Granja, foi inaugurada em 02 de fevereiro de 1883, pelo então Pároco Pe. Leandro Teixeira Pequeno, que foi sucedido pelo Pe. Francisco Ignácio Costa Mendes, em outubro de 1884. Em 27 de outubro de 1895. O Pe. Leandro Teixeira Pequeno retorna a Camocim novamente como pároco e ao mesmo tempo pró-pároco de Granja, ou seja, atuava como vigário em Granja, podendo denotar ainda como pró-pároco, sendo o pároco de uma futura paróquia.¹⁹ O Livro de Tombo revela importantes informações sobre os primórdios da Paróquia camocinense, numa época em que ainda pertencia à comarca de Granja, em 1883. Vale ressaltar que a cidade havia sido emancipada em 1879, e logo após cinco anos já se predispunha a criar sua própria paróquia.

Somente em 1904, os primeiros vestígios da história da Igreja foram constatados no Livro de Tombo, dentre eles o princípio da criação da paróquia, em 1883, e logo mais relatos voltados à construção da matriz, feitos pelo seu 5º Pároco, o Padre José Augusto da Silva. Padre Leandro Teixeira Pequeno foi o

18 Freguesia significava a parte do território de uma diocese confiada à direção de um pároco: paróquia. Ver: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016.

19 Cân. 516 § 1. Salvo determinação contrária do direito, à paróquia se equipara a quase paróquia que é, na Igreja particular, uma determinada comunidade de fiéis confiada a um sacerdote como a pastor próprio, ainda não erigida como paróquia por circunstâncias especiais.

primeiro a escrever tais registros, mas ficou em Camocim por pouco tempo. Depois dele, seus sucessores continuaram a tarefa de deixar escrita a memória de um povo e suas relações com a religião católica, pois nele são postos os acontecimentos cotidianos da paróquia.

No livro estão ainda rememoradas algumas visitas pastorais do Bispo Diocesano na época, Dom Joaquim José Vieira²⁰, além de cartas pastorais de recomendações enviadas por ele às paróquias vinculadas à Diocese do Ceará, esta fundada em 1853 através de um decreto do Imperador Dom Pedro II, onde no ano seguinte, o Papa Pio IX expediu a Bula *Pro animarum salute* (Para a salvação das almas) criando então a Diocese nos trâmites da Igreja.²¹

O livro é escrito ainda pelo Rev. Padre José Augusto da Silva, responsável pelo andamento das obras da igreja matriz de Camocim, como já citado anteriormente. Logo após sua saída, encontramos escritos do Rev. Padre Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro²², em seguida, do seu sucessor, o Rev. Padre Manuel Henriques de Araújo²³. O livro contém 39 folhas escritas, sendo em sua maioria relatos do Padre José Augusto da Silva, apresentando ainda pequenos trechos de posses dos párocos após sua renúncia em 1929. Encontramos ainda um breve histórico da cidade de Camocim e cópias de alguns traslados de doações de terras, dentre elas a da doação das terras para a construção da igreja matriz.

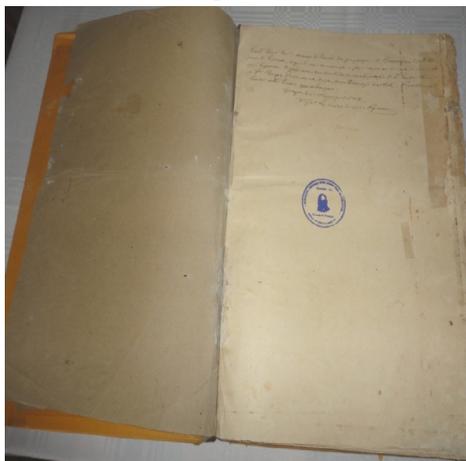
20 **2º Bispo do Ceará** - Nasceu em Itapetininga, São Paulo, em 17 de janeiro de 1836. Indicado para o Bispado do Ceará por Decreto Imperial de 03 de fevereiro de 1883, foi confirmado por Leão XIII aos 09 de agosto. Foi sagrado em 09 de dezembro de 1883 e empossado em 24 de fevereiro de 1884, data em que chegou a Fortaleza. Apresentou seu pedido de renúncia a 14 de março de 1912 e este foi aceito pela Santa Sé, a 16 de setembro de 1912. Permaneceu no Ceará e só embarcou para São Paulo em 1914. Faleceu, em Campinas, a 08 de julho de 1917. Ver em: Arquidiocese de Fortaleza. Disponível em: <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/historia/bispos-antiores/20-bispo-dom-joaquim-jose-vieira/>. Acesso em: 18 nov. 2015.

21 Ver: <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/>. Acesso em: 24 nov. 2015.

22 Nasceu em Cachoeira, a 12 de dezembro de 1885. Ordenação em Fortaleza a 6 de fevereiro de 1910. Depois de curar as paróquias de Ibiapina, de Meruoca, o curato da Sé de Sobral e a paróquia do Patrocínio, foi provisionado para Camocim, onde esteve quase um ano, transferindo-se após para a Diocese do Crato, onde reside (Silveira, 2004).

23 Nasceu em Meruoca a 10 de dezembro de 1897. Ordenação em Sobral a 30 de janeiro de 1927. Vigário de Camocim, em outubro de 1930 a 26 de Janeiro de 1939. Posse em 09 de novembro (Silveira, 2004).

Figura 3 - 1º Livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes



Fonte: Arquivo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes. Camocim-CE.

A Ótica Religiosa

A escrita da História dos povoados brasileiros liga-se diretamente a questões religiosas, bem como os municípios cearenses que atrelam sua existência a bases diretas que envolvem a Igreja como espaço centralizador e disseminador de cultura.

Tais povoadamentos se estabeleciam, em sua maioria, em chão sagrado, em “terras santas” pertencentes à Igreja, que ao levantar seus cruzeiros, oratórios ou templos, adotavam seus oragos e padroeiros, passando a aglomerar um número considerável de moradores ao redor, organizando-se a partir do sentimento religioso que operava em suas vidas. Grande parte das fazendas criatórias apresentava uma capela, ponto de congregação dos moradores, tornando-se gênese de futuras povoações.²⁴

Podemos evidenciar a presença da Igreja Católica em tempos remotos, na construção da identidade local dos povoados cearenses, permeando tal formação desde o início, permitindo estabelecer vínculos com a história desses lugares, buscando garantir o credo na religião, concentrando-se em bases culturais alocadas no desenvolvimento dos municípios a partir da Igreja.

24 Reis, 2000, p. 98.

Todavia, podemos perceber que não somente o alicerce da Igreja firmaria a existência de determinados locais, pois além da religião que envolvia tais povoados, outras bases culturais e econômicas entrelaçavam o estabelecimento de uma futura cidade. Uma dessas bases, que inclusive atraía pessoas de outras cidades, era o emulsionamento do Porto e da Estação Ferroviária, inaugurada em 1881, sob a direção do Dr. Engenheiro José Privat. “[...] uma cidade nascida no regaço de um porto e um leito de uma ferrovia, comuns a tantas outras cidades, mas que despertaram o interesse e a análise do historiador em suas especificidades”²⁵. Percebemos a presença forte de uma cultura que aos poucos se formava no entrelaçamento do povoados que vinham de fora e misturavam-se aos camocinenses em busca de uma identidade.

Em Camocim, podemos encontrar na escrita do Livro de Tombo, um pequeno histórico sobre a cidade, onde compreendemos o limiar da história da mesma, intercalando seu desenvolvimento com bases fixas em terrenos católicos, assim podia-se notar que a construção da igreja matriz prenunciava um dos fatores principais ao início de uma história religiosa, ou seja, da fixação de uma cultura eclesial que se ligava ao crescimento populacional daquele lugar, inculcido em diversos vieses. Pensamos nisto claramente ao denotar a escrita da história da cidade em documentos da Igreja, onde podemos perceber a estrutura dos fatos interligados entre si, assim sendo, o começo, em registro nos autos da própria Igreja, que se fazia presente naquele momento.

A ótica religiosa demanda a escrita de uma história, e não somente a escrita, mas ainda a vivência desses lugares, dessas cidades que se viam por bases católicas, que se misturavam ao poder local, e que daí nascia a efervescência de uma cultura, de uma sociedade atrelada ao seu tempo. A religião sempre atuou como base comum aos espaços da história e cotidianamente permaneceu como instrumento de continuidade e desenvolvimento destas cidades.

Percebemos de início a presença da Igreja Católica, que fazia parte do nascimento dos povoados do estado do Ceará como um todo, inclusive na criação e provisão das cidades. De fato, é válido ressaltar essa influência que diretamente se via por parte dos poderes eclesialísticos, além do poder político local que significava o alvorecer dos povoados recém-emancipados.

Assim, o desenho dessas vilas obedeceu às formas primitivas das povoações, respeitando em parte, as construções mais importantes: as capelas, estabelecidas como o primeiro mar-

25 Santos, 2014, p. 129.

co norteador, organizando “normalmente” o incipiente espaço ao redor de si, antecipando os símbolos públicos instalados pelos governadores.²⁶

As capelas marcavam um dos principais espaços na criação dessas vilas, além da câmara municipal e a cadeia, ou seja, tudo girava em torno da capela. Como até hoje se vê em muitos municípios, a Igreja, a Prefeitura e a cadeia pública localizavam-se próximas.

Assim, para entender melhor a história da cidade de Camocim e sua ligação direta ou indireta com a religião católica, poderemos nos debruçar sobre a construção da igreja matriz, espaço social e cultural que predizia os vestígios da história de um povo por meio de uma visão ligada à religiosidade, que consta de fonte significativa no desenrolar dos fatos desta época. O Livro de Tombo traz um histórico em formato de monografia, retratando a história da cidade e de como se deu sua criação.

Situada ao Sul da Capitania, doada em 1535, ao historiador João de Barros, associado a Aires da Cunha e Fernando Álvares de Andrade, a região do Camocim permaneceu praticamente indevassada até 1792 quando se registraram tentativas de aldeamento pelos índios tremembés que dominavam a costa.²⁷

Segundo o Livro de Tombo, a região de Camocim ainda não podia ser revelada, ou seja, colonizada, quando somente em 1792, os índios tremembés deram os primeiros passos para a habitação daquele lugar. Segundo o mesmo histórico, a família Gabriel Rodrigues da Rocha, advinda de Tutóia, ao norte do Maranhão, foi a primeira a chegar a Camocim. Um fator que levou muitas outras famílias a migrarem para Camocim seria a busca por terras férteis, muitos da própria região, que fugiam das secas, e viram no litoral melhores ares e novas chances de recomeçar.

[...] A freguesia foi instalada em 1883 sob a invocação de Bom Jesus dos Navegantes. O ato provincial de 16 de Maio de 1868 criou o distrito policial de Camocim e a Lei Provincial nº 1.786 de 23 de Dezembro de 1878, o distrito de paz.²⁸

26 Silva Junior, 2015, p. 42.

27 1º Livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes. 1904-1930, F. 68.v.

28 Idem, F. 68.v.

Aos poucos o povoado foi crescendo, então de Distrito policial, em 1868, passou à categoria de Distrito de paz em 1878, e um ano depois, elevou-se a município. Pode-se notar que a freguesia de Camocim, inaugurada em 1883, obtendo logo a nomeação do seu padroeiro, Bom Jesus dos Navegantes²⁹, o que provavelmente referenciava-se a proteção divina aos pescadores do lugar, pois o festejo teve início no Brasil em 1808, sendo celebrada pela primeira vez na cidade de Penedo, no Estado de Alagoas. A imagem de Bom Jesus é cultuada fervorosamente pelas comunidades ribeirinhas, que manifestam sua devoção a Cristo com grandes procissões e festas.

Figura 4 - Imagem de Bom Jesus dos Navegantes – igreja matriz de Camocim



Foto: Olivando Ferreira de Sousa.

Em 1882, a freguesia de Camocim foi instruída canonicamente, fazendo referência à religião católica, ou seja, a Igreja na época intervinha, junto com o Estado, na criação e nomeação dos povoados.

A comarca de Camocim foi criada pela Lei estadual nº 1943, de 8 de Novembro de 1921 suprimida duas vezes e finalmente

29 No Brasil, a celebração ao Senhor dos Navegantes foi introduzida em 1808 (Província da Bahia) pelos Portugueses Católicos, com a chegada da Família Real ao Brasil. Em Alagoas, na bela e histórica Cidade de Penedo, a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes surgiu em janeiro de 1884 (relatos de historiadores penedenses), com a realização de primeira Procissão, cuja imagem carregada no evento era o **CRISTO AGONIZANTE** ou **CRISTO CRUCIFICADO**, pertencente à Ordem Terceira de São Francisco, da Igreja Conventual de Santa Maria dos Anjos, portanto, há mais de um século. Ver: <https://sipealpenedo.wordpress.com/eventos-religiosos/bom-jesus-dos-navegantes/>. Acesso em: 12 dez. 2016.

restabelecida em 09 de Junho de 1948 (Lei nº 213) e instalada a 13 de Agosto do mesmo ano. É de 2ª entrância. Situado na zona fisiográfica do litoral Camocim limita-se com os municípios de Bela Cruz, Bitupitá, Acaraú, Granja e Chaval, e é banhado pelo Oceano Atlântico. A cidade, aos quatro metros acima do nível do Mar, tem as seguintes coordenadas geográficas: 2º 53'56 de latitude Sul e 40º 50'29" de longitude de W.Gr. Dista em linha reta 274 km de Fortaleza.³⁰

Todas as informações constam no próprio Livro, que abstraí para si um histórico rico em detalhes, mesmo que não se possa ter ideia de quem o escreveu, são fontes do começo do povoado, que se emaranhavam com o poder da Igreja, que logo estabelecería sua força dentro do município, com o levantar das primeiras paredes de sua capela, que logo depois se tornaria matriz.

A primeira planta foi criada pelo Dr. Engenheiro Privat³¹, em 1880, que foi o primeiro Diretor das obras da Estação Ferroviária de Sobral, e as obras, que tiveram início neste mesmo ano, foram concluídos em 1882, sendo feita a capela-mor sob direção de Dr. Beltrão Pereira, que conseguiu levantar a faixada da frente, arcadas e paredes laterais da nave principal da futura matriz.

Figura 5 - Engenheiro Dr. José Privat - Óleo de Descartes Gadelha



Fonte: <http://granjanossahistoria.blogspot.com.br/p/o-dr-jose-privat.html>.

30 1º Livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes. 1904–1930, F. 34.v.

31 O Dr. José Privat, engenheiro proficiente e culto, era natural do Rio de Janeiro, tendo vindo para o Ceará contratado pela extinta *Companhia Cearense de Via Férrea de Baturité*, onde dirigiu por muito tempo a construção daquela estrada, passando-se posteriormente para a Estrada de Ferro de Sobral, em 1881, e também fez o projeto da **Igreja Matriz de Camocim**, nessa mesma época. Ver: <http://granjanossahistoria.blogspot.com.br/p/o-dr-jose-privat.html>.

Vale ressaltar que sendo o município emancipado politicamente em setembro de 1879, logo após poucos meses, a preocupação era a construção de sua capela, ou seja, a futura igreja matriz, para que os católicos pudessem realizar seus cultos e assim, poderiam se estabelecer as bases da doutrina católica no lugar, onde seus habitantes viviam, talvez enraizados pela fé que predominava na época, mas que também buscavam uma identidade.

Não somente a Igreja traduzia a cultura daquele povo, mas segundo o próprio Livro de Tombo, se fazia predominante na época em que a cidade se desenvolvia diante de suas bases culturais, que aos poucos se manifestavam. Notadamente observamos isso num espaço em que a Igreja detinha um poder bastante significativo para a época. Por motivos culturais, as cidades cearenses baseavam-se em seu início sobre intermédio de um ponto fixo, esse que era a sua matriz.

Para que a Igreja fosse construída, houve uma doação das terras por parte do casal Martiniano de Andrade Pessôa e América de Andrade Pessoa, no ano de 1879, como consta uma parte da cópia do Traslado de doação e que está em registro no próprio Livro de Tombo.

Traslado

Escritura da doação que faz o alferes Martiniano de Andrade Pessôa e sua mulher America de Andrade Pessôa de duzentas e oitenta e nove braças quadrados de terra para a edificação de uma igreja como abaixo se declara. - Saibam quantos este publico instrumento de doação virem que no ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e nove aos doze dias do mez de Outubro, nesta povoação do Camocim, termo e Comarca de Granja, Provincia do Ceará, em o meu cartório fui chamado a casa do Alferes Martiniano de Andrade Pessôa reconhecido de mim escrivão interino, pelo próprio do que dou fé, e perante as testemunhas abaixo nomeadas e assignadas [...].

Logo no mês seguinte à sua emancipação política, percebemos o interesse do povo em construir a capela, onde já houve quem doasse as terras para a construção, fato que deixa nítida a questão da Igreja ser uma base para o nascimento de um município, da qual se ligava diretamente a religiosidade, ou seja, a fé do povo.

Vemos portanto, em que medida a descoberta – ou seja, a revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo. É por essa razão que o homem religioso sempre se esforçou para estabelecer-se no “Centro do Mundo”. Para viver no mundo é preciso fundá-lo – e nenhum mundo pode nascer no “Caos” da homogeneidade e da relatividade do espaço profano.³²

O homem necessita criar seu próprio espaço, mas para isso, precisa se situar-se sobre uma base, assim, acredita que essa força venha brotar da religiosidade, que se revela como meio para edificar as almas, e que no caso observado do caminhar de um povoado, o sagrado deveria ser o alicerce. Desse modo, podia nivelar-se a prosperidade do homem sob essa ótica, da qual o ponto inicial seria o entender-se como religioso, ou seja, basear-se na fé, no que vem do alto, para então construir seu próprio caminho pelo mesmo viés.

Podemos revelar deste modo as faces de uma construção, naquela cidade chamada Camocim, que aos poucos se via surgir na região Norte do estado do Ceará, que sombreava com as arcadas da matriz, que logo iam sendo erguidas, por assim pensar que o povo da época iniciava os comandos, ou seja, buscava sobreviver naquelas terras, e para isso se tomava a posição da fé, pois até as terras da Igreja haviam sido doadas pelos próprios moradores do lugar.

32 Eliade, 1992, p. 90.

A CONSTRUÇÃO DA IGREJA MATRIZ DE CAMOCIM

No segundo capítulo, nos deteremos sobre a construção da Igreja Matriz de Camocim, de modo mais detalhado, especificando os passos que transformaram a capela de Bom Jesus dos Navegantes em matriz de Camocim. Será questionado o espaço de tempo do início das obras, sua paralização até a sua retomada, com a chegada do padre José Augusto da Silva.

Enfocaremos ainda a questão da planta, cuja primeira versão teria sido perdida e que por isso uma nova teria sido criada, a fim de adquirir um melhor serviço. Assim, será questionada a qualidade dos materiais que foram utilizados no começo das obras, indagando a questão do desabamento da Igreja, após o reinício. O capítulo que se segue partirá da construção da Igreja, pedra, intercalando com as mudanças e intervenções da Igreja povo, sob os passos da identidade de uma cidade que aos poucos se moldava culturalmente.

A Igreja e a cidade

A Cidade de Camocim, situada ao Norte do Estado do Ceará, traz em seu nome vestígios indígenas, pois antes mesmo de sua emancipação política, podemos notar suas origens sob a presença de índios na região. Os índios eram em sua maioria Tremembés, além de outras etnias, como Tabajaras, Jurema, Jenipaboçu e Cambida, inclusive, antes mesmo dos portugueses ocuparem esse local, os franceses já negociavam através do escambo com os nativos.

O topônimo Camocim vem do Tupi Guarani e segundo Silveira Bueno: cambucy, camucym ou camotim vem do Tupi Guarani e significa buraco para enterrar defunto ou pote (vaso em geral). Há quem considere camotim como a urna funerária dos indígenas, também chamada de içaçaba Gonçalves Dias traduz *içaçaba* como louça.³³

33 Pesquise Camocim. Disponível em: <http://pesquisecamocim.blogspot.com.br/p/historia-camocimense.html>. Acesso em: 10 mar. 2016.

Vale ressaltar que os índios habitaram o povoado e deixaram seus costumes incutidos no espaço desse lugar, inclusive a própria escolha do nome da cidade teve influência indígena. Os índios que habitaram a região tinham o costume de enterrar os seus defuntos em um pote de barro, daí o nome Camocim. Habitado muito antes pelos nativos, em 1792 se deram as primeiras tentativas de aldeamento com os índios tremembés sob o poder dos portugueses, com a divisão territorial teria sido feita por Dom João III.

Após a emancipação da cidade, inclusive citada anteriormente, no próprio Livro de Tombo encontramos a doação das terras para a construção da futura matriz em honra do Bom Jesus dos Navegantes, em face da “preocupação” de se obter as bases que as cidades precisavam ter naquela época, em que a religião católica, incutida na fé das pessoas, era predominante, daí a necessidade de se erguer uma capela.

E Camocim, assim como as muitas cidades cearenses recém-fundadas, precisava de um templo. “Definitivamente, é graças ao Templo que o Mundo é ressantificado na sua totalidade. Seja qual for seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários.”³⁴ Ao menos era justificado que a presença de um Templo representava uma abertura à “pureza” da alma, que buscava na fé um sentido à sua existência. O santuário era o berço da construção da caminhada cristã.

A construção da primeira capela da cidade foi feita na mesma época da criação da Estrada de Ferro de Sobral, em 1880, sendo esta dirigida pelo Dr. Engenheiro José Privat, que também teve nas mãos a responsabilidade de construir uma planta para que se desse à população católica um local apropriado para sede da futura paróquia, ou seja, uma capela, que depois seria transformada em matriz.

O alvorecer da capela

A antiga capela de Camocim, que por muitos anos serviu de Matriz, foi iniciada em 1880 obedecendo a planta e direção do Dr. José Privat, primeiro diretor da construção da estrada de Ferro e concluída em 1882, a capela-môr, sob a direção do Dr. Beltrão Pereira que conseguiu levantar a faixada da frente arcadas e paredes laterais da nave principal da futura matriz.³⁵

34 Eliade, 1992, p. 92.

35 1º Livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes. 1904–1930, F. 31.

Assim, o próprio Livro de Tombo traz um relato sobre o histórico da construção da primeira capela, que durante anos serviu de matriz, e que somente depois seria dada a continuidade nas obras da mesma. Porque será que durante aproximadamente vinte e três anos as obras ficaram paradas, expostas ao sol e à chuva?

A paróquia de Camocim foi criada pela Lei Provincial de 05 de setembro de 1882, sendo canonicamente instituída por provisão de 19 de janeiro de 1883, com a nomeação do seu primeiro pároco, Leandro Teixeira Pequeno. Segundo consta no Livro de Tombo, o padre ficou à frente da paróquia apenas por um ano, logo sendo substituído por Francisco Ignácio Costa Mendes, sendo assim, desanexada a paróquia de Camocim da de Granja.

A cidade de Granja, muito antes de Camocim ser fundada, já existia, sendo que essa pertencia ao território de Granja, cuja paróquia foi criada em 1757, como consta no Primeiro Livro de Tombo. “A Freguesia de Granja foi nomeada, o antigo curato do Acarau por provisão do Bispo de Pernambuco, Dom Francisco Xavier Aranha a 30 de Agosto de 1757.”³⁶

Leandro Teixeira Pequeno assume novamente a freguesia de Camocim no caráter de vigário encomendado em 1895, sendo ao mesmo tempo pró-pároco de Granja e residindo em Camocim, que teve sua paróquia novamente anexada à de Granja, pois não havia outro padre que a assumisse diretamente. Em 1897, com a morte de Thomaz Teixeira Galvão, o então pároco de Granja, Leandro Teixeira Pequeno fora nomeado pelo Bispo diocesano a ser o vigário encomendado da paróquia de Granja, e assumindo ao mesmo tempo interinamente a paróquia de Camocim até 1905.

Durante os anos de 1895 a 1905, Camocim não teve um pároco fixo, vários sacerdotes passaram pela cidade, presumindo a paralização das obras da matriz. Será que a falta de um padre que ficasse à frente das obras ocasionou esse fato? Essa seria a resposta mais adequada para tais indagações, sabendo que as fontes dessa época são um pouco escassas, mesmo assim, nos leva a crer na hipótese de que a presença de um padre fixo na cidade pudesse influenciar no direcionamento de novas obras.

A cidade já evocava os primeiros passos com o caminhar de sua primeira paróquia. Em 1905, deu-se a chegada do padre João Teixeira de Abreu, que assumiu o lugar de coadjutor de Granja, mas resolveu residir em Camocim.

36 1º Livro de Tombo. Paróquia de São José. 1886 a 1890 – Granja-CE, F. 37.v.

Contudo, devido ao falecimento do pároco de Granja, Leandro Teixeira Pequeno, Abreu foi nomeado vigário de tal paróquia, sendo assim, Camocim passava novamente a ser anexada à paróquia de Granja.

João Teixeira de Abreu resolve dar continuidade aos trabalhos da matriz, impulsionando o futuro templo que se ergueria a Bom Jesus dos Navegantes. Para isto, criou-se uma comissão composta pelos seguintes nomes: Sr. Dr. João Thomé de Saboya e Silva ³⁷, Cel. João Brigute de Athayde, Cel. Antonio Mardonio de Prado, Cel. Severiano José de Carvalho, Júlio Cícero Monteiro, José Filadelfo Pessoa e Manuel Pinto. Vale ressaltar que Dr. João Thomé de Saboya fundou uma sociedade comercial com o título de Sociedade Arrendatária da Estrada de Ferro de Sobral, onde administrou a construção da ferrovia de 1897 a 1910, tendo como sócio o seu primo, Vicente Saboya de Albuquerque.³⁸

Algo interessante a se pensar é que essa mesma comissão que ficou à frente das obras da matriz foi dissolvida tempos depois por motivos obscuros. Segundo consta no próprio Livro de Tombo, não se pode ter uma ideia clara sobre o seu desfecho. Em 1906, novamente a paróquia de Camocim foi desanexada da de Granja, com a nomeação do novo pároco, Padre José Augusto da Silva.

[...] sendo muito bem recebido pelo povo. Aposei-me porem da parochia no dia 10 de Fevereiro, por ser Domingo, lendo a provisão e portaria de nomeação por ocasião da missa eventual. Como achava-se ausente o Parocho de Granja Pe. Vicente Martins da Costa passei por alguns dias regendo também a parochia de Granja. Em seguida comecei a fazer aquisição de alguns objetos indispensáveis para a capella que serve de matriz.³⁹

37 João Tomé de Saboya e Silva nasceu em Sobral no dia 4 de agosto de 1870 e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 27 de julho de 1945. Era o filho primogênito do magistrado José Tomé da Silva e de Ana Benvenida (Figueira) de Saboya e Silva, os mesmos pais do ex-deputado federal Eduardo Tomé de Saboya e Silva. A família Saboya de Sobral descende do médico José Baltasar Augeri, natural do antigo Reino do Piemonte, que veio para o Ceará no início do século XVIII. Mudou-se para Recife onde fez os exames preparatórios exigidos para a matrícula no curso anexo à Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde ingressou em 1886. Foi João Tomé quem encomendou na Europa o primeiro automóvel que chegou ao Ceará, desembarcado no porto de Camocim, em 1907: um Piccolo de fabricação alemã, cuja velocidade máxima era de 45 quilômetros por hora, podendo também rodar sobre trilhos, à maneira de um trólei. Ver: <http://coisadecearense.blogspot.com.br/2014/03/engenheiro-joao-tome.html>

38 Fernandes. Távora. Dr. João Thomé Saboya e Silva. Revista do Instituto do Ceará. Ver: www.institutoceara.org.br. Acesso em: 30 mar. 2016.

39 Idem, 1º Livro de Tombo, F.14.

Observa-se que a partir do ano de 1906, os escritos do Livro de Tombo passam a ser relatado pelo padre José Augusto da Silva. As obras da matriz são retomadas ainda no mesmo ano de sua chegada à cidade, onde ele teria sido recebido com muito esmero pelos católicos do lugar. “[...] Depois de haver mais ou menos preparado a igreja a fim de poder funcionar com decência, procurei primeiramente reorganizar o apostolado da oração estabelecendo as reuniões mensais para melhor andamento da associação”.⁴⁰

Primeiramente se fazia coerente organizar a Igreja, tanto em sua parte física, para a qual foram feitas aquisições de alguns objetos litúrgicos, como também a sua parte espiritual, com o restabelecimento do Apostolado da Oração⁴¹, que de fato seria o primeiro passo para dar prosseguimento aos trabalhos da paróquia, que logo mais ganharia uma nova matriz.

A Planta

Padre José Augusto da Silva relata o retorno das obras iniciadas então pelo Pe. João Teixeira de Abreu, em 1905. Ao ser empossado em 1906, José Augusto restabelece a antiga comissão proposta por João Teixeira de Abreu. Percebemos então um impasse em relação à antiga planta da matriz, não encontrada pelo atual pároco.

Na primeira folha do Livro de Tombo existe uma nota do primeiro pároco da cidade, Leandro Teixeira Pequeno, onde ele retrata a falta de documentação da antiga construção da matriz, que deveria ter sido passada ao segundo pároco, Ignácio Costa Mendes, mas que não havia sido encontrada.

Qualquer documento que eu possa ter deixado relativamente ao lançamento da primeira pedra da matriz e construção da mesma deve ter passado ao superior P^c Costa Mendes, mas ignoro se ainda existir qualquer couza neste sentido. [...] Pe. Leandro Teixeira Pequeno⁴²

40 Idem.

41 “O AO constitui a união dos fiéis que, por meio do oferecimento cotidiano de si mesmos, se juntam ao Sacrifício Eucarístico, no qual se exerce continuamente a obra de nossa redenção, e desta forma, pela união vital de Cristo, da qual depende a fecundidade apostólica, colaboram na salvação do mundo”. Ver: <http://www.apostoladodaoracao.com.br/o-que-e.asp>.

42 Idem, F. 01.v.

Assim, a planta inicial da construção da capela também não teria sido encontrada, entretanto, seguem-se os planejamentos para a retomada das obras a partir do que já havia sido feito pelo Pe. João Teixeira de Abreu, iniciando pela construção do frontão da igreja, e as arcadas que deveriam suportar a torre, sendo todo este serviço administrado pelo Cel. Antônio Marcolino do Prado.⁴³

Somente no mês de junho é que me foi possível continuar os trabalhos da matriz, abandonadas inteiramente depois da retirada do P^o. João Teixeira. Não havendo porem uma planta para que os serviços da mesma igreja fosse bem dirigidos, sem desgosto de nenhum dos membros da mesma comissão ficou assentado que seria aproveitado o plano do P^o. João Teixeira.⁴⁴

Sobre este plano do então padre que teria dado continuidade às obras, João Teixeira de Abreu, os escritos não trazem muita referência, mas o que podemos subentender, segundo os mesmos relatos de Pe. José Augusto, é que a comissão composta pelo padre anterior tomava por base a planta original da primeira capela feita pelo Engenheiro Privat.

Por esta ocasião, então, foi feito o frontão da igreja, as paredes e as arcas internas que devião que suportar a torre. Foi administrado este serviço desde os alicerces ate o fecho das arcadas internas inferiores pelo C^{el}. Antonio Marcolino do Prado ausciliado pelo Sr. José Filadelfo Pessôa.⁴⁵

Apenas o frontão⁴⁶ da igreja foi feito neste ano de 1906, pois devido aos poucos recursos, os trabalhos não puderam ter continuidade. Por que será que havia tanta falta de recurso? O que poderia ser feito?

A Igreja na época se abastecia com recursos doados pelos fiéis, pela venda nas quermesses das festas de padroeiros, leilões,, dentre outras esmolas

43 Primeiro escrivão da Mesa de Rendas de Camocim, em 1884. Fonte. Ver. www.camocimpotedehistorias.blogspot.com.

44 Idem, F. 14.v.

45 Idem.

46 Um **frontão** é um conjunto arquitetônico de forma triangular que decora normalmente o topo da fachada principal de um edifício, sendo constituído por duas partes essenciais: a cimalha (base) e as empenas (dois lados que fecham o triângulo). Provém da arquitetura clássica greco-romana. Ver: Dicionário Aurélio.

ofertadas pelo povo. Mas segundo consta nos relatos do próprio Pe. José Augusto da Silva, ele não recebeu apoio financeiro nem da própria Diocese, nem dos poderes públicos locais. Esta dificuldade sempre foi discutida nas obras da matriz, a qual remetia este trecho do Livro de Tombo, que retratava o fim do ano de 1907, quando a receita se elevou, ocasionando ser mais prudente a interrupção dos trabalhos naquele ano: “Não era prudente trabalhar por este ano de 1907 a receita das obras da matriz, isto é donativos, leilões, esmolas angariadas subiram a 4:9360\$250 importancia por mim entregue ao Sr. Cel. João Augusto de Athayde, Thesoureiro da comissão.”⁴⁷ Percebemos que o controle das despesas das obras era feita pelo tesoureiro, sendo tudo registrado no livro de caixa da matriz, mas este se perdeu com o tempo.

Ainda em 1907, os trabalhos da construção continuam, logo após a estação chuvosa, mas existia ali outra dificuldade além da parte financeira, a falta de uma planta.

[...] Quanto aos trabalhos de construção da igreja, logo que começarão, digo que cessarão as chuvas, iniciei fazendo os arcos superiôres centrais da torre. Presentia-se porem a construção da igreja de uma planta que melhor regulasse os serviços, uma antiga que dizem haver existido não a conheci, constituía-se por vezes uma verdadeira dificuldade na execução dos trabalhos.⁴⁸

Percebemos que a antiga planta da capela nunca foi encontrada, mas “a antiga capela de Camocim, que por muitos anos serviu de matriz, foi iniciada em 1880 obedecendo à planta e direção do Engenheiro Dr. José Privat, primeiro diretor da Estrada de Ferro de Sobral [...]”⁴⁹, assim, essa primeira planta de fato existiu, mesmo sendo muitas vezes questionada por José Augusto, e que sem ela, ficaria difícil dar seguimento aos trabalhos, tão somente sob as bases deixadas pelo Pe. João Teixeira de Abreu. Era preciso uma planta fixa.

A história teria se perdido no tempo? Afinal, pode-se pensar que na época, em fins do século XIX, existia uma preservação da memória local? Ou as

47 Idem, F. 15.

48 Idem, F. 14.v., F. 15.

49 Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Vol. XVI, IBGE, 1959.

pessoas não se preocupavam em deixar guardado o passado? Fica-nos uma indagação, ou seja, por onde haveria se perdido tal planta.

Porém, Pe. José Augusto não perde tempo, manda logo fazer uma nova planta no Rio de Janeiro. A falta da planta original impediria que fossem mantidos os formatos iniciais da antiga capela, todavia, julgava-se necessária a elaboração de uma nova, mesmo que esta em seu modelo tentasse manter o máximo de *originalidade* possível, através das bases da já edificada capela. Tal feito foi ofertado pelo Sr. Dr. João Thomé, que teria ido ao Rio de Janeiro e trouxera a nova planta, o mesmo era considerado “braço direito” de padre José Augusto na direção das obras.

Com o apoio da nova planta, as obras seguiram no ano de 1908. Nota-se a dedicação do pároco em dar suporte pessoal, inclusive na compra dos tijolos, como traduz o trecho abaixo, retirado do próprio Livro de Tombo:

[...] Todo serviço feito ate então fora aproveitado, com pequenas modificações. Mandeí preparar quanto antes setenta milheiros de tijolos que postos ao pé da obras custava 23\$000 cada milheiro. Comprei mais quatro milheiros em Granja para o fecho dos arcos. Dois milheiros de um tijolo especial feito em sobral com os quais fechei os dois arcos superiores da torre. Uma vez pronto o material fiz continuar os trabalhos sempre dirigidos por mim com o auxilio valioso do Sr. José Filadelfo Pessôa incansável na administração dos mesmos trabalhos. Em virtude da nova planta foi preciso suspender muito as parêdes internas sobre as arcadas que formavão a nave, trabalho este feito ate o fim de novembro pelos dois pedreiros Francisco Guedes e Luiz Morais.⁵⁰

Evidencia-se no registro do padre que ele não media esforços ao lançar-se a fim de que as obras corresse dentro das possibilidades, buscando sempre os melhores materiais, como podemos perceber pela diferenciação dos tijolos, sendo alguns encomendados em Sobral-CE. A nova planta trouxe ainda algumas modificações, mas que de fato foram acompanhadas, e assim, o corpo da igreja estava pronto, porém restava o mais complicado, cobrir a estrutura.

Intermediando todo esse “árduo” trabalho do vigário, percebemos que o mesmo obteve apoio de uma elite local, como é o caso do Dr. João Thomé, do Cel. José Filadelfo Pessôa, dentre outros.

50 Idem, F. 15.

Há uma preocupação constante na escrita dos religiosos em evidenciar uma linhagem nobre aos povoadores da ribeira, como também, ressaltar a religiosidade destes enquanto fator determinante ao tipo de povoamento e fundação de algumas localidades, apontando os proprietários das fazendas que construíam capelas e igrejas como fundadores; erguendo em suas propriedades “a casa própria de Deus”.⁵¹

Deixa-se subentendida a questão de sempre a “elite”, ou seja, os mais ricos, estarem diretamente ligados à religiosidade, não obstante esforços para edificação daquela matriz, demonstrando velhos hábitos advindos dos antigos proprietários de terra, de construírem dentro de suas próprias fazendas as capelas particulares da família, o que evidencia a fé na religião, essa que esteve sempre ligada a interesses comuns, ou que de fato constrói a base de uma cultura local, permeada pelos costumes católicos.

Mesmo com apoio de alguns, a falta de recursos ainda predominava, dificultando a conclusão das obras, haja vista que no final de 1908, elas apareciam estagnadas, como consta nos relatos de José Augusto: “Pequena foi a receita do ano de 1908, apenas consegui 2:987\$250 conforme o livro caixa. As despesas porem elevaram-se a 4:595\$920 não havendo déficit em razão de saldo do ano anterior.”⁵²

Vale salientar que a questão financeira atravessa todas as etapas dessa empreitada, na tentativa de se obter um templo para aquela população católica. O pároco lamentava-se pela demora na realização de tal feito, justamente por essa maior dificuldade, ele mesmo dizia: - “*Não havia dinheiro.*” No início de 1909, a sua maior preocupação era a falta de uma igreja, que a Paróquia de Camocim ainda não podia ter.

Uma cidade sem templo: eis a questão

Havia uma cidade, mas ainda não havia um templo adequado que pudesse servir à população católica, que na época já aumentara, de acordo com os relatos paroquiais do Livro de Tombo, e não representava apenas aquele pequeno povoado de outrora, a cidade crescia e com ela prosperava o número de fiéis católicos.

51 Araújo, 2015, p. 14.

52 1º Livro de Tombo. Paróquia de São José. 1886 a 1890 – Granja-CE, fl.15.

Não podemos denotar com precisão o número exato de católicos nesta época devido à escassez de fontes, colocando apenas em questão o que nos comenta a própria exposição do Pe. José Augusto no Livro de Tombo, onde nos revela um significativo aumento da população da cidade e consequentemente de fiéis em sua Igreja. Ele mesmo fazia questão de dar as aulas de catecismo às crianças a fim de assegurar os novos cristãos que, além do batismo, recebiam ainda a primeira Eucaristia e depois o Sacramento do Crisma, pelas mãos do Bispo. Pe. José Augusto demonstrava uma insatisfação bastante notória em seus relatos sobre a falta de uma igreja adequada ao seu povo, sendo questionado ano após ano, como observamos no trecho a seguir:

Já quase trinta anos de existência contava a cidade de Camocim, e podia-se dizer que era uma cidade sem Templo; uma população catholica em sua totalidade, mas que não tinha uma igreja. Digo não tinha uma igreja porque a Capella que funcionava absolutamente não satisfazia as necessidades da população já por demais aumentada.⁵³

Salienta-se no trecho acima que para ele, o povo clamava por sua igreja, a antiga capela não podia comportar todos os fiéis, e para tanto, as obras precisavam continuar. O fato questionável voltava-se ao município de Camocim, emancipado há quase trinta anos e ainda assim não tinha um templo que pudesse ser chamado de matriz. Para o padre era inadmissível isso. Por que tanta demora? E de fato podíamos pensar que Camocim não tinha um templo?

Através dos relatos, sobressai-se o desejo do padre em findar tal construção para o usufruto da população católica da cidade, ao passo que a demanda de cristãos católicos aumentava, deixa ainda evidente que um povoado que há tempos já edificava sua condição de cidade, assim como paróquia, merecia ter uma igreja que de fato simbolizasse a manifestação maior da força da religião na cidade.

Mas dizer que Camocim era uma cidade sem templo pode parecer ambíguo. Tal afirmação referia-se à questão do templo físico, ou seja, a “Igreja pedra”, porém, pelos escritos do próprio padre, a Igreja, que se fazia pelo povo, já estava bem edificada, ao passo que a religião crescia, haja vista que não comportava todos adequadamente na antiga capela.

53 Idem, F. 15.

Apesar das obras estarem quase concluídas em 1909, eis que um novo fato causou uma surpresa bastante desagradável a todos.

– Aos onze de Abril porém uma surpresa para toda a cidade, foi o desabamento completo da Igreja. Isto é, primeiramente um lado e após seis dias o outro. Tudo fora destruído em poucos minutos; o trabalho de muitos ficara reduzido a um montão de ruínas intransponíveis. A exceção da torre tudo mais era entulho que impedia passagem para a capella que servia de igreja. Fui obrigado a mudar a entrada para os fundos da capella. Toda comunicação era feita pela sacristhia. Uma verdadeira catástrofe fora o desabamento da igreja. O povo em geral perdera a esperança de ver uma igreja tão cedo.⁵⁴

“Uma verdadeira catástrofe”. Como pode a igreja ter desabado? O sonho de muitos, não apenas do padre, mas da população católica em geral, haveria “caído por água abaixo”. O que havia sobrado seria um enorme monte de entulho, que mais parecia esgotamento de lixo sem nenhuma serventia. Apenas a torre havia permanecido no lugar. Abaliza-se a desolação na cidade a partir dos relatos de José Augusto da Silva, ao escrever de próprio punho tal acontecimento.

Imagina-se a tristeza do povo, pois que, em seis dias, na expectativa, o outro lado também veio a desabar. Nesse interim, as esperanças de reconstruir a matriz se deram por zero, haja vista que para ergue-la a partir da antiga capela, já estava sendo difícil, e depois do desabamento, então, que tudo deveria ser feito do princípio, uma nova onda de lamentos se dava neste momento entre os fiéis. As despesas aumentaram bastante, como consta no livro: “as despezas deste ano elevarão-se a 4:924\$325 muito além da receita que foi de 3:911\$200 não houve, porém nenhum déficit em razão do saldo do ano anteriôr.”⁵⁵

Teriam sido as chuvas o principal fator para tal acontecimento? Seria uma hipótese, pois a igreja ainda não estava totalmente coberta, mas logo na mesma página, outro fato evidencia claramente um dos motivos que poderia ter relevado respostas para tais perguntas, e mais uma vez houve questionamentos sobre o limiar da construção da antiga capela. O padre

54 Idem, F. 15.v.

55 Ibidem.

pôde concluir apenas através de relatos dos mais velhos do lugar sobre essa primeira construção, pois nem mesmo a planta inicial foi encontrada.

[...] Que nada de certo, em antes de verdadeiro afirmavam. Todos porem, eram unanimes em afirmar a solidez dos trabalhos, este então feitos repetindo sempre ter sido administração do Sr. Dr. Privat. Infelizmente porém, nada de tudo isto era verdadeiro, os trabalhos primitivos foram mal feitos com material muito ordinário, conforme verificamos depois. Segundo a opinião muito esclarecida do Sr. Dr. João Thomé, o desabamento da igreja foi mantido pelo esgotamento do material.⁵⁶

Vale observar que, segundo o trecho acima, de fato os materiais utilizados na construção da antiga capela, dirigida pelo Engenheiro Dr. José Privat, não eram de boa qualidade, porém, se questiona a opinião da população mais antiga, que dizia que os trabalhos teriam sido bem feitos e que o Engenheiro era altamente responsável.

Entretanto, segundo Dr. João Thomé, ao avaliar os materiais, foi de fato comprovado que não eram adequados, tudo era de má qualidade, agora, não se podia ter uma certeza do uso dos mesmos e o porquê disso. Poderíamos supor fatos que mostrassem certo “desvio de conduta” ou falta de noção, contudo, cabe apenas frisar que a falta de documentos, como era o caso da planta, que nunca foi encontrada, como outros que pudessem listar os materiais utilizados na época, revelava claramente a ausência de comprovações em relação ao início das obras, considerando então que o uso desses materiais, com tempo e com as chuvas, de fato foi o principal fator que levou ao desabamento por completo da igreja.

O jornal *Folha do Littoral*, datado de 1918, retrata a inauguração da igreja, enfatizando uma possível demolição, da qual teria se dado no mesmo período em que os escritos do Livro de Tombo se referem ao desabamento.

A primitiva Igreja edificada em parte no mesmo local em 1883, que obedeceu a planta do competente Engenheiro extinto José Privat, foi demolida pela insegurança devido a má

56 Idem, F. 15.v.

construção, e, novamente construída pelo nosso incansável e zeloso parócho Rvmo Padre José Augusto da Silva que dirige a nossa freguesia desde Fevereiro de 1906.⁵⁷

Convém perceber que segundo relatos do Livro de Tombo, os materiais utilizados na antiga obra teriam sido de má qualidade, o que nos faz pensar que o responsável pela construção não teria avaliado a qualidade dos mesmos, sendo que o jornal acima cita o Dr. José Privat como alguém de intensa estima na cidade. O que poderia ter ocorrido? A demolição citada no jornal devido à má construção teria acontecido?

O que na verdade consta nos relatos de quem viveu na época, no caso, o próprio responsável, Pe. José Augusto da Silva, foi que de fato houve um desabamento por completo, ou seja, a igreja não teria sido demolida para que se iniciasse uma nova construção, pois apenas após o desabamento foi que José Augusto, auxiliado pelo Dr. João Thomé, resolveu investigar os motivos pela qual o fato teria ocorrido, assim. Ele obteve conhecimento da má qualidade desses materiais utilizados na antiga construção, demonstrando que essa possível demolição citada no jornal não teria acontecido.

Com o apoio do Dr. João Thomé, José Augusto conseguiu adquirir algum material para tentar recomeçar as obras, mas com o período chuvoso, não foi possível ainda no ano de 1909, vendo assim findar tal ano com a igreja reduzida a ruínas. O sentimento que pairava, a partir dos escritos, era de desolação e de profunda decepção, pois Camocim estaria agora de fato sem um templo que funcionasse decentemente e pudesse ser chamado de matriz.

Em 1909, Camocim pertencia ainda à Diocese do Ceará, haja vista que a Diocese de Sobral só seria criada em 1915 e a de Tianguá, à qual pertence a atual Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, em 1971. Assim, vale ressaltar que na época havia muitas paróquias. Como registrado nos escritos do próprio padre José Augusto da Silva, não se obteve apoio financeiro da Caixa-Pia da Diocese, ao instante que notamos a presença forte dos empresários, ou seja, da população que obtinha mais recursos na cidade, que costumavam doar materiais para que a obra continuasse, como o foi o caso do Dr. João Thomé, que também esteve à frente da construção.

57 **Jornal Folha do Littoral** (Órgão Comercial de Informações Geraes), Camocim, ano de 1918, Anno 01 – num. 10.

A Igreja que nessa época denotava algo que remetia ao começo, a “evolução”, seria o limiar de muitas cidades, do sertão ao litoral. Gustavo Barroso aponta em seu livro o processo de desenvolvimento das vilas cearenses:

A fazenda que se situa, os vizinhos que se reúnem, a riqueza que aumenta, a capela que surge, a igreja que a substitui e, enfim, a matriz em torno da qual a vila formada ali se transforma em cidade. Eis tôdas as fases do nascimento, crescimento e formação da nova urbe nos vastos sertões. Preside a tôdas o espírito cristão. É a sombra da cruz que, assim, povoa e civiliza o deserto.⁵⁸

Assim, percebemos que ali se via o iniciar, e que em Camocim, após o desabamento da igreja da qual consta a insatisfação da população católica, estaria ainda a cidade sem seu devido templo, ou seja, a situação exigia medidas eficazes que pudessem restabelecer esse ideal, assim, a obra não podia parar em meio ao “fim” prematuro.

O recomeço

Sobre um forte sentimento de desilusão após a queda da igreja, Pe. José Augusto, já muito perturbado com a questão da planta, resolve criar ele mesmo uma nova, pois a anterior não iria corresponder aos recursos da paróquia. Assim, o próprio padre, juntamente com o Dr. João Thomé, então Diretor da Estrada de Ferro de Sobral, resolvem tomar a frente na execução das obras. Em junho do ano de 1910, ele relata com precisão o não uso dos antigos materiais que teriam levado a antiga capela à ruína, após o reinício das obras.

[...] nem mesmo um tijolo apliquei na nova construção, vendi todo o entulho por 200\$000. Antes de tudo organizei eu mesmo uma nova planta, abandonando todas as outras reduzindo as dimensões da futura igreja facilitando deste modo sua execução⁵⁹.

Assim, deixa-se claro que foi preciso refazer a planta, ou seja, houve uma redução nas dimensões da igreja, para que dentro das possibilidades,

58 Barroso, 1962, p. 50.

59 Idem, F. 17.

se pudessem concluir as obras, e para isso, o próprio pároco construiu uma nova planta. Segundo consta no *Jornal Folha do Litoral*,

A planta da Igreja obedeceu a criteriosa e competente orientação do Revdmo. Padre José Augusto, que a par de uma virtude resplandecente, figura um insigne architecto, e assim contemplamos um lídimo representante do Apostolado do Christianismo juntamente com um profissional que se equipara aos bons entendedores de Architectura.⁶⁰

Padre José Augusto sempre foi muito respeitado na cidade, tomado por grande estima, ao que se percebe nos relatos jornalísticos idealizados da época, nos quais se têm a percepção de que ele, além de reter para si bom exemplo de pastor, ao remeter as suas funções eclesiásticas, ainda detinha qualidades profissionais, norteando os trabalhos de sua matriz com dons voltados ainda à arquitetura.

Assim, o andamento das obras foi administrado de perto pelo atual pároco, que permanecia à frente dos serviços o dia todo, se ausentando apenas quando outros deveres paroquiais o chamavam.

Em dezembro de 1910 já havia conseguido construir os alicerces para a nova igreja, serviço todo feito a pedra e cimento único material de que usei para as fundações. As despesas subiram a seis contos, cento e noventa e quatro mil quinhentos e setenta e cinco reis (6:194\$575) importância por mim adquirida e aplicada em materiais diversos de que necessitava.⁶¹

O relato mostra que o padre preocupava-se em deixar nítidos quais os materiais que eram utilizados, remetendo a questionamentos futuros, pois como não constava nada sobre o início das obras da antiga capela, e por isso se obteve tantas controvérsias, seria por bem deixar tudo bastante esclarecido, é o que se presume ao ler os escritos de José Augusto.

O ano de 1911 foi propício à continuação das obras da matriz, segundo consta nos relatos do pároco da cidade. Algo novamente questionado seria

60 *Jornal Folha do Littoral* (Órgão Comercial de Informações Geraes), Camocim, ano de 1918, Anno 01 – num. 10.

61 *Idem*, F. 17.

a falta de recursos, na qual é citada a fonte das receitas para que as mesmas dessem seguimento. “[...] A fonte da receita sempre a mesma: leilões, quermesses, saldo de festas feitas com grande economia e alguns donativos, alias pequenos. Nenhuma receita recebi, quer da Caixa-Pia da Diocese, quer dos poderes públicos”.⁶²

Praticamente não havia fonte de recursos para a execução da obra, a não ser do próprio povo, que realizava suas doações, e das receitas advindas dos festejos de santos, onde eram realizadas quermesses e leilões. Assim, José Augusto evidencia que não advinha nenhum donativo, nem da Diocese e muito menos ainda dos poderes públicos. O povo envolvera-se na tentativa de erguer sua igreja, um templo a Bom Jesus dos Navegantes, sobre o qual o padre enfatizava que “a construção da matriz de Camocim, digamos sem rodeios, é produto de meu esforço e boa vontade de meu povo.”⁶³

E quem era esse povo? Nós percebemos que alguns coronéis da época colaboraram para a construção da igreja, inclusive doando as terras para a edificação, mas que no geral, a maioria dos recursos era doada pelo povo mais simples, que apesar de não disporem de muitos recursos, contribuía ajudando nas festas, nas quermesses e leilões a fim de arrecadar fundos para a igreja.

Mais uma vez, no ano de 1912, o pároco se deparava com outra dificuldade advinda da má qualidade dos primitivos materiais utilizados na construção da capela.

Estando concluído todo o trabalho de alvenaria, tratei logo de preparar a cobertura da Igreja afim de não vê-la estragada pelo inverno. Não obstante todo o meu esforço, nada consegui como desejava. Era preciso demolir o teto da capella que funcionava para poder utilizar-se das thesouras para a nave da nova igreja. Nada mais servia por ser de ruim qualidade, sobretudo os caibros de mangues.

Convém voltar à questão da demolição citada no Jornal Folha do Litoral, teria sido esta a mesma relatada no trecho acima? Por bem se faz pensar que somente o teto foi colocado abaixo para que fosse possível se utilizar das antigas tesouras, parte esta que poderia ainda ser reaproveitada. Vale ressaltar que este fato aconteceu logo após a retomada das obras, depois

62 Idem, p. 17.

63 Idem.

do desabamento por completo da igreja, sendo assim, não fica claro que a demolição citada pelo jornal é a mesma relatada no trecho datado de 1912.

Os materiais, em sua maioria, precisavam ser trocados, e a falta de recursos predominava, distanciando ainda mais o fim da obra por completo. Mas José Augusto sempre encontrava soluções, ao passo que não podia ainda encomendar as telhas para cobrir a igreja, trabalhavam então no serviço dois carpinteiros, no fazer das portas, utilizando-se dos minguados recursos que ainda restavam.

Logo depois da abertura de uma fábrica de cimentos na cidade de Granja, Pe. José Augusto da Silva faz a primeira encomenda de tijolos, garantindo assim a cobertura da capela-mor e das duas sacristias, nas quais se podia abrigar no período das chuvas. Sob um olhar atento, a partir de tais relatos do Livro de Tombo, em comparação a outros Livros de Tombo e outras fontes, os escritos de José Augusto nos parecem bem precisos e detalhados, apesar de serem resumidos. Os passos da construção trazem valiosos resquícios dos movimentos associados à época para a finalização das obras da matriz de Camocim.

Ao analisarmos a época, presumimos que levando em conta o limiar da escrita do Primeiro Livro de Tombo da Paróquia de Granja, instituída no ano de 1757, que se deu apenas no ano de 1886, percebemos que esses registros paroquias remetiam de início às cartas enviadas pelo então Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, e não traziam muitos detalhes acerca da própria paróquia em questão.

O Livro de Camocim, escrito em 1904, sob o olhar de José Augusto da Silva, considerava por bem deixar em registro os passos da paróquia, na qual se via o seu principal objetivo comum na época, o término de sua sonhada igreja matriz. Notamos que ao avançar-se o tempo, traduzia-se a necessidade mais nítida de se manter uma memória da qual adivinha do próprio tempo Imperial e que se infiltrava nas regiões cearenses por meio da instituição religiosa, a Igreja Católica.

De volta à pequena cidade que infiltrava em seus espaços ainda o desejo de findar tal sonho da nova igreja, em meados do ano de 1912, padre José Augusto da Silva, que depois receberia o título de Monsenhor, ou seja, camareiro do Papa Pio XII, em janeiro de 1951 preparava a igreja para a visita pastoral do Bispo Diocesano, Exm. Sr. Dom Manuel da Silva Gomes. O bispo saíra satisfeito da cidade, que durante cinco dias movimentou-se

bastante com a estadia dele na capela, que até então servia de matriz, enquanto as obras ainda estavam em andamento.

Em meio aos trabalhos da matriz, padre José Augusto administrava a paróquia por inteiro, sendo muito bem visto por todos. Quanto ao andamento dos trabalhos, notamos sempre a mesma dificuldade, a falta de recursos. “Os trabalhos da igreja continuavam mui lentamente somente dois carpinteiros trabalhavam quando dez seriam precisos para serviço tão grande. Tudo porém resumia-se em duas palavras não havia dinheiro.”⁶⁴

Vale ressaltar que no decorrer das obras, José Augusto, que sempre se viu às voltas com a falta de recursos, denota a presença da ajuda de alguns empresários locais. O Livro de Tombo cita os nomes dos senhores Felinto e Thomaz Zeferino Veras⁶⁵, que doaram uma grande quantidade de madeira, do Sr. Cel. José Adonias de Araújo, que forneceu todo o trabalho para as portas e soalhos.

“Desse modo vi conclui-se o ano de 1912, sentindo desprazer de ainda não ter uma igreja decente para funcionar nesta pobre paróquia”, assim, lamentava-se o Pe. José Augusto da Silva, ao findar daquele ano. Ao nos depararmos com tal fonte, que é o Livro de Tombo, o primeiro da paróquia, percebemos através dos relatos do pároco que ele sempre procurava as soluções necessárias para que as obras não demorassem tanto, como outrora havia passado por muitos anos, expostas às chuvas, e para que, o mais breve possível, o povo católico pudesse desfrutar de sua matriz.

Uma forte desilusão, por ainda a igreja não estar devidamente coberta, rompia os pensamentos do pastor e de suas ovelhas. O povo entristecia, as chuvas vinham e recaíam sobre a falta de fé dos fiéis, a indignação por parte de seu líder era tamanha, como demonstra o trecho a seguir:

O movimento religioso diminuiu extraordinariamente. Podia-se dizer que na Paróquia não havia um altar, pois o que existia não merecia tal nome. Por vezes as chuvas tudo alagavam, impossibilitando os fiéis de assistirem as missas. Mas, não havia outro meio, os piores dias de meu parochiato passavam-se porém, longos e insuportáveis.⁶⁶

64 Idem, F. 18.v.

65 Foi o 5º Prefeito de Camocim, do ano de 1927 a 1930. Fonte - Ver: www.camocimpotedehistorias.blogspot.com. Acesso em: 04 abr. 2016.

66 Idem, F. 19.

Julgava ele serem os piores dias de seu paróquiato, onde de fato, era exorbitante na sua escrita que o movimento religioso, ou seja, a participação do povo nas missas, ou em outros acontecimentos da Igreja, havia diminuído bastante, haja vista que com as chuvas e com a falta de cobertura, alagava-se tudo. Obviamente, poucos eram o que se arriscariam a ir à igreja nestas condições.

Convém-se pensar que a participação do povo na vida da comunidade é indispensável para que ela cresça, daí vem a questão do pároco deixar nítido que esses foram os piores dias de sua atuação, apenas a parte do altar fora coberta, o que complicou bastante no período invernososo.

A benção: ergueu-se um templo a Bom Jesus

Não encontramos relatos de como aconteceu, mas ainda no mesmo ano, em 1913, já que os registros foram escritos ano após ano, em determinado tempo, em que não se tem referência acerca do dia, só sabemos que em junho, finalmente a igreja é coberta por completo. Convém justificar o período do verão, retomados os trabalhos, e a doação dos próprios fiéis, e os recursos adquiridos nas festas religiosas, dentre outras doações.

Em junho estava toda a igreja limpa e caiada internamente. Podia funcionar com descencia. Mas sempre com dificuldade: falta absoluta de dinheiro – nada era possível emprender donde explicão-se alguns defeitos, não obstante toda a minha bôa vontade. Como fazer um altar de acordo com a Igreja? Impossível com os compromissos e mil dificuldades de que vivia cercado. Resolvi portanto preparar um altar provisório afim de o mais cêdo servir a nova igreja para o culto.⁶⁷

Evidencia-se que a tentativa de se ter ao menos um altar decente era a principal recomendação do padre, que administrava de perto a evolução das obras. Eis que o sonho, enfim, estava bem mais concreto, e então, com autorização do Bispo, José Augusto dá a benção à nova igreja, como nos conta o relato seguinte:

Com a auctorização do Ex^{mo}. Sr. Dom Manuel da Silva Gomes em carta a mim dirigida a 20 de janeiro de 1913 dei a benção

67 Idem, F. 19.

a nova igreja. – “uma bênção de um lugar que se celebrava a “transito se sem ad tempus licentia ali ordinário data” no dia 27 de Julho de 1913 as oito horas da manhã celebrando em seguida a missa – As nove horas do mesmo dia o Ex.^{mo}. Sr. Dom José Tupinambá da Frota cantou uma missa solene acolytado pelos R.^v. P.^{es} Aureliano Mota e Vicente Martins vigário de Ipu e Granja respectivamente. Ao evangelho R.^v. P.^{es} Aureliano Mota produziu uma bella allacução análoga a festividade.⁶⁸

Essa foi à primeira bênção da capela, já coberta, antes que finalmente se dessem por concluídas as obras da matriz. Segundo nos relata o Jornal Nortista,⁶⁹ de Sobral, em sua edição de setembro de 1913, esse primeiro ato inaugural, eloquentemente comemorado pelos fiéis, algo esplendoroso na cidade, cuja participação foi geral.

- A 27 = Bênção da Capella da Igreja Nova, cuja festa foi a maior e mais solemne que tivemos este anno, e quiçá uma das festas mais deslumbrantes que tem havido em Camocim nestes ultimos tempos. A bênção da capella foi feita pelo nosso vigário P. José Augusto da Silva.

[...] A festa esteve muito solemne e concorridíssima. Penna é que não houvesse uma penna que a descrevesse...Á noite houve leilão em beneficio da continuidade das obras da matriz, cuja parte exterior da mesma ainda estar por acabar. Até o nosso modesto Gabinete de Leitura commemorou, se bem que intimamente, esse grande dia que foi de rigosijo geral para todos os camocinenses. Tocou em frente ao mesmo uma banda de música, durante a sessão comemorativa, na qual houve discurso e após cerveja...⁷⁰

Diz-se que toda a população camocinense participou ativamente da comemoração desta primeira bênção que recebeu a capela antes que a igreja pudesse ser abençoada por completo. O vigário fez questão de abençoar a capela, que já estava coberta e pronta para funcionar. A cidade parou para prestigiar tal evento, segundo nos relata o jornal acima citado.

68 Idem.

69 O Jornal Nortista de Sobral-CE é fundado em Sobral em 15 de abril de 1912, impresso na Typ. Deolindo. Redactores. Craveiro F. e Newton Craveiro.

70 Jornal Nortista. Num. 48. Sobral. 1913. Ver: www.camocimpotedehistorias.blogspot.com.

Deixa-se perceber que, no geral, houve uma explosão de animação que refletia em toda a cidade. Já se fazia presente algo de concreto, o povo enfim demonstrava uma satisfação tremenda em poder celebrar junto com seu pároco a mais esperada conclusão de um “sonho”, que se podia dizer ser de todos os paroquianos, seu templo, em honra a Bom Jesus dos Navegantes, outrora evocado como padroeiro da cidade, estava prestes a ser concluído.

Assolava o Ceará algo que convém citar, a seca de 1915, trazendo a Camocim, e diretamente às obras da igreja, uma paralização obrigatoriamente necessária, pois os recursos por este ano difícil se esvaíram. Algo que denota certa atenção, pois a igreja nesse momento parava a construção e preocupava-se com o meio social, como refere o trecho a seguir.

A parochia de Camocim em razão de suas condições particulares fôra o ponto escolhido e favorito para os flagelados da sêca. Em breve argumentou a miséria. Uma verba de quatro conto enviada pela Auctoridade Diocesana mitigou por instantes talvez, a fome de alguns infelizes que em multidão precaviam a cidade. A crise em geral nada se podia apprehender. Assim passou-se o ano de 1915.⁷¹

O que vale ressaltar é que durante o ano de profunda seca no Ceará, a Igreja também se mostrou solidária perante o sofrimento de seu povo, e sendo Camocim um local muito procurado devido localizar-se no litoral, o padre José Augusto não hesitou em fazer o possível para socorrer os flagelados da seca. Justamente nessa época, em que a Igreja como instituição se via preocupada em meio ao enlace de miséria que se fazia presente, numa sociedade atrelada no momento aos bons costumes advindos da Europa, na qual a mendicância devia ser controlada.

A Sociedade São Vicente de Paulo ligava-se às ações da Igreja católica na capital e no interior do estado, assim como à capital francesa, modelo maior de “civilização” a ser seguido naquele momento. As cidades buscam “aformosarem-se”, tal como a “civilizada” Europa.⁷²

A Sociedade de São Vicente de Paulo, uma das associações pias da paróquia, conhecida em Camocim como Conferências Vicentinas, também

71 Idem, F. 2o.

72 Araújo; Silveira, 2007, p. 24.

auxiliou no trabalho junto aos retirantes da seca, como consta no próprio Livro de Tombo, [...] “a conferencia vicentina não descuidou-se na medida de suas pôsses no desempenho de seus dêveres de Caridade”.⁷³

O limiar do ano de 1916 aparentava por demais uma profunda tristeza pelos assolamentos da seca, quando as condições eram bastante precárias. As dívidas da paróquia haviam aumentado e as consequências da seca dificultaram o seguimento das obras da igreja. Mesmo com poucos recursos, quase no fim deste mesmo ano, o vigário consegue através da ajuda da associação do Sagrado Coração de Jesus, evoluir nas obras, revestindo assim, toda a torre da igreja.

O ano de 1917 nos traz fatos que cercam a benção principal da igreja, na qual se fez presente na cidade o Exm. Sr. Bispo Diocesano, Dom José Tupinambá da Frota. O Livro de Tombo nos conta em poucos detalhes, assim redigidos pelo pároco José Augusto, a visita de D. José a Camocim, a fim de benzer a imagem de Bom Jesus dos Navegantes: “[...] A trinta de Dezembro de 1917 o Ex^{mo}. Sr. José dignou-se vir a esta cidade especialmente para benzer a imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, offerta do C^{el}. Jose Adonias de Araujo a matriz”.⁷⁴

Logo abaixo a esta nota, ele descreve todas as despesas feitas com a construção da igreja matriz, ou a partir dela, como ainda a compra de materiais para a nova igreja, em foco os anos de 1917 e 1918. Assim, percebemos que a exposição de tais despesas, inclusive a quitação de dívidas referentes às obras, deduz-se um possível término dos trabalhos.

Figura 6 - Notas de despesas da Igreja Matriz

Nota de despesas feitas com a Matriz nos annos de 1917 e 1918.	
Construção do altar, mais a base sobre letreiros (toda a igreja)	1.470,00
Construção do orgão de frente da igreja	900,00
Por uma procissão de divinos	410,00
Uma mesa de altar	510,00
Uma commoda para altar, para missal, dois calços	174,00
Quatro para altar, quatro almas, seis colchas etc.	690,00
Procissão de São Pedro e São João, com o tabernáculo	980,00
Uma cruz de "papelão", e de madeira, 15 metros de tapeite	370,00
Toda a igreja pintada nos tetos e paredes, uma calcestrada	1.850,00
Uma campainha, dois pares de galhetas, dezesseis com flores, quilibre, velas	300,00
Uma cruz de madeira para o altar da Matriz	800,00
Total	5.360,00

O Vigário D. J. Augusto da Silva

Fonte. 1º Livro de Tombo da Paróquia.

73 Idem, F.28.v.

74 Idem, F.20.v.

O quadro acima representa o demonstrativo de que ao estarem quase concluídas as obras da igreja matriz, o vigário faz questão de apresentar aos registros as despesas, e a quitação das dívidas da matriz, entre elas, a do Cel. Adonias, que custava 500\$000 (quinhentos réis). Para concluir o altar-mor e os dois laterais, percebemos o gasto bem significativo de 1.450\$000.

De modo geral, ele relata as compras de material litúrgico, parâmetros de uso do vigário, além da construção da calçada. Tudo bastante esclarecido, quase sempre ao findar de cada ano. Estariam assim finalmente concluídas as obras da tão sonhada igreja matriz? O jornal Folha do Litoral, de agosto de 1918, traz uma matéria retratando a benção da nova igreja.

Figura 7 - Igreja Matriz de Camocim, Dezembro de 1917



Fonte: www.camocimpotedehistorias.blogspot.com.

O “cliché” acima representa a nossa matriz, que se acha edificada a Praça do Bom Jesus, em terreno próprio, doado ao nosso Orago pelo Sr. Cel Severiano José de Carvalho, proprietário e residente nesta cidade.

[...] A nossa matriz foi sagrada pelo Exmo. Sr. Bispo de Sobral de Dezembro de 1917, na mesma ocasião que foi benta a majestosa imagem do Bom Jesus dos Navegantes padroeiro de Camocim.⁷⁵

75 Idem.

Sobre efeitos posteriores, ou seja, um ano depois, se via estampado nos jornais da época a bela imagem da nova igreja, que de fato foi benta na ocasião em que o Bispo de Sobral, recém-diocese, em 1915, Dom José Tupinambá da Frota, esteve em Camocim para abençoar a imagem do padroeiro, também assim o fez sobre a igreja que se achava quase pronta, pois ainda havia alguns detalhes a terminar. “Na Igreja que está a se concluir, ainda faltam ser erigidas duas pyramides lateraes.”⁷⁶

Finalmente a igreja podia se dizer uma matriz, algo que o povo tanto almejava, fazendo referência à dedicação de seu pároco José Augusto da Silva, que de muitos modos lutou para que essa construção pudesse ser concluída com louvor, a fim de traduzir os cultos católicos em um templo decente.

76 Idem.

A IMAGEM DO BOM JESUS DOS NAVEGANTES, DEVOÇÃO E FESTIVIDADE

A origem da imagem

A história de devoção à imagem de Bom Jesus dos Navegantes advém do período imperial,

A origem da procissão marítima do Bom Jesus dos Navegantes, como a de outras festas populares, é imprecisa. Acredita-se que remonta ao século XVIII, época em que o tráfico de escravos negros vindos da África e o comércio marítimo com o oriente eram intensos. Os infortúnios das longas viagens, como as doenças e os ataques dos navios piratas, levaram os marinheiros a buscar a proteção divina do Bom Jesus dos Navegantes, dando início a uma das mais tradicionais festas religiosas da Bahia.⁷⁷

Como percebemos no trecho acima, os primeiros registros da fé em Bom Jesus dos Navegantes se deram com os marinheiros nas longas viagens pelo mar, permeando-se com o tráfico de escravos e deparando-se com dificuldades alusivas aos perigos enfrentados em alto mar. A busca pela proteção em Deus fez com que se firmasse a uma imagem que seria objeto de crença e tornar-se-ia tradição ao limiar do Estado de Salvador.

A devoção, que iniciara no século XVIII, inebria o universo desafiador da vida em alto mar, que se espalha pelo Brasil levando a consciência ao povo católico, denotando a mais uma tradição que chegara evidentemente em terras cearenses. Mais precisamente em Camocim, município recém-emancipado em 1879, que ganhara as bênçãos de um padroeiro à altura, mistificado na figura do pescador que se inebria pelo mar, configurando-se

77 Salvador. Cultura todo dia. Disponível em: <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/festa-modelo.php?festa=1>.

do perigo, encontra-se com isso uma possível escolha por tal imagem de devoção e proteção da cidade, por ser uma terra litorânea e de economia voltada para a pesca. “A pesca também contribuiu para a economia local em 1964 a produção de pescado alcançou 176 toneladas no valor de 216,4 milhões de cruzeiros”.⁷⁸

A festividade em honra a Bom Jesus dos Navegantes na Bahia inicia-se na última quinta-feira de dezembro, finalizando no primeiro domingo após o dia primeiro de janeiro com uma missa e procissão terrestre, tendo seu ápice no dia 01 de janeiro com a procissão do Ano Novo, que acontece no mar, denotando de uma belíssima tradição irradiada de simbologia advinda ainda da liturgia medieval.

Toda a encenação, envolvendo personagens e locais sagrados relembram os Dramas Litúrgicos, iniciados na Idade Média. Particularmente na Festa do Bom Jesus dos Navegantes identificamos duas personagens – Jesus e Maria – representadas por três imagens distintas: O Bom Jesus dos Navegantes, Nossa Senhora da Boa Viagem e Nossa Senhora da Conceição da Praia. O culto envolve ainda duas importantes igrejas, a Basílica de Nossa Senhora da Conceição da Praia e a Igreja da Boa Viagem, além da Galeota Gratidão do Povo que faz o percurso marítimo transportando a imagem do Bom Jesus.⁷⁹

A bela imagem do padroeiro assim escolhido denota a importância de se ter uma proteção aos navegantes, estes que em alto mar lutam para sobreviver em meio ao sombrio e mundo das grandes águas, em favor de sua condição de existência, assim vive o pescador. O homem que tem na fé a sua força diária de continuidade, com isso, o camocinense se apegua à crença para não desistir e acredita na força de Bom Jesus dos Navegantes, intitulado como seu padroeiro para o qual deve rezar e pedir proteção, tanto no mar, quanto na terra. Essa poderia ser a vertente mais aproximada das razões pelas quais se resolve adotar essa imagem como sendo canonicamente instituída com o nome da paróquia da cidade de Camocim, e sendo Bom Jesus o fiel protetor daquele povo lutador.

78 Livro de Tombo, Folha 35 – verso.

79 Ver em: <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/festa-modelo.php?festa=1>.

A imagem fora doada pelo Cel. José Adonias e haveria sido benta em dezembro de 1917 pelo então Bispo da Diocese de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota. “A bela imagem de Bom Jesus dos Navegantes padroeiro da freguesia, foi dado pelo Senhor José Adonias e benzida por Dom José Tupinambá da Frota em 30 de Dezembro de 1917”.⁸⁰

O festejo

A data originária dos festejos em Camocim advém da antiga tradição, essa que se realiza sempre no final de dezembro, onde a festa se celebra no dia 06 de janeiro, como consta o próprio Livro de Tombo. “- Festividades – celebram-se na matriz novenario: a Festa de Bom Jesus dos Navegantes, padroeiro a 6 de Janeiro, a de São Jose a 19 de Março [...]”.⁸¹

Como se percebe, a tradição da realização dos primeiros festejos a Bom Jesus dos Navegantes, a acontecer no mês de dezembro, como se deu durante muito tempo, desde o estabelecimento da paróquia, porém, em decorrência de alguns fatos, a data da festa tivera de ser modificada. Mas por qual motivo a tradição foi alterada?

Novamente debruçando sobre a ótica religiosa, notamos algo relevante dentro dos que poderiam ser os principais motivos da mudança da data da festa de janeiro para novembro.

A festa do padroeiro do Senhor Bom Jesus dos Navegantes era quase apagada. É coisa quase inacreditável, muita gente na cidade e no interior, não sabia quem era o padroeiro de Camocim. Era celebrada dia 06 de Janeiro após as festas de dezembro (casamentos, 1º Eucaristia, término de curso, natal e ano novo) todos estavam saturados de festas e com o bolso liso. Quase não ligavam para a festa das festa, e a noite das comunidades tem sido a noite mais animada.⁸²

O trecho acima é datado do ano de 1997, a punho do então vigário paroquial, Frei José Batista Fernandes Sobrinho, que a 31 de Janeiro de 1998 seria nomeado pároco da cidade, em vista da já adiantada idade do atual

80 Idem.

81 Idem, F. 32.

82 Terceiro Livro de Tombo – Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, 1997.

pároco, Monsenhor Expedito da Silveira de Sousa, o qual viria a ser vigário, conforme o Bispo Diocesano da época, o Sr. Dom Francisco Xavier Hernandez Arnedo. Frei Batista demonstra estar descontente com a falta de conhecimento por parte dos paroquianos da cidade e do interior sobre o seu próprio padroeiro, ficando clara a falta de interesse dos fiéis em participar da festa por esta ser realizada no início do ano, período considerado de precários recursos financeiros.

Convém citar que com a chegada de Frei Batista à cidade, um novo olhar se deu sobre a data da festa, que durante muitos anos tivera sido celebrada com bastante contentamento pela população católica, como nos diz o trecho a seguir, do ano de 1991:

Festa do Padroeiro – Resultado final

A partir do dia 24 de Dezembro todas as noites foram animadíssimas, havendo bastante participação nas noites. Segundo a opinião corrente a festa deste ano foi a maior que já se fez aqui. A procissão foi muito solene com as imagens de São Judas, Santo Expedito, Santa Luzia, São Francisco, São Pedro, São José, Nossa Senhora e o Sagrado coração de Jesus, renda total: 410.333,00.

Camocim, 06 de Janeiro de 1991.

O vigário: Mons. Expedito Silveira de Sousa

Podemos evidenciar que as tradições, com o passar do tempo, iriam sendo deixadas de lado, se olharmos o relato de Frei Batista, ao notar no ano de 1997 o apagar da festa do padroeiro. Por consequência desta percepção, mais à frente é registrado em livro, neste que estamos a observar, a mudança da data da festa, firmadas pelo bispo Dom Xavier, conselho paroquial e seus vigários.

Novo ano de 1998

A festa do padroeiro prosseguiu executando minuciosamente a sua programação.

De acordo com o Em. Bispo Diocesano Dom. Francisco Xavier Hernandez Arnedo, Conselho Paroquial e vigários: Mons. Expedito Silveira de Sousa e Frei José Batista de Vasconcelos resolveu-se mudar a época da festa do padroeiro que a partir

deste ano deverá ser celebrada no dia de Cristo-Rei, 22 de Novembro, nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo.
Realizou-se o final da festa do padroeiro, de acordo com a programação que foi organizado.

O relato acima é descrito pelo então Pároco, Mons. Expedito Silveira de Sousa, que em breve deixaria o cargo, assumido por Frei Batista, que residia como vigário desde abril de 1997. Faz-se necessário pensar que a ideia da troca tenha favorecido a todos, por assim buscar uma maior participação dos fiéis, no conhecimento e animação nas noites de festa.

Passeando nos passos da história, encontrei ainda um relato que fazia referência a outra possível tentativa de transferência da data da festa, do dia 06 para o dia 01 de janeiro, definindo que a celebração sempre ocorreria no dia 23 de dezembro e encerraria no dia 01 de janeiro, deixando de ter o dia da epifania como base para o seu encerramento, isso no ano de 1985. Porém, não notamos a mudança prevista nos relatos mais adiante sobre a data da festa, que sempre era celebrada no dia 06 de janeiro, iniciando sempre na quinta antes do dia 06 de janeiro.

Se foi do agrado de todos, tampouco podemos evidenciar, mas com o olhar da História, deixa-se a pergunta clássica: E onde ficaram as antigas tradições? Será que as mudanças são mesmo necessárias? Ou o que vale é a manutenção das tradições e vivências, passadas de geração a geração?

Para encontrar evidências mais concretas, em entrevista ao Sr. José Osvaldo Angelim notou-se que ele atesta o fato da decisão da mudança da data da festa para o Domingo de Cristo-rei ter sido do agrado de todos os conselheiros da paróquia. A votação era individual e todos aprovaram a troca. Porém, vale ressaltar a fala dele acerca da população em geral, dos fiéis leigos, principalmente os mais antigos. “Houve muita reação, houve muita reação, principalmente os idosos não concordavam. A população de idoso, ninguém concordou. Aí quem concordou foi os mais jovens, já era acostumado (os mais velhos)”.⁸³

O senhor José Osvaldo (Zé Osvaldo, como é conhecido) relatou ainda que o Frei Batista era mais atualizado, chegando na paróquia com outras ideias, inclusive fazendo acontecer mudanças na festa de São Francisco, muito frequentada pelo fiéis. Ele relata que trabalhou durante muito tempo na

83 Trecho da fala do Sr. José Osvaldo Angelim (05 maio 2018).

igreja. Como irmão do santíssimo, foram 20 anos, tornando-se depois ministro da Eucaristia por muitos anos.

O importante é manter o ardor missionário desta festa, para que ela não perca mais ainda suas raízes, como é o caso da procissão dos padroeiros junto ao padroeiro maior, que poderia voltar a acontecer.

O centenário da matriz

Em dezembro de 2017, mais precisamente aos 29 dias, comemoramos cem anos da bênção na nova matriz, logo após a finalização da obra sob os cuidados do Padre José Augusto da Silva. Na ocasião, o então bispo Dom José Tupinambá da Frota também benzeu a imagem de Bom Jesus dos Navegantes, doada pelo Coronel José Adonias de Araújo.

Não obstante esforço para publicar esta obra em face desta comemoração em meados do festejo do padroeiro, a novembro de 2017, já às portas do centenário, para que a população pudesse tomar posse desta magnífica história, não me foi possível devido à falta de recursos e apoio. O centenário quase passou despercebido por todos, mas de algum modo deixei a saber a alguns sobre esta data tão esperada, mal celebrada.

O intuito ao publicar esta obra foi o de levar ao coração dos fiéis a beleza esplêndida de uma igreja que hoje passa por diversas modificações, que traduz aos passos da contemporaneidade a desarticulação com suas antigas tradições, mas cujo esforço e a dedicação de quem lutou para vê-la de pé merece ser devidamente conhecido.

Luto pela manutenção das tradições, que vai desde a mudança da data original da festa do padroeiro, bem como a continuidade da fervorosa devoção a esse local, que há mais de 100 anos se faz presente em meio a um povo que acredita e que se fortalece baseado na fé, e na devoção a Bom Jesus dos Navegantes. Mesmo que a data permanecesse inalterada, mas que as pessoas nunca deixem de celebrar o real sentido identificado no festejo a Bom Jesus, a propagação da fé e do ardor missionário.

Sonho em ver a história sendo discutida e propagada para que ninguém esqueça que tudo tem um começo, e que esse começo merece ser perpetuado. Que esta publicação celebre com mais fervor o centenário de nossa bela e abençoada matriz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar o Livro de Tombo, pude me debruçar sobre os primórdios da história da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes atrelada à própria concepção da cidade de Camocim, fazendo transparecer o desenvolver de ambas, sob a ótica da religião católica.

Teóricos das mais diversas áreas do conhecimento buscam entender a cidade como fonte das aspirações humanas, implícitas na racionalidade consistente do *tempo das luzes* que emergem nos trabalhos acadêmicos com problematizações concernentes a cada saber científico; todos procurando entender à polifonia do mundo urbano.⁸⁴

Podemos evidenciar a presença da religião católica como fonte precursora da escrita da história de Camocim, onde tivemos como principal linha a construção de sua igreja matriz, reproduzida no primeiro Livro de Tombo, escrito pelos seus primeiros párocos, envolvidos em situações próprias ao interesse dos historiadores, que procuram entender o espaço urbano sob esta forte influência que advém do catolicismo nas cidades cearenses.

Assim, tentou-se investigar a construção da matriz de Camocim, percebendo que os fatos remetem a diversas indagações acerca dessa construção, questionada sobre o olhar dos escritos que nos relevam significativas considerações, a partir da pesquisa, dentre elas, o enfoque da planta da igreja, feita pelo próprio padre José Augusto da Silva, ao passo que antes não se podia ter essa noção, pois a única planta conhecida era a do Sr. Dr. Engenheiro José Privat, que construiu a primeira igreja.

Sabemos que o processo historiográfico, por muitas vezes, sofre alterações e que nada é consideravelmente uma verdade, mas o trabalho do historiador é problematizar as fontes e, a partir da descoberta de novos fatos, construir uma história a partir de suas concepções sem que sejam desacreditados os documentos em pesquisa.

84 Silva Junior, 2015, p. 413.

Assim, vale ressaltar que é preciso dar voz ao desconhecido e aos fatos obscuros, ao olhar novos documentos podemos encontrar pequenos traços de histórias que muitas vezes passam despercebidos. Procuramos entender o que de fato poderia ter ocorrido e o que levou as obras da igreja a ficarem por tanto tempo paralisadas.

Consideramos então notória a participação do Pe. José Augusto da Silva no desenvolver das obras da matriz, ao entender que ele esteve à frente dos processos desta construção, percebido pelos escritos deixados por ele e as concepções advindas do povo de Camocim, presentes nos jornais da época.

Falar de Camocim, não se resume a religião, mas esta propicia uma cultura irradiada nos costumes do povo, que celebra as festividades de seus santos, no povo que cuida de sua fé transmitindo devoção e tradição. A matriz de Camocim, que completa 100 anos após a benção depois de concluídas as obras, ainda preserva em suas raízes, igreja pedra, a mesma vontade de se manter erguida que outrora seus fundadores repassaram ao toque daqueles escritos iniciais.

A Igreja povo merece ser conhecedora de sua história, para tanto, esta obra tem o intuito de levar à posse de todos a sua história, essa que reflete a fé e as tradições de uma paróquia, que desconhece a sua própria noção de existência.

Esperamos que a igreja matriz de Camocim seja de fato entendida como o esforço do povo e de seu pároco para que fosse erguida, mesmo sem o apoio necessário, mas que com o passar dos anos, apesar das dificuldades, dentre elas a maior, a falta de recursos, não se mediu esforços de todos para que ela fosse concluída. Assim, entendemos que era de extrema importância que a igreja crescesse juntamente com a cidade, que já denotava traços de desenvolvimento.

Confirma-se o conhecimento de tudo isto, sob este olhar fixo da religião, com concepções advindas do período imperial, a importância de se manter viva a história, daí se vê a valiosa estima para com tais registros deixados pela própria Igreja, que faz acontecer e deixa-se claro na escrita de sua história e na do lugar onde se tem guardado o histórico de Camocim, dentro do próprio Livro de Tombo, fato que convém deixar exposto.

A escrita da História detém um ponto fixo, ou seja, um objeto. Aqui se registra claramente o interesse pela ótica religiosa, que ela possa ser compreendida como fonte significativa, não como principal, pois os olhares são

variados, e é isso que dará vida a futuras narrativas sobre os mais variados conceitos, e esta agora se confirma neste centenário (2017). É preciso dar voz ao desconhecido, afinal de contas, o nosso papel é esse mesmo: pois para o historiador, *tudo é história*.

Viva Bom Jesus dos Navegantes!

SOBRE A AUTORA CÉLIA SANTOS

O sangue que corre nas veias talvez me torne suspeito para falar da Célia Santos. Mas apresentar Maria Célia Pereira dos Santos para as páginas da História é motivo de prazer e orgulho. É falar de alguém que soube muito bem superar as dificuldades de uma camponesa do interior do Ceará, compensando sua estatura física com uma perseverança gigantesca, uma inteligência ímpar e uma dedicação louvável. Pois, se me tinha como exemplo para sua motivação, hoje trocamos de lugar.

Acompanho a vida de Célia desde os cueiros e quando iniciou sua vida estudantil na Escola João Paulo dos Santos, na localidade de Cupim, onde nasceu, mudando-se para Camocim, onde continuou os estudos até chegar o momento de percorrer de ida e volta os mais de 240 quilômetros diariamente até a Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral, onde cursou e concluiu com sucesso a Faculdade de História. Foi aí que se revelou o talento de nossa pequena guerreira, ao resistir às intempéries da estrada, compartilhando o sofrimento das enfadonhas viagens com os demais colegas até o dia em que colou Grau, com chave de ouro.

E de repente taí. A colheita do melhor fruto de um trabalho, resultado de muita luta e a recompensa de um grande esforço. Atualmente, Célia é professora da rede estadual de Ensino no Município de Granja. Sua brilhante pesquisa monográfica sobre a história da igreja matriz da cidade e Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes de Camocim/CE, digna de tornar-se livro, deverá ser apenas o primeiro de muitos outros trabalhos que certamente virão. É um feito que além de contribuir para o acervo historiográfico do município é também motivo de orgulho para os familiares de nossa nova historiadora.

Enfim, no centenário do erguimento da igreja matriz de Camocim, er- gue-se também sua história nas páginas deste livro. A autora, vicentina⁸⁵ vocacionada para cantar, que antes esbanjava talento com a voz afinada na liturgia, agora faz ecoar pelos quatro cantos da cidade, e por que não dizer do Brasil, não cantando, mas desta vez contando a inédita história da primeira igreja de Camocim. Exercendo seu ofício, Célia Santos nos dá oportunidade de conhecermos um pouco mais de nossa história local através da escrita da história do templo de Bom Jesus.

Francisco Rocha Pereira



Foto: Rafael Freitas da Costa.

85 Desde quando chegou em Camocim, Célia Santos engajou-se na Sociedade São Vicente de Paula quando passou também a fazer parte da Equipe de Liturgia da Igreja de São Francisco, onde continua desempenhando a brilhante função de cantora com uma meiga voz.

ANEXOS

Figura 9 - Matriz de Camocim



Fonte: Acervo do blog “Camocim Pote de Histórias”.

Figura 10 - Em pesquisa



Foto: Acervo da Autora.

Figura 11 - Igreja Mariz de Bom Jesus dos Navegantes. s/d. Camocim-CE



Fonte: Blog Camocim Pote de Histórias.

Figura 12 - Abertura do Primeiro Livro de Tombo da Matriz

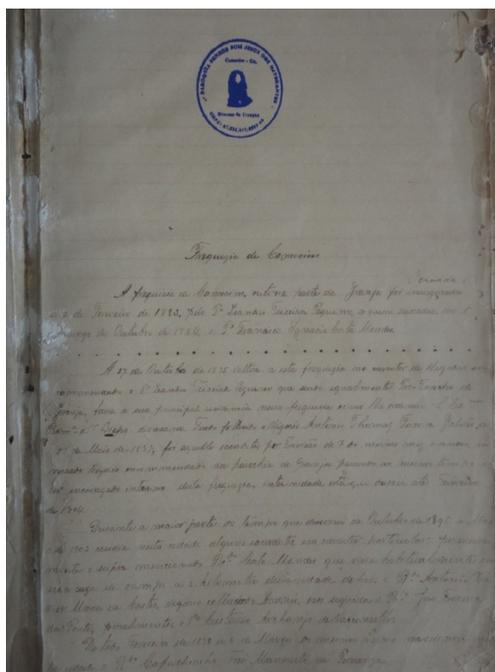


Foto: Acervo da Autora.

FONTES

Documentais

Primeiro Livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes – Camocim-CE (1904-1930).

Terceiro livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes – Camocim-CE (1998?).

Primeiro Livro de Tombo da Paróquia de São José - Granja-CE (1886 a 1890).

Impressas

Jornais

Nortista (Sobral, 1913).

Folha do Littoral (Órgão Comercial de Informações Geraes), de Camocim, ano de 1918 e 1919.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Cronologia Sobralense**. Séc. XVII e XVIII (1604-1800). Vol. I. 2ª ed. Sobral: Edições ECOA, 2015.

ARAÚJO, Raimundo Alves; SILVEIRA, Edvanir Maia da . A Seca e progresso: a indústria da seca no Ipu-CE. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, v. único, p. 01-15, 2007.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **O Patrimônio**. Edições Loyola, 2003.

BARROSO, Gustavo. **A margem da história do Ceará**. Imprensa Universitária, 1962.

BOSCHI, Caio César; OTELHO, Tarcísio Rodrigues. Digitalização e disponibilização de acervos paroquiais da Rota da Estrada Real. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 10, n. 13, p. 112-120. 1º sem. 2008. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1032>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Livraria Martins Fontes. São Paulo. 1992.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Vol. XVI, IBGE, 1959.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7ª Revista, Campinas. SP. Editora da Unicamp, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

REIS, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil 1500/1720**. 2ª ed. São Paulo: Pini, 2000. p. 98.

SANTOS, Carlos Augusto P. dos. **Entre o porto e a estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim (1920-1970)**. Fortaleza: INESP, 2014.

SILVA JÚNIOR, Agenor Soares. **“Cidades Sagradas”: a Igreja Católica e as transformações urbanas Ceará (1870-1920)**. 2009. 382f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SILVEIRA, Aureliano Diamantino. **Ungidos do Senhor na Evangelização do Ceará (1700 – 2004)**. Fortaleza: Premium, 2004.

Acervos Digitais

Arquidiocese de Fortaleza. <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/>. Acesso em: 24 nov. 2015.

Granja Nossa História. Disponível em: <http://granjanossahistoria.blogspot.com.br/p/o-dr-jose-privat.html>. Acesso em: 20 dez. 2015.

Documentos Eclesiásticos. Disponível em: <http://profludfuzzimetodologia.blogspot.com.br/2010/09/documentos-ecclesiasticos-metodologia.html>. Acesso em: 30 jan. 2016.

Patrimônio Cultural. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=46>. Acesso em: 15 nov. 2015.

Pesquisa Camocim. Disponível em: <http://pesquisecamocim.blogspot.com.br/p/historia-camocimense.html>. Acesso em: 10 mar. 2016.

Pote de Histórias. Disponível em: www.camocimpotedehistorias.blogspot.com. Acesso em: 13 dez. 2016.

PARTE 2

**A PROMOÇÃO EM AÇÃO:
OS BENEFÍCIOS DO SERVIÇO DE
PROMOÇÃO HUMANA EM
CAMOCIM-CE (1966-1972)**

Gabriel Belchior de Araújo

À Virgem Maria Santíssima, à qual sou um simples consagrado, que sempre esteve comigo nessa árdua jornada acadêmica pela sua incessante intercessão a Deus e que é um grande modelo de humildade e sabedoria, sendo um dos principais sinais do Amor Divino a toda humanidade. *Ave Gratia Plena.*

INTRODUÇÃO

Movido pelo objetivo de conhecer e divulgar as ações e benefícios do Serviço de Promoção Humana em Camocim, uma instituição que se encontra atualmente em estado passivo em comparação à sua atuação inovadora e extensiva em prol de uma educação libertadora e preservação da dignidade humana, viu-se a necessidade da execução de uma pesquisa para informar e fomentar as importantes ações que melhoraram e socorreram muitos camocinenses, de diferentes idades, dos males da pobreza e da marginalização social nos anos 60 a 70 do século XX.

A história mostrada ou repassada indiretamente pelos prédios de escolas e igrejas, algumas construídas nos anos 60/70 do século passado, outras já existentes que carregam e transmitem de maneira distante à nova geração camocinense uma trajetória de superação social, inclusão, atuação e amor ao próximo. O serviço de Promoção Humana, movido pela religião cristã e os ideais do Concílio Vaticano II,⁸⁶ põe-se em marcha em defesa dos diretos dos indivíduos vítimas de uma sociedade individualista guiada por um sistema econômico de exclusão. Em uma época em que o mundo se encontra bipolarizado nas ideologias socialistas/capitalistas, ou numa guerra fria, a Promoção Humana em Camocim idealiza e executa, a partir do ano de 1962, o projeto de cuidar e velar pelos menos favorecidos.

Demonstrei as ações e melhorias executadas por essa instituição guiada pelos valores cristãos, desconhecida por muitos cidadãos na referida cidade, principalmente pela nova geração. Uma Camocim fortemente católica, que tinha seu “ganha pão” na pesca e nos trabalhos promovidos pelo porto e a estrada de ferro, sem deixar de lado as necessidades e a extensiva pobreza de muitas pessoas. É também de suma importância relatar como acontecia o processo de educação, alfabetização e características das escolas a partir

86 O **Concílio Vaticano II** (CVII), XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de Dezembro de 1961, através da bula papal "Humanae salutis", pelo Papa João XXIII. Este mesmo Papa inaugurou-o, a ritmo extraordinário, no dia 11 de outubro de 1962. O Concílio, realizado em 4 sessões, só terminou no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI.

dos anos 60 no município, juntamente com os desafios e dificuldades da Promoção Humana nesse setor. Para isso foi necessário ler e analisar livros que mostram contextos e fatos no âmbito local, nacional e global, ajudando e esclarecendo as ações aplicadas e vivenciadas no recorte temático, devo destacar: “Um oásis dos menos favorecidos da sorte”: a experiência do Serviço de Promoção Humana (SPH), Camocim/CE. 1962-1979, publicado em 2014, tendo por autoras Vera Lúcia Silva e Ana Selma S. de Aguiar, dão destaque aos objetivos e ações do SPH desde seu início, no ano de 1962, até os declínios de suas atividades em 1979, abordando sua estrutura organizacional, colaboradores e principais ações. Entre o Porto e a Estação: Cotidiano e Cultura dos Trabalhadores Urbanos de Camocim-CE 1920-1970, cujo autor é Carlos Augusto P. dos Santos, professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú, situada em Sobral-CE, tem por objetivo, nos quatro capítulos, analisar a História de Camocim por meio da atuação do seu povo e ações executadas por ele dentre os benefícios e males presentes na cidade litorânea. Estão presentes também trechos com relatos e curiosidades de ex-membros da instituição que nos farão questionar por que ou qual a causa de idealizar projetos para os menos favorecidos e como eram executados.

O padre Luiz Gonzaga Melo, ao chegar à cidade de Camocim vindo da Europa, teve um verdadeiro choque cultural. Sua escolha por um município carente foi concretizada pelo bispo Dom José da Mota Albuquerque ao enviá-lo para a cidade litorânea. Sua trajetória de seminarista, primeiramente no seminário São José, em Sobral, unido aos estudos no Seminário da Prainha, em Fortaleza, e depois seu envio ao seminário Francês em Paris, criou-lhe a motivação em ajudar com preferência os menos favorecidos. Ao tomar posse do curato da Igreja de São Pedro, no bairro carente dos pescadores, viu a possibilidade de colocar em prática seus planos, criando em 1962 o SPH, que inicialmente tinha suas atividades ainda limitadas ao referido bairro, principalmente aos pescadores e às prostitutas, pois a prática da prostituição era crescente na orla marítima, não apenas no assistencialismo, porém na busca da conscientização crítica dos indivíduos na elaboração de soluções dos retrocessos sociais. No ano de 1964 toma posse do curato de São Pedro o padre Antônio Edvar, que prossegue com os trabalhos de promoção humana em parceria com o SESI (Serviço Social da Indústria) e ONG'S internacionais na arrecadação de alimentos para as famílias ca-

rentes, unido a construção de casas para as famílias e a presença de uma escola para as séries iniciais.

O movimento modernizador estava cada vez mais em ascensão dentro da Igreja, mesmo antes do Concílio Vaticano II (1962-1965), as ideias de cunho liberal, como a liberdade religiosa, o Estado laico, o ecumenismo⁸⁷ e a liberdade de pensamento, já condenados pela Igreja via bulas ou encíclicas papais, guiava algumas correntes teológicas dentro da Europa e na América Latina. A Santa Sé inicia um projeto de centralização de poderes e aprofundamento de acompanhamento de ensino, principalmente nos seminários, culminando na criação do Colégio Pio Latino Americano, em 1858, e o Colégio Pio Brasileiro, em 1934; no sentido de aproximar Roma e a doutrina Católica aos futuros padres, unido aos Conselhos de Pastoral para assistencializar a América Latina nas suas necessidades. Os Movimentos Eclesiais de Base⁸⁸ traziam consigo um caráter secularizado para os fiéis, almejando uma nova proposta, segundo eles, de libertação para o povo através da conscientização política. A partir daí iniciam-se as disputas de tomada de espaço pela teologia dogmática católica contra a teologia de uma igreja “povo de Deus”.

É sobre estes temas que trata a pesquisa e foram utilizadas fontes escritas e não escritas, documentos do Serviço de Promoção Humana (SPH), narrativas de sócios e outras fontes, que veremos em seguida.

A pesquisa contou com fontes documentais que encontram-se no Núcleo de Estudos e Documentos Históricos (NEDHIS), da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), tais como cartas de solicitação de ajuda financeira a camocinenses que moravam fora da cidade e lista de materiais utilizados no Serviço de Promoção Humana. Através do livro *A Promoção em Marcha', um oásis dos menos favorecidos da sorte*, das autoras Vera Lucia e Ana Selma Aguiar, busquei mostrar as ações e benefícios elaborados e executados pela instituição na cidade, exercendo um intercâmbio com o cenário mundial juntamente com suas influências no âmbito local, mostrando de forma superficial para entendimento do leitor a criação e declínio das atividades do SPH no referido município.

87 **Ecumenismo** é o processo de busca pela união apesar das diferenças. O termo ecumênico provém da palavra grega οἰκουμένη (oikouménē), significa mundo habitado. Num sentido mais restrito, emprega-se o termo para os esforços em favor da unidade entre igrejas cristãs; num sentido lato, pode designar a busca da unidade entre as religiões.

88 **As Comunidades Eclesiais de Base (CEB)** são comunidades inclusivistas ligadas principalmente à Igreja Católica que, incentivadas pela Teologia da Libertação, se espalharam principalmente nos anos 1970 e 80 no Brasil e na América Latina. Consistem em comunidades reunidas geralmente em função da proximidade territorial e de carências e misérias em comum, compostas principalmente por membros insatisfeitos das classes populares e despossuídos.

A importância dessas fontes está na realização de conhecer e repassar a situação de vida dos padres diretores da Promoção Humana, associado às características da paróquia Bom Jesus dos Navegantes e da própria instituição tema no período de 1966 a 1972, procurando identificar um objetivo de conscientização política por meio de uma Esquerda Cristã, nos benefícios oferecidos aos indivíduos menos favorecidos.

Utilizei também duas entrevistas como fonte, uma na modalidade oral, com a ex- professora do Serviço de Promoção Humana, Antonilda Gomes, residente na cidade de Camocim, e com o Ex-2º diretor-presidente da referida instituição, via e-mail, Senhor Antônio Edvar Lima. Através delas, analisei a importância do SPH em relação à educação infantil camocinense, demonstrando a ideologia que movia esses idealizadores e ajudantes. Juntamente com o Livro *‘Entre o Porto e a Estação’*, do autor Carlos Augusto dos Santos, repassei ao leitor as características e vivências da sociedade camocinense no final dos anos de 1960 para melhor compreensão do espaço de atuação da Promoção Humana.

Com o objetivo de discutir e demonstrar as ações beneficentes da Igreja Católica, não somente no âmbito municipal, mas também no nacional e mundial, por meio da desaprovação da marginalização de uma sociedade sofredora, citei o livro *‘A Luta da Igreja contra os Coronéis’*, cujo o autor, Itamar de Souza, enfatiza essa ideia:

Os Bispos compreenderam que isso não bastava. Entenderam que para promover as massas rurais e libertá-las na injustiça institucionalizada, o meio mais educado seria a educação, não aquela educação tradicional, mas uma educação conscientizadora, visando transformar o homem num agente de participação e mudança social.⁸⁹

Através dessas fontes, executei o objetivo de revelar o diálogo e ações da Igreja Católica com o meio social, que se davam em muitos locais por meio da Educação e na preferência pelos pobres, estendidos em âmbito nacional por meio da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), principalmente nos anos 60 e 70 do século passado.

Quando levantamos o tema “memória”, no âmbito da História Oral, problematiza-se a ideia de algo fascinante e enigmático, que por si mesmo

89 Souza, 1982, p. 53.

é o bastante para todo o estudo nesta área. A dúvida tradicional de saber qual a especificidade ou particularidade da História Oral permanece na cabeça de muitos acadêmicos amantes dessa área científica. Podemos assim definir como a principal característica de um documento de História Oral, não a singularidade das informações coletadas, todavia da História Oral como um todo decorrer de todo um status com relação à própria História e as configurações socioculturais, pois traz o privilégio da reconstrução do que foi vivido por meio de quem viveu.⁹⁰

As fontes orais trazem consigo a realidade de mostrar a competência de o sujeito ver, analisar e atuar concretamente na História. Elas carregam as interpretações e sentidos que os indivíduos estão qualificando às suas experiências de vida no trabalho, escola, na religião e no partido, além de permitir mostrar por meio dessas memórias individuais as limitações do próprio trabalho de análise e seleção da memória, as famosas histórias silenciadas, tão presentes infelizmente nos regimes ditatoriais, como por exemplo na ditadura civil-militar no Brasil entre os anos de 1964 e 1985.

A subjetividade tem uma grande função para a reconstrução do evento histórico, sem desqualificar ou desconsiderar a necessidade e importância da historiografia acadêmica, porém, não se pode deixar de lado a contribuição dos sentimentos que aprimoram a História Oral e que trazem à tona as expansões das narrativas, as contradições, a abrangência de personagens, de tudo aquilo que se choca com os conteúdos “oficialmente” apresentados.

Segundo Verena Alberti, a entrevista de História Oral é um resíduo de ações embutidas na própria entrevista, assemelhando às características de uma autobiografia. Ela documenta como próprio resíduo de ação a interação entre entrevistado e entrevistador, com uma distinção: enquanto na autobiografia se encontra um autor, na entrevista de História Oral encontram-se dois autores, no mínimo – o entrevistador e o entrevistado. A entrevista, conduzida por seu entrevistador, pode ser classificada como parte do seu próprio relato, da sua própria visão de mundo, na descrição ou narração das ações passadas.⁹¹

A História Oral tem o objetivo de metamorfosear as entrevistas gravadas em fontes para se entender o passado, unindo-se ainda a outras fontes, como

90 Alberti, 1996, p. 1-13.

91 Ibidem, p. 04.

as documentais, imagens, fontes escritas, biografias, entre outras, sempre com a preocupação em repassar como os indivíduos alvos vivenciaram e interpretaram os acontecimentos em foco. A entrevista oral documenta como resíduo de ação a própria relação interativa entre entrevistado e entrevistador, uma relação própria de interesses, seja na tentativa de fazer o outro falar de suas experiências, seja para que o ouvinte entenda o relato de tal maneira que modifique suas expectativas e noções pessoais sobre o assunto.

É notório que o entrevistado deve estar ciente da importância e da viabilidade de repassar seu passado frente a um gravador. Nem sempre é agradável compartilhar sua vida a outrem, isso apenas acontece quando é nítida uma situação de justificação social ou de construção de si próprio perante o tema abordado ou para a sociedade em geral. Quando se privilegia personagens, datas, acontecimentos e pessoas em um contexto social específico, classificamos a iniciativa como “manutenção e enquadramento de memória”, solidificada em um diálogo de interesses, tanto para quem repassa a narração (entrevistado), como também para quem a solicita (entrevistador).

Devemos ressaltar que a credibilidade para se analisar fontes orais são diferentes. A credibilidade de um relato oral não se classifica por sua grande proximidade com o ato, sua imersão nele, porém, de preferência no afastamento do relato sobre o ocorrido, incluindo o simbolismo, a imaginação e o próprio desejo de estar incluso no mesmo⁹².

Ainda segundo Portelli⁹³, há um notório preconceito em relação às fontes orais por classificá-las como distantes dos fatos ocorridos, rebaixando a confiabilidade do relato. Contudo, essa é uma realidade de muitos documentos escritos, que tradicionalmente não são alvos desse olhar crítico e muitas vezes produzidos por não participantes dos eventos. As memórias escritas de líderes de trabalhadores e de políticos estão distantes de alguns aspectos do evento, ocultando sua dependência ao tempo, assumindo a forma de uma escrita dita oficial por uma determinada camada social.

Os narradores orais, imersos em sua cultura, contam com o auxílio dos ajudantes de memória. As fontes orais podem suprir a distância temporal com um envolvimento pessoal mais íntimo. Muitas histórias, contadas inúmeras vezes entre os membros da comunidade, ajudam na preservação de uma versão comum de determinado fato.

92 Portelli, 1997, p. 32.

93 Ibidem, p. 33.

NASCE A PROMOÇÃO HUMANA PARA OS POBRES

Como tudo começou

Nasce, nos anos de 1960, em Camocim - Ceará, o Serviço de Promoção Humana, tendo como principal objetivo o desenvolvimento integral da pessoa humana, especialmente dos excluídos e menos favorecidos da sociedade. Esta organização surge num contexto afetado por grande disputa ideológica em busca de uma economia mais justa, golpes e contragolpes, implantações de ditaduras, grandes tensões políticas que envolviam as duas grandes potências econômicas nos anos 60 ao ponto de surgir a qualquer momento uma 3ª Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que temos uma Igreja focada na ajuda dos menos favorecidos, guiada pelos ideais do Concílio Vaticano II (1962-1965) e principalmente pela religião Cristã.

O Brasil também estava dentro desta realidade dinâmica. Para entendermos melhor o objetivo da criação e atividades executadas pelo Serviço de Promoção Humana e sua importância em Camocim, é preciso entender as características ou aspectos sociais do referido município na década de 1960. Uma cidade movida economicamente pelo Porto e pela Estrada de Ferro, que na primeira década do século XX atraíram a instalação de várias casas comerciais que impulsionavam a economia local por muitos anos,⁹⁴ dando um conforto econômico à sociedade. Todavia, no início dos anos 50, o declínio das atividades do Porto faz a população camocinense sentir ainda mais os efeitos dos problemas socioeconômicos, o município já sofria com os altos níveis da concentração de renda, infelizmente, poucos tinham direito de usufruir de uma vida digna e uma grande massa sofria com os malefícios da exclusão, juntamente com uma política inativa. A decadência das atividades portuárias forçaram muitos trabalhadores do município ao êxodo urbano, à procura de emprego em outros portos Brasil afora:

94 Santos, 2014.

A escassez e a falta de trabalho, no porto, provocaram diversas situações que se vêm analisando até aqui, colocando as categorias profissionais ora em confronto na disputas pelos escassos postos de trabalho, ora em colaboração, na reivindicação de melhores remunerações ou no pedido de revitalização do porto via dragagem. Na falta do atendimento desses pedidos, uma das saídas para os estivadores, principalmente, e de alguns portuários, foi “ganhar o mundo” e cruzar o Brasil de norte a sul, pelos mais diversos e distantes portos.⁹⁵

No início dos anos 1960, o índice de pobreza era altíssimo em Camocim, associado ao precário serviço de saúde e educação. O povo, em sua maioria, na procura de meios de renda montava comércios, a juventude deixava o município à procura de emprego e o peixe era a principal alimentação das famílias camocinenses, consumido em quase todas as refeições.

No ano de 1962, foi enviado a Camocim pelo bispo da diocese de Sobral, Dom José da Mota Albuquerque. Na época, a paróquia do município, Bom Jesus dos Navegantes, tinha à frente o padre Luiz Gonzaga Melo⁹⁶, que a partir do referido ano, ficou responsável pela Igreja de São Pedro, no bairro dos pescadores, templo esse erguido e inaugurado em 29 de junho de 1942 com a finalidade de combater as ideias comunistas, a propagação das doutrinas protestantes e a prática da prostituição, altamente presente na cidade litorânea. Padre Luiz ao deparou-se com um bairro extremamente pobre em um município afetado firmemente pela pobreza, com uma minoria pequena de indivíduos com a possibilidade de uma vida melhor. Diante de todas essas circunstâncias de exclusão social, fomentadas pela situação nacional, guiado pelos preceitos católicos, no dia 06 do mês de maio de 1962 nasce o Serviço de Promoção Humana, fundado pelo padre Luiz tendo como objetivo inicial e principal: “A promoção humana, sócio – econômico – religiosa das populações pobres dos bairros e do Centro da cidade de Camocim”⁹⁷.

95 Ibidem, p. 30.

96 Atualmente é casado, reside em Campina Grande (PB) e é professor aposentado da Universidade Estadual da Paraíba.

97 Conforme seu primeiro estatuto, datado de 06 de maio de 1962, vindo a ser publicado no Diário Oficial do Estado do Ceará, em 14 de maio de 1965, no mandato do seu sucessor imediato, Padre Edvar. Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Núcleo de Estudos e Documentos Históricos (NEDHIS). Estatuto do Serviço de Promoção Humana (SPH), publicado no Diário Oficial do Estado do Ceará, 14 de janeiro de 1965, Cap. II, art.V. Pasta F – Estatutos, 1965 (*apud* Silva; Aguiar, 2014).

Como notamos inicialmente, a Promoção Humana limitava sua atuação ao espaço urbano, situação que seria mudada futuramente. A teoria que movia essa instituição era o conceito que o povo inspirava por meio de suas condições sociais, uma sociedade muito afetada pelas desigualdades sociais, na qual encontrava-se no mesmo espaço e tempo uma minoria inativa que usufruía dos bens materiais e culturais:

[...] o pessoal era muito pobre e então tinha que se pensar [...], promover aquela população, aquele povo, aquela coisa toda e daí vem o nome, Promoção Humana ; promoção daquela população [...],daqueles trabalhos isso e aquilo outro [...] também, iniciamos um trabalho de artesanato [...] e pescaria e daí por diante. Era, na realidade, uma finalidade mesmo de promoção humana, promoção daquele povo.⁹⁸

Deve-se destacar que o envio do padre Luís a uma cidade pobre como Camocim foi um pedido antecipado vindo do próprio indivíduo. Luís Gonzaga bacharelou-se em Filosofia e licenciou-se em Teologia pela Universidade Gregoriana, na cidade de Roma, frequentando antes o seminário de Sobral e Seminário da Prainha (Fortaleza-CE), formou-se também em Ciências Sociais no Instituto Católico de Paris, na França. No livro de Tombo da Matriz de Bom Jesus dos navegantes há o registro de sua chegada:

Na tarde de 9 de março de 1962, pelo horário da Estrada de Ferro, chegou a esta cidade o Remo Padre Luiz Gonzaga Melo nomeado pelo sr Bispo diocesano cooperador na paróquia de Ipu. Pe Luiz Melo por determinação do sr Bispo viera para esta cidade imcubido [SIC] de uma função especial **de proporcionar assistência religiosa e social à população dos bairros**, máxime o bairro de São Pedro. Por esta razão escolhe ele a Igreja de São Pedro como centro irradiador de seu apostolado [...].⁹⁹

Chegando a Camocim, sentia a necessidade de uma Igreja voltada para o povo, feita pelo povo. Mesmo com o choque de cultura provocado pela chegada na cidade, não deteve-se ao surpreender-se com uma realidade não tão

98 Entrevista com Luís Gonzaga Melo, realizada em Campina Grande a 27 de fevereiro de 2011 (*apud* Silva; Aguiar, 2014, p. 22).

99 II Livro de Tombo, p. 9, da Igreja Matriz de Bom Jesus dos Navegantes, o destaque é do autor.

conhecida na prática. Atuou para a aproximação da Igreja de São Pedro com os indivíduos marginalizados, a exemplo dos pescadores e prostitutas. Assim, para o fundador da instituição, o objetivo não estava apenas no assistencialismo ou nas ações de inclusão social e preservação da dignidade humana, todavia, também na formação e conscientização crítica dos beneficiados, para atuação política nos segmentos sociais populares com a finalidade de solucionar os problemas de educação, saúde, moradia e trabalho. O livro de Tombo enfatiza essa informação quando se afirma que ele veio desempenhar a “função especial de proporcionar assistência religiosa e social a população dos bairros, máxime o bairro de São Pedro. Por esta razão escolheu ele a Igreja de São Pedro como centro irradiador de seu apostolado.”¹⁰⁰

Em âmbito nacional, a Igreja Católica já atuava semelhantemente às ações locais citadas, projetos e ações na qual deixava clara a opção pelos pobres e os menos favorecidos, confirmando assim os ideias do Concílio Vaticano II (1962-1965).

A Igreja e sua ação frente à realidade

Na dimensão político-social, vale destacar que João Goulart, na época presidente do Brasil, na tentativa de implantar a sua política nacional-trabalhista, cujo o objetivo principal era proporcionar à maioria dos indivíduos uma sociedade mais justa por meio da participação das massas nos resultados do processo, logo encontrou dificuldades impostas por uma forte oposição¹⁰¹. Assim, a preocupação vigente era a forte resistência do congresso, que apontava de maneira pejorativa as reformas idealizadas pelo presidente, como a Lei de Remessas e Lucros¹⁰² e a Reforma Agrária, vistas por eles como uma ameaça comunista. A solução de Jango foi mobilizar as massas rurais e urbanas, sobretudo, com ajuda da Igreja, voltada para a realização da mobilização no campo para exercer a pressão sobre o congresso para que aprovasse as reformas.

Desde os anos de 1950, a Igreja no Brasil vinha elaborando, organizando e fomentando movimentos em busca de combater a marginalização e pela inclusão social, essa atuação está voltada principalmente para a região Nor-

100 III Livro de Tombo. Paróquia Bom Jesus dos Navegantes. (1962-1989) Camocim-CE.

101 Souza, 1982.

102 A Lei de Remessa de Lucros foi uma medida tomada por João Goulart, então presidente do Brasil, em 3 de Setembro de 1962, e que limitava o quanto as empresas multinacionais poderiam enviar, por ano, daquilo que lucravam no Brasil para o estrangeiro.

deste, vítima de uma forte crise econômica causada pela concentração do capital na região Sudeste, provocando o êxodo em massa de trabalhadores para essa região, deixando para trás, em sua maioria, as crianças e mulheres, sem condições de manter seus filhos,

Não obstante o saldo deixado pelo nacionalismo populista de Getúlio, faltava-lhe uma visão nacional mais abrangente. A implantação do seu modelo de desenvolvimento obedecia as regras básicas de acumulação capitalista, principalmente quanto á concentração espacial dos fatores de produção num determinado polo dinâmico. Por isso, as medidas práticas tomadas para dinamizar a economia –nacional- redundavam no fortalecimento da economia no Centro-Sul em detrimento das demais regiões.¹⁰³

Com isso, a Igreja Católica volta-se cada vez mais para a população sofrida do Nordeste, região que registrava altos índices de mortalidade infantil, um precário serviço de saúde e problemas de nutrição. Com o objetivo de implantar uma profunda atuação crítica frente a essas realidades surge a Ação Católica, cujo assistente nacional era o padre Helder Câmara desde 1947. Junto com outros movimentos, entre eles a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Agrária Católica (JAC) e a Juventude Independente Católica (JIC), almejava-se o objetivo do forte engajamento na luta política pelas transformação das estruturas.

Visando diminuir o isolamento dos bispos brasileiros e fomentar a união e ajuda aos pobres, é fundada em 1952 a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) pelo então Monsenhor Helder Câmara. Assim, o episcopado nordestino ficava cada vez mais ciente dos problemas da população, facilitando a atuação das melhorias. Uma confirmação disso é a realização do primeiro encontro de bispos do Nordeste em maio de 1956, cujo objetivo era manifestar o repúdio contra as grandes injustiças, declarar a independência do poder temporal juntamente na luta pela defesa dos trabalhadores no direito à terra.

Em 1966, as ações do Serviço de Promoção de Humana estavam cada vez mais significativas. O então padre Antônio Edvar substituiu o funda-

103 Souza, 1982, p. 10.

dor da instituição, padre Luís Melo, nas funções de vigário cooperador da Igreja São Pedro e presidente do SPH a partir do ano de 1964. Encontrou um projeto organizado, mas ainda iniciante. Nesse ano, mantinha em sua administração uma parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI), a partir da qual adquiriam-se remessas de alimentos não perecíveis para as famílias carentes cadastradas. Na forma de preço de custo, esses alimentos eram transportados até a cidade por meio de um vagão de trem, que passava alguns dias parado na estação de ferro. Dentre os alimentos estavam, em muita quantidade, queijo acondicionado em lata, manteiga, sacas de leite em pó e sacas de farinha de trigo, recebidos e distribuídos para famílias de baixa renda, isso por intermédio benéfico de uma Organização Não Governamental (ONG), a Alimentos da paz.

Para Antônio Edvar, diferente de Luiz Melo, a instituição Promoção Humana não tinha o objetivo de uma conscientização crítico-política, os benefícios aplicados tinham o objetivo de assistencialismo, melhorar e aliviar os sofrimentos da forte pobreza:

Nessa fase, tínhamos uma Igreja mais paternalista, mais preocupada um Evangelho mais firmado nos liames ditados pela Diocese, Até o vocabulário promoção humana hoje me soa vetusto e genérico. Obtínhamos enormes quantidades de alimento oriundos dos Estados Unidos, do Projeto Aliança para o Progresso e eram doados assim sem a preocupação política. Apenas aos carentes (sem aquela vinculação política no sentido aristotélico do termo), que se deve ter com a dignidade humana [...] os anos nos fazem melhores, aperfeiçoa-nos e o nosso desenvolvimento intelectual nos perpassa que nossas atividades á época eram um pouco desprovida de maiores preocupações com o desenvolvimento pleno da pessoa humana sem um lastro político – social na expressão ampla do termo . Porém era o que tínhamos de melhor para fazer e fazíamos de acordo com os ditames da Diocese, com a ética vigente.¹⁰⁴

Residências foram construídas em mutirão, sendo que o local ou terreno para as obras foi conseguido por doação. Os indivíduos que seriam beneficiados com as casas trabalhavam em sua edificação, na feitura de

104 Entrevista com Antônio Edvar de Araújo Lima, realizada via e-mail a 23 de fevereiro de 2011 (apud Silva; Aguiar, 2014).

tijolos como no próprio erguimento dos prédios. Na gestão de Edvar, 10 casas foram erguidas no contexto do projeto, sendo 5 já levantadas na gestão anterior. Tinha em mente o objetivo de agregar a população ao seio da Igreja e a adesão à doutrina cristã por meio das populares festas religiosas (Festejos), estudos bíblicos e como principal evento o famoso festejo de São Pedro, coma procissão de variados barcos.

Um dos focos do SPH não era somente o assistencialismo material. Segundo Antônio Edvar, “em verdade, o SPH abrangia a promoção da educação formal mediante uma escola de Ensino Fundamental, apenas nas séries iniciais;”¹⁰⁵ e mais:

[...] foram fundados dois Lares da Juventude, um à Rua Santos Dumont, na casa onde José Dias Macedo nasceu, outro no Bairro de São Pedro, onde a juventude se reunia pra palestras, catequeses e danças. Foram adquiridas radiolas e várias mesas de bilhar e Ping Pong;
- Foi fundada uma cooperativa de alimentos;¹⁰⁶

Não era fácil executar esses benefícios. A paróquia de Camocim era pobre. O padre, para se manter financeiramente, tinha de lecionar em colégios do município, muito menos a população tinha condições de realizar benefícios, pois era a vítima das chagas sociais em sua grande parte. Vemos aqui o grande exemplo de superação e determinação guiados pelo grande amor ao próximo, pela importância em almejar os objetivos do Serviço de Promoção Humana,¹⁰⁷ sobretudo pelos ideais ensinados por Jesus Cristo, em um meio difícil de se viver em consequência da escassez de recursos. Padre Edvar, por ser nomeado vigário de Martinópolis, deixou o seu cargo como cooperador em Camocim em julho de 1965.

Na gestão do padre Benedito Genésio (1967-1972), as atuações do Serviço de Promoção Humana receberam um significativo avanço e ampliação nos trabalhos. Após a administração rápida de Padre Pontes,¹⁰⁸ Benedito chega a Camocim e, como diretor-presidente, reconhece a necessidade em

105 Entrevista com Antônio Edvar de Araújo Lima, realizada via e-mail a 2 de fevereiro de 2016.

106 Ibidem.

107 Cf os objetivos do SPH.

108 Os padres diretores – presidentes do SPH foram: Pe Luís, (1962-1963), Edvar (1964-1966), José Prado Ferreira da Ponte (1966) e Benedito (1967-1972).

organizar melhor a instituição. As equipes de trabalho, pela primeira vez, são eleitas para fomentar as ações de promoção humana: “Lar da juventude”, Serviços de escola, de biblioteca, Posto de Abastecimento, Horta comunitária, Farmácia e Ambulatório. Notamos uma maior participação da comunidade camocinense, a instituição mantinha a parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI) na manutenção dos cursos de corte e costura e artesanato. Ao todo votaram 329 eleitores no ano de 1968, sendo eles sócios e alunos do SPH. No ano seguinte ocorre também, pela primeira vez, a eleição para atuação na administração (até o quarto diretor-presidente não havia eleições), para os cargos de Diretor-Presidente, vice, Secretário, sendo o Tesoureiro escolhido pelo Diretor-Presidente, juntamente com a mudança em seu estatuto,¹⁰⁹ em 29 de março de 1969, que expande as atuações beneficentes também para a zona rural.

O motivo de não ocorrer eleições nos anos anteriores para o cargo de Diretor-Presidente era devido à instituição estar intimamente ligada à Igreja de São Pedro, numa participação popular reduzida em comparação aos anos seguintes. Todo esse crescimento resultaria na ampliação de equipes no objetivo de garantir os direitos humanos, surgiram os lares da juventude, Comitês em Defesa do Povo (CDP), Rádio Comunitária, Ambulatório, Vila Operária, Clube de Mães, roçados comunitários e na contribuição para a criação da Associação Comunitária dos moradores rurais do Sítio Tamboril, da Associação Comunitária Rural do Boqueirão dos Liras, Nosso Lar, entre outras. A criação desses benefícios devia-se à maior interação dos sócios, que tinham reunião no terceiro sábado de cada mês a partir do mês de agosto de 1968.

Também foi iniciada na gestão do Padre Benedito a construção do Centro Comunitário São Francisco, cujos materiais foram custeados pelos alunos de uma escola dos Estados Unidos. O terreno foi uma doação do Bispo da diocese de Sobral, Dom Walfrido Teixeira. Os próprios moradores do bairro eram responsáveis pela obra. O objetivo era ampliar o acesso à educação, serviço deficiente em Camocim. Todavia, não se limitar somente nesse campo, mas por meio de outros programas, buscava-se incluir famílias em atividades produtivas, como um curso de Corte e Costura, Clube de Mães, padaria comunitária e Horta popular. Além disso, o padre Benedito caracteriza o centro como “um lugar onde se fazia as promoções, as pro-

109 O primeiro estatuto de 06/05/1962 era de caráter parlamentarista.

gramações para arrecadar dinheiro para manter, para custear goteira, (sic), reformar, etc.”¹¹⁰

No ano de 1968, o padre Benedito pediu inúmeras ajudas financeiras sem definir valor mínimo a camocinenses que moravam fora do município. O objetivo era a construção da casa de São Pedro, um local que ficaria ao lado da igreja e que ajudaria nas atividades do Serviço, principalmente voltadas para o âmbito da educação. Em uma carta ao Sr. Dr. Afonso W.R. Pinto, datada do ano de 1968, confirma a afirmação acima:

A comissão, abaixo assinada, sente-se por demais honrada e confiante, em vos dirigir essa carta, reconhecendo em [...], valeroso amigo da terra camocinense. Como tal, não a negará, por certo, em contribuir com o vosso [...] que favorecerá o bairro de São Pedro e a Igreja, com uma casa para residência do Padre – cooperador da Paróquia, como também, com um salão para atividades religiosas e sociais.

Pedimos vossa atenção nobre amigo de Camocim [sic], para o desamparo em que se encontram os habitantes daquele [sic] bairro e de suas adjacências[...]

Todos êsses lugares já vêm sentido os efeitos salutareis da assistência preciosa que vêm [sic] prestando os cooperadores e capelões da acima mencionada Igreja de São Pedro.¹¹¹

Notamos por meio da fonte acima as condições humildes da Paróquia de Camocim através da solicitação da construção de uma casa para residência de um padre, juntamente com um local em que se pudessem realizar os projetos de inclusão dos mais pobres. A população, segundo a carta, já vem sentindo os efeitos dos serviços aplicados pela Promoção Humana, entre eles, como já citamos acima, estava a doação de alimentos, construção de casas e a ampliação na oportunidade de obter escolarização. Em uma correspondência de resposta ao Padre Diretor-Presidente, o deputado José Dias Macedo confirma seu apoio e ajuda ao SPH:

110 Entrevista com o Ex-diretor Presidente do SPH, Benedito Genésio Ferreira realizada em Sobral em 04/11/2011 (*apud* Silva, Aguiar, 2014, p. 35).

111 UVA/NEDHIS, Serviço de Promoção Humana (SPH), Casa e Igreja de São Pedro: 1968. Pasta G. O destaque é do autor.

Figura 13 - Carta do Dep. José Dias Macedo ao Padre Benedito,

Dias, de, Macedo
SE. POSTAL DE
ALFAIA - CEARA

Fortaleza, 8 de outubro de 1968.

Ilmo. e Revm^o.
Sr. Padre Benedito Araujo Ferreira
Camocim - Ceará

Revm^o. Sr.:-

Acuso em meu poder sua carta de 13 de setembro p. passado, na qual me comunica haver recebido, por intermédio do Sr. José Clodoveu Arruda, a contribuição de ... R\$100,00 que ofereci como ajuda para a edificação da Casa de São Pedro.

Constituiu motivo de satisfação para mim saber que o setor residencial e administrativo da Paróquia de rigidá por V. Revma. tem a sua construção bastante adiantada, permitindo, já, o funcionamento de escolas de alfabetização de menores.

Nesta oportunidade, congratulo-me com V. Reverendíssima pelo êxito de sua ação evangelizadora entre os habitantes de sua Paróquia, fazendo votos por que o seu apostolado se torne cada vez mais fecundo e meritório.

Sendo e que se me ofereça para esta oportunidade, subscrevo-me, sui

atenciosamente,
José Dias Macedo

Fonte: UVA, NEDHIS.

Vimos acima que José Dias Macedo demonstra-se feliz pelo andamento ágil da casa residencial juntamente com a construção das escolas de alfabetização para menores, permitindo assim a abertura delas para o funcionamento. Uma dessas escolas é a EPA: Escola Pedro Apóstolo, que funcionava perto da então Igreja de São Pedro, no bairro dos pescadores, uma ação do SPH no ano de 1968. Deve-se destacar que esse trabalho tinha um caráter ecumênico, pois tinha a parceria de quatro instituições: Centro Social Evangélico de Camocim (CSEC), da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, por meio do pastor Antônio Rodrigues de Lima, do Serviço Social da Indústria, da Colônia dos Pescadores e da Conferência São Vicente de Paula. Atualmente a escola encontra-se municipalizada.

A escola Marieta Cals, que funcionava no Centro Comunitário Marieta Cals (CCMS), no bairro Cruzeiro, nome dado em homenagem à primeira-dama do estado por sua ajuda na construção do referido prédio, era um resultado do projeto de expansão das ações de promoção humana na cidade voltadas à alfabetização. Nos anos de 1960 foram construídos os alicerces para uma capela em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré. Todavia, o projeto não foi levado adiante, tendo início no ano de 1970 a construção do CCMS, partindo da idealização de José Maria Alves, Walder e Antonilda

Gomes, que seria futuramente uma das professoras da instituição, todos os três, moradores do bairro. Com a construção do prédio, feita pelos próprios moradores do local, os benefícios foram aparecendo: a contribuição ao desenvolvimento das crianças e jovens através da educação, como também da comunidade.

O local teve a ilustre visita do então governador do estado, César Cals, prestigiando com entusiasmo as futuras dependências: o salão-capela, o pátio de recreação, as 2 salas de aula, a secretária, o ambulatório, o setor social, cantina etc. O Centro Comunitário viera a funcionar no ano de 1973, já um ano antes, em 1972, sua sede estava quase concluída. A Ex-professora Antonilda Gomes nos relata um pouco da sua vivência na escola:

[...] fui chamada para ser professora no jardim de infância, crianças de 4 a 5 anos [...] pobres, por isso o nome de Promoção Humana para ajudar as pessoas carentes [...] ele (Benedito Genésio) tinha convenio com a prefeitura para dar merendas no centro e eram merendas boas [...] tinha aula de manhã e a tarde [...] a escola se manteve até 82.¹¹²

Esse era um dos principais objetivos do SPH, fazer a educação mais acessível principalmente às classes menos favorecidas, numa cidade com o sistema de ensino que deixava a desejar. Antonilda Gomes relata ainda que a Promoção Humana não limitava suas ações apenas no âmbito educacional: “Ele (Benedito Genésio) dava óleo para o povo (carente), teve uma padaria no São Francisco¹¹³ que vendia o pão mais barato para os sócios”¹¹⁴. Os sócios, em sua maioria, eram pessoas de classe baixa que, ao contribuir com a instituição de vários modos, como Antonilda no serviço de professora infantil, recebiam uma ajuda do SHP para a maior facilitação na obtenção de alimentos.

No ano de 1972, padre Benedito Genésio pede licença de suas funções na Promoção Humana em Camocim para viajar a Roma com o objetivo de cursar Sociologia. O livro de Tombo da Matriz de Jesus dos Navegantes ressalta esse fato e a importância das ações realizadas no âmbito social:

112 Entrevista com a ex-professora Antonilda Gomes, realizada em 27 de janeiro de 2016 em Camocim-CE.

113 Centro Comunitário São Francisco.

114 Entrevista com Antonilda Gomes, realizada no dia 27 de janeiro de 2016 em Camocim-CE.

Pe Benedito Genésio Ferreira vai à Europa no fim de março de 1972. Pe Benedito Genésio Ferreira a fim de fazer um curso de sociologia, retira-se da paróquia de Camocim, onde presidiu os trabalhos da Promoção Humana e da Caritas. Por ocasião de regresso da Europa estará convidado [Sic] pelo Bispo [...] exercer o cargo de coordenador dos trabalhos sociais da Diocese de Tanguá.¹¹⁵

Presente no mesmo livro de Tombo, a importância e o reconhecimento da Igreja e de algumas autoridades em relação ao referido padre:

[...] foi eleito de 1969 a 1971. Cidadão honorário de Camocim. Todos os trabalhos e desenvolvimentos deve-se à dedicação e dinamismo do Pe Benedito [...] todos os seus esforços em prol do engrandecimento das obras da Caritas [ilegível]. Pe Benedito construiu detrás da Igreja de São Francisco várias salas de aula para escritório e para escolas da Promoção Humana, a torre das Igreja¹¹⁶

A Teologia e a sociedade: A criação da CNBB e do CELAM

A Igreja desenvolveu sua ação em toda a América Latina diante do clamor dos pobres por uma vida com justiça. Neste sentido, há uma preocupação com a formação eclesial dos futuros líderes espirituais e, em 1934, é criado o Colégio Pio Brasileiro em Roma. Desta forma, percebe-se uma forte preocupação da Igreja com o ensinamento dado aos seminaristas e ao Clero em geral e no futuro repasse doutrinal aos fiéis. Percebe-se o grande movimento liberal-modernista que estava em constante crescimento dentro da própria Igreja, trazendo consigo ideais de contestação e mudanças doutrinárias.

No final dos anos de 1950 surgem as comissões e conselhos eclesiais voltados para a América Latina no sentido de buscar solucionar os problemas e retrocessos sociais provocados pelo inadequado sistema econômico. A criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fundada por Helder Câmara, leva a Roma um 'ar' de confiança em relação ao Clero e o

115 III Livro de Tombo, Igreja Mariz de Bom Jesus dos Navegantes, p. 21.

116 *Op. Cit.*, p. 22.

reforço da Evangelização, reforçado também pelo surgimento do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano):

A 19 de Abril de 1958 é criada em Roma a CAL (Pontifícia Comissão para a América Latina), organismo de coordenação e controle, para tudo o que se refere à América Latina e cuja tarefa é “estudar unitariamente aos problemas de base da vida católica na América Latina, promovendo uma estreita cooperação com aqueles órgãos da Cúria Romana que estão interessados em sua solução. A Comissão incentiva também a atividade do CELAM e de seu secretariado Geral”.¹¹⁷

As correntes de cunho progressista criam força não somente em âmbito nacional, mas também no estadual. Na cidade de Sobral, no Ceará, nascem várias pastorais eclesiais para lidar diretamente com o povo marginalizado com o objetivo da conscientização da precarização do trabalho e uma reforma agrária em vista de uma solução da grande desigualdade das divisões de terra entre elites e os camponeses. Os projetos: A Escola em sua Casa, Rádio Educadora do Nordeste, da cidade de Sobral, O Movimento do Dia do Senhor¹¹⁸ e a Rádio Fortalezense Assunção, com parceria com o Movimento de Educação de Base em nível estadual, são propostas dessa Igreja dita “libertadora” para o integral desenvolvimento do meio rural¹¹⁹.

Cada vez mais a Igreja Católica voltava-se para o povo, para o cuidado dos “menos favorecidos da sorte” na busca de fomentar as práticas da justiça social. Surge em Sobral o Movimento de Educação de Base (MEB) pelo decreto n° 50.370, em 21 de março de 1961, que tinha por objetivo a alfabetização de jovens e adultos da zona rural em superação das dificuldades do acesso à educação. Era estabelecido um convênio entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que atuaria por meio de emissoras radiofônicas católicas na transmissão de programas educacionais. O problema surge com o golpe civil militar de 1964, jogando o Brasil a mercê de um governo militar. A partir de então, o projeto educativo de base voltado aos camponeses é visto como

117 Beozzo, 1993, p. 18.

118 Formado no ano de 1965 na cidade de Sobral-CE com o objetivo de capacitar homens e mulheres como líderes e dirigentes nas comunidades paroquiais para um movimento de Evangelização no meio rural devido à carência de sacerdotes. Padre Luizito Dias e Padre Albani Linhares foram os precursores desse movimento inovador na região.

119 Bezerra, 2014.

uma ameaça comunista que pretendia a derrubada do governo por meio de uma revolução do proletariado.

O MEB começa a passar diariamente pelos critérios da censura militar devido ao seu objetivo explícito de continuar fazendo uma leitura crítica da realidade nacional, aprofundando no contexto estadual e local, culminando numa crítica concreta das medidas políticas posteriores ao ano de 1964. Havia uma série de palavras barradas ou sob suspeita, o roteiro era transmitido pela rádio educadora depois da supervisão policial, até o slogan do programa radiofônico era censurado: “Salvar o homem do Nordeste é libertá-lo de uma escravidão”.

Essa parte do clero brasileiro, dito “progressista”, que levanta com veemência a bandeira de uma Igreja Povo, libertadora, no sentido teológico e filosófico estava distanciando-se do Catolicismo universal unificado pela Igreja de Roma. O movimento da esquerda cristã estava alicerçado no liberalismo moral ou filosófico que guiava a sua teologia, já condenado inúmeras vezes pelos papas pós-Revolução Francesa.

Podemos entender por Liberalismo ou teoria liberal as definições dadas pelo dicionário Michaelis¹²⁰: 1) Conjunto de princípios e teorias liberais 2) Doutrina que preconiza a liberdade política ou a de consciência, em oposição à autoridade do Estado ou da Igreja 3) Próprio de um homem livre 4) Que tem ideias avançadas sobre a vida social 5) Que tolera aceita opiniões diferentes de suas; tolerante, indulgente. Incluindo o liberalismo como ferramenta para sua teologia latino-americana, o clero progressista imerge no relativismo religioso, negando a existência da Verdade transcendental, da necessidade do Salvador e da crítica às obras de caridade, taxadas de “conformistas”, com os atrasos, negando a Igreja como único meio de salvação. A consumação das ideias liberais, que rege essa nova teologia e o seu resultado, que é tornar a sociedade cada vez mais secularizada, foi instaurado na Revolução Francesa, levando à inauguração da sociedade moderna, na qual a autoridade religiosa que repassava as Verdades dogmáticas é colocada cada vez de lado, sendo apenas útil, e não mais necessária.

Desde a pós-Revolução Francesa, a Igreja, por meio dos papas, não cessa de encarar o Liberalismo como inimigo, fonte de todas as heresias, pela bula *Quod aliquantum* de 10/03/1791, de Pio VI, *Enciclica Mirari Vas* de

120 Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 27 set. 2018.

15/08/1832, de Gregório XVI, e *Quanta Cura* de 08/12/1864, de Pio IX, esse último taxado de “aliado liberal” pela elite italiana por anos até a publicação das condenações. O principal motivo da incompatibilidade das doutrinas liberais em relação ao catolicismo cristão é o modo de como a liberdade é definida para uma melhor organização da sociedade. Para um indivíduo liberal, a liberdade é qualificada de maneira absoluta, suprema, considerando-a enquanto um fim em si. Já no campo católico, a lei natural e a divina devem estar superiores e coordenar a liberdade, ou seja, a liberdade só será autêntica quando estiver sujeita a Deus, enquanto para os liberais o ‘ser livre’ se faz Deus.¹²¹

Todo o movimento do clero “Igreja Povo” em oposição à Igreja Rito, solidificada em hierarquia, trazia consigo a proposta de secularização da sociedade; a religião não deve ser mais o centro social, mas sim a política. A libertação era proposta não apenas para as relações de desigualdade do capitalismo para com o povo, estendia-se para o campo teológico. É preciso libertar o homem do dogmatismo, que para eles impede, bloqueia e neutraliza o conhecimento crítico e a reflexão teórica. O historiador Christopher Dawson esclarece mais:

Foi o período em que a secularização da cultura ocidental triunfou e, conseqüentemente, a religião foi alijada da vida social e tratada, cada vez mais, como um assunto privado que só dizia respeito à consciência individual. Visto que no passado a religião ocupava o centro do palco da história mundial, de modo que um monge e místico como São Bernardo de Clairaval (1090-1153) movimentara exércitos e tornara-se conselheiro de reis, agora, a religião se retirara para a vida privada e deixara o palco da história para os representantes das novas forças políticas e econômicas¹²²

Entretanto, para a religião, a Razão humana tem suas limitações assim como o ser Humano como um todo. Por suas limitações, o indivíduo poderá levar a ideia de liberdade para o modo subjetivo ou particular, pois o conceito de Liberdade é relativo, e é esse mesmo relativismo que leva à deturpação do conceito de “ser livre”, levando os benefícios da liberdade apenas para si mesmo, causando uma desumanização do outro. É preci-

121 Roussel, 2012 (*apud* Tavares, 2016).

122 Dawson, 2014 (*apud* *Ibidem*, p. 9).

so para a religião que o Homem se submeta a Deus, o Ser Supremo, que é o Criador da Liberdade e derrama-a aos seres humanos, estabelecendo as normas para preservá-la, impedindo o indivíduo de levá-la a carácter pessoal, causando ao final a extinção da mesma, tudo isso para a religião só será possível na submissão da Razão humana ao Criador, que apenas por sua existência traz a realidade de uma Verdade absoluta.

AS AÇÕES DA PROMOÇÃO HUMANA PARA OS MAIS NECESITADOS

São Pedro dos pescadores: Entre o sagrado e o profano

São Pedro foi escolhido para ser o padroeiro do povo. Este foi o principal apóstolo de Jesus Cristo: o pescador de temperamento forte. Foi o primeiro entre os doze a confessar a divindade e a missão salvadora transcendental do carpinteiro de Nazaré, que foi escolhido para ser o padroeiro do povo d´aquele bairro e do almejado templo que seria construído em veneração ao primeiro papa da Igreja Católica.

A igreja de São Pedro, inaugurada em 29 de junho de 1942, com as bênçãos de Monsenhor Inácio Nogueira Magalhães, vinha sendo almejada anos antes, não apenas para a propagação da mensagem do Evangelho, todavia para combater antigos inimigos que “rodeavam” os fiéis católicos: O Comunismo, as práticas da prostituição e o Protestantismo. O templo não tem o objetivo apenas de saciar as necessidades espirituais e morais, mas também as de cunho patriota e social para a proteção do povo contra as heresias, depravações e o perigo vermelho. Já em 1938, antes da construção da igreja, o padre Manuel Henrique, em carta aberta datada no mês de setembro daquele ano, dirigia aos comerciantes e população geral a importância da Igreja de Pedro para auxílio de povo camocinense. O perfil do santo pescador remete também dentro do catolicismo romano o que detêm as “Chaves” da Verdade dogmática e teológica que repulsa todo erro, heresia e apostasia contra a fé: ‘Eu te darei as chaves do Reino do Céus: tudo o que tu ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que tu desligares na terra será desligado nos céus’¹²³, a autoridade é dada por Cristo Jesus para um simples pescador que futuramente, segundo a Sagrada Tradição Católica, se tornará o primeiro papa no sentido de entregar à Igreja o poder de conduzir ou pastorear o povo de Deus segundo os ensinamentos do Evangelho.

123 **Bíblia Sagrada.** Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB e editora Canção Nova.

Figura 14 - Jesus Cristo entrega as chaves a Simão após mudar seu nome



O projeto da construção do templo estava inserido dentro da dinâmica social, e vale considerar que as ideias e propostas comunistas estavam a “todo vapor”. Nos ambientes de trabalho do Porto e Estrada de Ferro de Camocim, muitos aderiram ao credo vermelho na exigência de melhores condições de trabalho e nas reações de oposição contra o perigo da retirada das atividades ferroviárias da cidade litorânea, culminado assim na greve dos ferroviários entre novembro de 1949 e janeiro de 1950.

Camocim a todo vapor: os círculos operários e o medo do comunismo

A cidade de Camocim vivia tempos de muita movimentação social. Os trabalhadores reivindicavam a revogação da saída das oficinas de manutenção de trens e transferências de ferroviários para Sobral e Fortaleza. Os trabalhadores Petrônio Pessoa e Francisco Theodoro foram os principais difusores das ideias revolucionárias entre os trabalhadores ferroviários. Francisco Theodoro, redator do jornal “O Operário”, único porta-voz do partido no interior do estado e fundador do Partido Comunista em 1928, foi alvo de perseguições por parte das lideranças políticas estaduais e locais. A Estrada

124 De acordo com a mentalidade judaica, o Rei dá as chaves ao administrador ou chefe do palácio real, que terá a responsabilidade do entrar e do sair de convidados e outras funções administrativas. Para o catolicismo, Cristo dá a Pedro o comando da Igreja terrena, o mesmo será sempre guiado e submisso aos seus mandamentos.

de Ferro era o campo fértil para os militantes no objetivo da conscientização de classes e realidade do trabalho.

Figura 15 - População defronte à Associação Comercial de Camocim em protesto motivado



Fonte: Blog Camocim Pote de Histórias.

A Estrada de Ferro e o Porto tinham a competência de executar a exportação de grande parte da produção de matérias-primas da zona Norte do estado no período de 1920 a 1950, expandindo também a importação de produtos de outras regiões do Ceará e do Brasil. A fundação do Partido Comunista em Camocim em 1928 alavanca a formação dos empregados na Estrada Ferroviária, que surgem no objetivo de iniciar as primeiras ações de organização dos operários na década de 1930.

A panfletagem era uma arma forte dos comunistas camocinenses nas propagações de suas ideologias e Francisco Theodoro, ao retornar do Rio de Janeiro, traz consigo um mimeógrafo no propósito de produzir panfletos a fim de suprir a ausência do jornal “O Operário”, editado em Camocim.

O veterano movimento dos militantes nas áreas de trabalho na cidade litorânea no espaço temporal de 1920 a 1950 expandia suas atividades em outras modalidades de acordo com as circunstâncias, como na busca de organização dos trabalhadores em sociedades mutualistas e sindicatos, entre eles: Sindicatos de pequenos agricultores de Camocim, Sindicato dos trabalhadores do Porto, Sindicato dos trabalhadores em salinas, Sindicato da Construção Civil e a União dos empregados na Estrada de Ferro. O comerciante aposentado e ex-militante Joao Ricardo destaca essas atividades:

Naquele tempo nós nos reuníamos para discutir os problemas dos outros. O sindicalismo aqui em Camocim era organizado. Nós éramos convidados a assistir a reunião dos outros sindicatos e associações. Quando um tinha uma questão para ser resolvida, a gente dava opinião e fazia um movimento para encontrar uma solução. Os desfiles de Primeiro de Maio eram muito bonitos, a passeata ia em todas as sedes dos sindicatos e associações e todo mundo participava. Hoje não, cada um cuida de si e até atrapalham os outros.¹²⁵

As entidades comunistas formadas pelos militantes investiam muito nas comemorações. A de 1º de maio era a principal delas, a praça de 7 de setembro (conhecida popularmente como praça do Coreto) era o local de destaque para elas. Ocorriam também comícios e passeatas que reuniam milhares de pessoas. Já os círculos operários eram uma ação da Igreja Católica na tentativa de unir os trabalhadores com o objetivo de não perdê-los para o comunismo e conservar a fé e a adoração ao Cristo Jesus Salvador dos pecadores.

No início da agitação vermelha, Petrônio Pessoa e Francisco Theodoro foram acusados de espalhar entre os trabalhadores ideais subversivos. Francisco Theodoro é preso em Camocim no ano de 1931, sendo levado ao Rio de Janeiro onde cumpriu pena no presídio da Ilha Grande. Foi ele o fundador do Partido Comunista em Camocim e sua prisão foi movida por líderes políticos locais e estaduais.

Em oposição ferrenha ao movimento vermelho ou militância comunista, denominada muitas vezes de “hidra de Moscou”, surgem, por comando da Igreja Católica, os comitês anticomunistas no Ceará a partir dos anos de 1920 através, principalmente, das associações e grupos religiosos, como a Congregação dos moços marianos, liga feminina de ação católica, Juventude Católica etc., todas para combater as agitações de trabalhadores que se alinhavam ao “credo vermelho” racionalista. Dentre as ligas *pias* subordinadas à Igreja, a de maior destaque foi a Liga Eleitoral Católica, conhecida popularmente como LEC, tornando-se, no decorrer do tempo, um partido político conservador de oposição às ideias modernistas e em prática constante dos ensinamentos do Concílio Vaticano I, apoiando e recomendando políticos como também conquistando eleições importantes.

125 Entrevista com o Sr. João Ricardo em 04/10/1999. Camocim-CE (apud Santos, 2011, p. 44).

Com a encíclica *Rerum Novarum*¹²⁶, publicada no ano de 1891 pelo Papa Leão XIII, a Igreja Católica leva ao auge o debate sobre a condição dos operários não somente na crítica ao modo de trabalho explorador, mas também demonstrando que não é preciso ser comunista para defender os direitos e a dignidade plena do trabalhador. A Igreja procurou intensivamente criar ações sociais concretas para atender o povo marginalizado no âmbito espiritual e social, isso é demonstrado nas populares Semanas Sociais, executadas nas cidades cujas paróquias eram sujeitas à Diocese de Sobral, entre elas Camocim, tendo por liderança o sacerdote Monsenhor Sabino de Loyola.

Para as autoridades eclesiásticas, o movimento vermelho na cidade litorânea tem um espaço fértil devido ao esquecimento por parte das autoridades públicas e de políticas de integração social que visariam a ascensão econômica da população. A disputa entre clero e trabalhadores comunistas acirrava-se também via periódicos. O *Jornal Correio da Semana*, que estava a serviço da diocese Sobralense, tinha circulação plena em Camocim e, em suas páginas, alertava contra o credo vermelho aos fiéis católicos, tendo logo depois um concorrente forte, o jornal *O Democrata*, de cunho progressista, que era distribuído pelos comunistas facilitando sua entrada no município pelo Porto e a Estrada de Ferro.

A Igreja de Camocim vê nas Semanas Sociais uma forte arma contra a adesão das famílias ao Comunismo racionalista e na assistência às suas necessidades básicas. Eram dados aos desempregados o conforto espiritual, assistência médica, distribuição de alimentos; também foi criado um posto de doação de medicamentos numa entidade filantrópica sediada na associação São Vicente de Paula.

Os moços marianos realizavam “comícios”, no que podemos definir como reuniões de bairros, na conscientização da população carente em vista do “perigo comunista” que estava presente e atuante socialmente. Essas reuniões ocorriam principalmente nas cidades de Camocim, Sobral e Viçosa do Ceará. Para o jornal *Correio da Semana*, o objetivo maior dessas Semanas Sociais era “[...] esclarecer os operários que, iludidos pelas brilhantes e enganosas promessas do comunismo, deixaram o grêmio amoro-

126 Encíclica é uma carta circular que o papa envia a todos os bispos do mundo católico, sobre um determinado assunto que o Pontífice quer ensinar. No caso da *Rerum Novarum*, o tema em foco é a condição dos trabalhadores Operários e a proposta de solução para as injustiças do capitalismo no mundo do trabalho.

so da Igreja, vendendo os seus direitos por um prato de lentilhas”¹²⁷. Além de deixar fundado o comitê anticomunista na cidade, os sacerdotes esclareciam os trabalhadores junto com as irmãs da caridade, que faziam visitas às residências dos operários para lecionar aulas de catecismo.

O curato de São Pedro sofria também aos seus redores com a forte prática da prostituição, tanto na beira-mar como também nas ruas próximas à igreja do santo pescador. O prostíbulo Terra e Mar, que teve seu auge na década de 1940, onde muitas prostitutas chegavam de trem vindo de outras regiões, indo assim ao local para ficar à espera dos marinheiros que estavam há meses trabalhando em águas distantes, eram vistas com “maus olhos” por grande parte da população. As mocinhas que não quisessem obter má fama deveriam evitar passear com os marinheiros de bordo dos navios que ancoravam no porto, saindo apenas nos horários permitidos pelo pai da família, primando sua honra.

A prostituição sempre foi analisada pela Igreja como algo profano, ofensivo ou de desrespeito às leis de Deus. Por isso, a condenação explícita à postura das mulheres ditas “da vida”. O Catecismo Romano aprofunda essa questão:

A prostituição é um atentado contra a dignidade da pessoa que se prostitui, reduzida ao prazer venéreo que dela se tira. Quem paga, peca gravemente contra a si mesmo: quebra a castidade a que o obriga o seu Batismo e mancha o seu corpo, que é templo do Espírito Santo. A prostituição constitui um flagelo social. Envolve habitualmente mulheres, mas também homens, crianças ou adolescentes (nestes dois últimos casos, o pecado duplica com o escândalo). É sempre gravemente pecaminoso entregar-se à prostituição; mas a miséria, a chantagem e a pressão social podem atenuar a imputabilidade do pecado.¹²⁸

A miséria e a grande concentração de renda que assolava Camocim, fazendo apenas os ricos comerciantes e políticos locais deterem as condições financeiras necessárias para uma vida confortável, levava inúmeras mulheres à prática em foco, principalmente na orla marítima e no galpão da estação ferroviária. Dr. José Maria Primo de Carvalho, médico e sócio do Serviço de Promoção Humana desde o final da década de 1960, em en-

127 Jornal “Correio da Semana”, ano XXIX, N°. 67, 17/12/1946, Sobral- CE, p. 4.

128 **Catecismo da Igreja Católica**. Artigo VI: O sexto mandamento. Parágrafo-2355.

trevista concedida ao Professor Benedito Genésio, relata qual sua visão de Camocim ao chegar ao município e fixar residência no ano de 1958; tendo, anos depois, exercido carreira política:

Professor Benedito: – [...] qual foi o... ambiente que você encontrou em [19]58, ao chegar aqui, começo da década de [19]60, quando é fundado o Serviço de Promoção Humana? Qual é o clima sociopolítico, né, da cidade, né? Qual é o contexto econômico, social e político, naquela época de Camocim, nesse fim de década de [19]50 e início da década de [19]60, quando é fundado o Serviço de Promoção Humana, aqui?

Dr. Zé Maria: – Camocim, a essa época... a essa época Camocim... que a gente, muitas vezes, pejorativamente, se refere que é “a terra do já teve”, né... Camocim, nessa época, ainda tinha, ainda tinha. Nós tínhamos uma indústria salinera produtiva, havia navios de grande porte. Eu me lembro do “Rio Piancó”, me lembro do “Aratanha”, a onde a gente fazia até almoço abordo da sociedade e embarcando quatro, cinco, seis mil toneladas de... sal dos trapiches, das salinas de Camocim. Havia o transporte ferroviário pra Camocim e havia os... portos e aeroporto, porque a “Real Aerovia” mantinha linhas permanentes aqui, em Camocim. E... portanto, havia um desenvolvimento em Camocim: exportava as produções dos sertões de Crateús – algodão, mamona, né, as indústrias extrativas da região – e, ao mesmo tempo, recebia arroz, recebia cerveja, recebia outras mercadorias pra serem transportadas de volta pra o sertão. E Camocim era, então, uma cidade promissora, mas, lamentavelmente, havia uma dominância política que, inversamente, ao empobrecimento de Camocim, havia o enriquecimento desses políticos. Enquanto eles enriqueciam, Camocim foi empobrecendo, foram retirando as oficinas da rede ferroviária, depois o trem, a indústria salinera foi desabando pela concorrência do Rio Grande do Norte e as resoluções dos maiores políticos do Brasil retiraram de circulação o sistema ferroviário e o sistema marítimo de navegação, liquidando as companhias... Eu me lembro do Loyd, da Costeira. E, à contra mão de toda a civilização europeia, foram eliminados os transportes mais baratos, mais úteis [...]. Infelizmente!¹²⁹

129 Carvalho, José Maria Primo de. Camocim, 19 mar. 2011. Entrevista concedida a Benedito Genésio Ferreira e a Vera Lúcia Silva (Silva, 2020, p. 15).

A Luta do povo pela vida

A partir do final da década de 1960, o Serviço de Promoção Humana dá o pontapé inicial no seu projeto de expansão das oportunidades educacionais para o bairro de São Pedro. A primeira escola a ser fundada nas dependências da igreja de São Pedro, a escola Pedro Apóstolo de Ensino Fundamental I, trazia consigo um carácter ecumênico, pois para o SPH manter as inúmeras despesas escolares firmou parcerias importantes com o Centro Social Evangélico, com o SESI - Serviço Social da Indústria, com a Sociedade São Vicente de Paula e a Colônia dos Pescadores. Todos esses parceiros unidos ao Serviço de Promoção Humana proporcionaram educação para muitas crianças que até então não tinham a oportunidade de uma futura ascensão social pelos estudos. Elas têm o acesso às primeiras letras, e em 1968 consta-se nos documentos a ampliação que instala uma secretaria para proporcionar a matrícula dos novos alunos localizada na entrada da igreja.

Na década de 1950, Camocim continha poucas escolas para o total de sua população, que por volta de 1960, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística), constava 23.987 municípios¹³⁰, são elas: O patronato São José, fundado em 19 de março de 1950, abrangendo da 1ª à 8ª série; depois foi criado o Colégio Estadual Padre Anchieta, em 9 de junho de 1955, cujo fundador foi Padre Ivan, sacerdote da Paróquia de Camocim que, anos antes, renunciou ao sacerdócio para contrair matrimônio. Havia também escolinhas fundadas pela ferrovia, algumas das quais funcionavam nas sedes dos sindicatos. Porém, o público alvo era limitado. No caso, apenas para os filhos dos funcionários da Rede de Viação Cearense (RVC). Existia também o Grupo Escolar José Barcellos, atendendo as turmas de 1ª a 4ª série e algumas turmas de alunos nas residências familiares. A secretaria da Escola Pedro Apóstolo também tinha a função de recadastrar novas famílias para obtenção dos benefícios ofertados, como: O “pão do teu irmão”, que tinha o objetivo de distribuir, “aos sábados, alimentação e vestes às famílias economicamente fracas, sobretudo aos indigentes”, segundo o estatuto publicado no Diário Oficial do Ceará no ano de 1965; obter encaminhamento para atendimento nas atividades relacionadas à saúde, postos de abastecimento e atividades jurídicas, entre elas: Certidão de Casamento civil e Declaração de óbito, registro de nascimento, certidão de casamento entre outras funções.

130 IBGE. Censo Demográfico do Ceará de 1960. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t4_ce.pdf. Acesso em: 20 jun. 2014 *apud* Silva, 2015.

Os jovens de classe média em Camocim não encontravam oportunidades de “grandes” trabalhos no município. Por essa razão, mudavam-se para outras cidades, principalmente Fortaleza, para terem melhores oportunidades de empregos considerados “dignos”. A situação era mais crítica para os jovens de baixa renda por não poderem deixar seu âmbito familiar, em muitos casos, restava-lhes trabalhar na área de pesca, em pequenos comércios, na indústria salineira, de biscates de construção e reforma de casas, entre outros, as circunstâncias sofridas os obrigavam a aprender vários ofícios para ajudar na renda familiar.

Com a chegada do padre Benedito Genésio Ferreira, em 08 de janeiro de 1967, substituindo no curato de São Pedro o sacerdote José Prado Ferreira da Ponte, assumindo assim a administração da igreja e diretoria da instituição, foi estabelecida durante sua gestão uma política expansionista da educação popular e de outras ações sociais voltadas à população carente na área da saúde, moradia, trabalho e alimentação, construindo uma vila operária, horta e roçados comunitários, padaria popular; onde o pão tinha o valor mais barato para os associados. Havia a presença do patriotismo nas escolas da Promoção Humana, na Escola Pedro Apóstolo, os educadores e os alunos de várias turmas se reuniam antes da aula para cantar os hinos pátrios, o templo de São Pedro abrigava apenas duas turmas da EPA, o restante era dividida entre os anexos: no salão dos Vicentinos, no Lar da Juventude, no Centro Social Evangélico e na colônia dos Pescadores.

Para manter muitas ações sociais, o SESI de Camocim contribuía com uma ajuda ímpar, não se limitando à área de educação, mas também no âmbito da saúde e lazer para os mais carentes. O Serviço Social da Indústria, criado em 1º de julho de 1946 pela Conferência Nacional da Indústria, pelo então presidente da república Eurico Gaspar Dutra, tinha como principal objetivo estudar, planejar e executar ações que favoreçam de imediato o bem-estar dos trabalhadores na indústria. Culminando futuramente no aperfeiçoamento moral e cívico dos indivíduos alvo, na melhoria da condição de vida e do desenvolvimento do espírito de solidariedade e companheirismo entre as classes sociais¹³¹.

A sede do SESI na cidade de Camocim foi instalada em 18 de dezembro de 1961. Nas décadas de 1960 e 1970, a cidade litorânea carecia de instituições que tivessem ações voltadas para a população carente, proporcionan-

131 Ideia conceitual do objetivo inicial do SESI contida no site oficial da instituição: http://www.sesi-simt.com.br/institucional.php?secao=casasesi_historia. Acesso em: 22 jul. 2018.

do assim ao SESI o quase predomínio nas medidas de integração social e assistencialistas. Este visava também favorecer o aumento da produção do trabalhador por meio da concorrência industrial. Mesmo o município tendo poucas indústrias, essa competitividade industrial englobava, na visão do SESI a qualidade de vida unida com a educação para os trabalhadores e seus familiares.

Assim, o SESI de Camocim proporcionava à cidade litorânea cursos de educação supletiva, corte e costura, de letras. O clube de mães, conhecido rotineiramente como “cursos populares”, acompanhamento e assistência à alimentação e à saúde dos trabalhadores. Em entrevista a Vera Lúcia Silva e a Benedito Genésio Ferreira, Josias Teixeira Bezerra, ex-vice diretor presidente do SPH e agente do SESI em Camocim na década de 1960, relata um pouco mais dos aspectos sociais do município e a parceria SPH/SESI na execução dos serviços sócio-educacionais¹³²:

Professor Benedito – [...] a gente já organizou algumas questões para orientar a nossa entrevista. Então, a primeira questão, o primeiro tópico, é, como era a realidade social, política e econômica da população de Camocim, das camadas mais pobres quando surgiu, é, em Camocim, o Serviço Social da Indústria, em [19]61, e, no ano seguinte o Serviço de Promoção Humana, fundado pelo padre Luís Melo? Como era a situação daquelas épocas, uma vez que você foi o primeiro encarregado da Agência do... SESI e participou da fundação do Serviço de Promoção Humana, ao lado do padre Luís?

Josias – Eu me lembro, Benedito... Camocim, a parte Social, é, pode-se dizer, zero. Só tinha umas irmãs capuchinhas, que era lá perto da Praça da Matriz [e o SESI], que tinha... clube de mães, corte e costura, tinha uma porção de atividades, mas, no mais, eu não conhecia, assim, nenhuma instituição, a não ser o SESI, quando se instalou em Camocim, que deu uma grande ajuda, tanto a parte... Apesar de nós não ter muito industrializado em Camocim, mas nós tinha a... Rede de... Viação

132 Souza, Francisca das Chagas de Oliveira; Fernandes, Maria das Dores Alexandre; Vasconcelos, Maria de Fátima Bento; Paulo, Terezinha do Nascimento Mendes; Pereira, Rita Rodrigues. Camocim-CE, 19 mar. 2011. Entrevista concedida a Benedito Genésio Ferreira e a Vera Lúcia Silva. Ferreira, Benedito Genésio; Ferreira, Zilma de Carvalho Araújo. Fortaleza-CE, 06 mar. 2011. Entrevista concedida a Vera Lúcia Silva. Oliveira, Antônio Caetano de; Chaves, Maria das Graças de Araújo. Camocim-CE, 20 mar. 2011. Entrevista concedida a Benedito Genésio Ferreira e a Vera Lúcia Silva (Silva, 2020, p. 07).

Cearense que o SESI atendia, tinha o Sindicato... dos Salineiros, tinha o Sindicato dos Estivadores, tinha o... Sindicato dos Portuários. Aí, depois foi criado o Serviço de Promoção Humana. Aí tinha o Superintendente [do SESI], que eu levei ele até lá, ele viu... as instalações do Serviço de Promoção Humana, aí se prontificou a ajudar a entidade. Então, o que foi que...? Logo pra início, o... SESI, é, começou a atender... na parte de... saúde, na parte de educação. Aí, depois foi desenvolvendo o trabalho e foi criado outros, como cursos de Corte e Costura, que tinha lá no salão do... São Pedro [...]

Professor Benedito – [...] Cine São Pedro, né?

Josias – [...] no Cine São Pedro, um curso de Corte e Costura. Depois de algum tempo, veio o... Centro de Abastecimento, que era um posto que fornecia, vendia mercadoria a preço de custo, tinha [...] a Farmácia no SESI, tinha a parte de enfermagem, que dava assistência. Também tinha Corte e Costura e tinha curso de Educação de Adulto e nesse tempo [...]

Professor Benedito – [...] Cursos Populares do SESI?

Josias – [...] exato, os Cursos Populares do SESI.

Professor Benedito – Certo.

Atualmente, o SESI é uma rede de instituições paraestatais brasileiras e de atuação em todo o território brasileiro. Foi criado em 1 de julho de 1946 com a finalidade de promover o bem-estar social, o desenvolvimento cultural e a melhoria da qualidade de vida do trabalhador que atua nas indústrias, juntamente com a de sua família e da comunidade na qual estão inseridos de um modo geral.

No ano de 1969, como resultado das medidas expansionistas do diretor-presidente padre Benedito Genésio, começou a ser construído o Centro Comunitário São Francisco- CCSF, uma expansão da igreja antiga de São Francisco, que iria contar inicialmente com duas salas de aula para a educação de crianças carentes daquele bairro que levava o nome do santo de Assis. Coincidentemente, no mesmo ano chega à cidade a energia elétrica produzida pela cachoeira de Paulo Afonso, muito festejada pelos munícipes como sinal de progresso e modernização de um povo, antes a sociedade dependia da Usina a óleo diesel da Companhia de Luz e Força de Camocim, a CLFC, que tinha por proprietários a família Cela, o serviço atuou pelo período de 1925 a 1969.

A energia em tempos anteriores era gerada por dois motores a óleo diesel, disponível para a população no período das 18h às 23h, confirmando a ideia tradicional que “cidadão de bem” e as moças devem se recolher no início da madrugada, evitando “escândalo”. Com a modernização do serviço, o tempo de distribuição é expandido. Monsenhor Inácio, pároco de Camocim, relata a felicidade da população com a novidade:

No dia 28 de Dezembro de 1969 no meio do regozijo de toda população camocinense na Praça da Estação foi inaugurada oficialmente a iluminação elétrica da cidade de Camocim, fornecida pela energia proveniente das grandes turbinas da Cachoeira de Paulo Afonso - Bahia. Após o grande comício, onde discursaram muitos oradores, inclusive o Governador do Estado Plácido Aderaldo Castelo realizou-se no grande salão de recreio do Patronato um grande banquete, onde se registraria bom numero de convivas, quer da cidade local, quer de outras localidades".¹³³

O material para a construção foi custeado por alunos de uma escola dos Estados Unidos. Os voluntários da Paz, assim como outros parceiros do SPH, como por exemplo a Cáritas brasileira, faziam o intermédio em relação às ajudas internacionais, como veremos no próximo capítulo. Porém, devemos ressaltar que os moradores do bairro São Francisco tiveram um papel importante para esse sonho educacional tornar-se realidade, confeccionando tijolos, na doação de madeira para o teto e no transporte dessa madeira, juntamente com outros materiais para a construção.

A expectativa para o Centro Comunitário São Francisco não era apenas para o campo da educação, incluía outras atividades, tanto recreativas quanto de formação, de hospedagem, de treinamento, uma padaria comunitária, horta popular, um banco de sementes e até vila de casas para as pessoas mais necessitadas. O terreno foi cedido pelo bispo da diocese de Sobral, Dom Walfrido Teixeira Vieira, *já em 1969, ano de início* de sua construção. As expectativas eram grandes:

As perspectivas do Núcleo são as melhores possíveis. Além de 8 aulas de funcionamento e da reforma da Igreja de São Francisco, outras realizações estão em via de execução ou planejadas. A escavação de um poço já está em bom andamento. [...]

133 III Livro de Tombo da Paroquia de Bom Jesus dos Navegantes. 1962-1989, p. 15.

Um curso de Corte e Costura e uns clubes de Mães estão programados para o segundo semestre.[...] Nosso povo caminha para a libertação da ignorância, do egoísmo, e da injustiça.¹³⁴

Figura 16 - Capela e Centro Comunitário São Francisco



Fonte: Blog Camocim Pote de História.

O Centro é inaugurado em 9 de março de 1969 com uma secretaria e duas salas de aula, era local para arrecadação de dinheiro para manter as estruturas das sedes pelas reformas necessárias e elaboração de promoção para os sócios, tornou-se sinônimo do esforço de uma comunidade em busca de uma vida mais digna, principalmente para os menos favorecidos.

Figura 17 - Alunos no Centro Comunitário São Francisco



Fonte: Blog Camocim Pote de Histórias.

134 UVA. NEDHIS. SPH. Operação Esperança. Setor de Opinião Pública (SOP) - O Núcleo de PANAIR/BRASIL, Ano I, N°.01, 06 de maio 1969. Pasta H - Informativos (*apud* Silva; Aguiar, 2014, p. 60).

Figura 18 - Sócios construtores do Centro comunitário Marieta Cals



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Antonilda Gomes, ex-professora do Centro Comunitário Marieta Cals, relata como iniciou suas atividades no centro e o desempenho da comunidade para erguê-lo:

Eu fui chamada para ser professora do Jardim de infância, criança de 04 anos [...] Comecei a ensinar no Clube do Cruzeiro, sede do Cruzeiro [...] comecei lá, ainda não tinha a capela formada e comecei a ensinar. Primeira coisa que ele (padre Benedito) fez foi montar uma classe lá em São Pedro, ajudou logo lá uma sala, quem ensinou aqui no Cruzeiro foi para lá, porque ainda não tinha capela, não tinha nada, [...] aí comecei a ensinar lá em São Pedro, ai depois que nós juntamente com ele que conversou com a comunidade para fazer a capela do Cruzeiro [...] ela ainda não estava terminada quando ele me botou para ensinar aqui no cruzeiro.¹³⁵

Segundo Portelli¹³⁶, as entrevistas têm a grande capacidade de revelar eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de ações ou eventos conhecidos. A História Oral é aquela que conta para nós menos sobre eventos do que sobre significados, sempre lançando luz sobre áreas inexploradas do cotidiano das classes não hegemônicas. Fontes orais não englobam em

¹³⁵ Entrevista com a ex- professora Antonilda Gomes, realizada em 27 de janeiro de 2016 em Camocim- CE. Arquivo pessoal de Gabriel Belchior.

¹³⁶ Portelli, 1997, p. 31.

suas narrativas dados específicos dos relatos em foco, como por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores em luta, porém, relatam claramente sobre os grandes custos psicológicos nos embates contra as elites exploradoras. Elas trazem consigo um precioso elemento que não se encontra em nenhuma outra fonte: a subjetividade de quem expõe, não nos contam apenas o que o povo fez, mas também o que desejava fazer, o que acreditava estar fazendo e o que atualmente acredita que fez.

De acordo com Antonilda Gomes, o povo via a necessidade de uma promoção naquele bairro no campo da educação e da espiritualidade, isso é confirmado na união para a construção do centro e sua permanência por mais de uma década com celebrações na capela e aulas nas salas ao lado:

Já começou em 1970, [...] *nós construímos a capela, a comunidade*, [...] para começar os homens cavavam os buracos para tirar o barro e fazer os tijolos e as mulheres levavam água pois não tinha água encanada, nas suas casas, cada um buscava os baldes [...] colocava a água dentro do barreiro para amolecer os tijolos.

Mesmo com a ida do padre Benedito à Bélgica para cursar Sociologia, a Escola Marieta Cals continuou suas atividades até 1982:

Quando ele deixou a promoção e viajou, eu me tornei a coordenadora aí funcionou até 82, eu comecei na promoção em 69 e fui até 82. [...] Ele tinha convenio com a prefeitura para dar merenda para as crianças¹³⁷.

A ideia de Serviço no Cristianismo possui um profundo significado, que tem seu centro na noção de “solidariedade”. Para Deus, a autoridade significa serviço, humildade e amor. A autoridade Divina não é uma força que vem da natureza, é, porém, a Palavra do amor de Deus que cria o universo e se tornando Filho único Salvador, descendo e se fazendo na nossa humanidade para servir ao ser humano. O Serviço de Promoção Humana traz consigo essa função de servir, ir em auxílio dos mais necessitados, dos que precisam de inclusão, dos que necessitam vivenciar o pleno significado de dignidade.

137 Entrevista com a ex-professora do Serviço de Promoção Humana Antonilda Gomes. Realizada em 27 de Janeiro de 2016 em Camocim-CE.

Vale conhecer as palavras de Bento XVI:

É o próprio Senhor Jesus que vem no sentido das ideias contrárias ao senso comum, para o homem a autoridade significa poder, dinheiro, domínio e sucesso, para Deus é o inverso, é entrar na lógica de Jesus que se abaixa para lavar os pés dos seus discípulos (cfr Evangelho de João 13,5), deixando a mercê todo egoísmo e soberba, que é capaz de um amor tão grande ao ponto de entregar a própria vida porque se faz amor e é o Próprio Amor¹³⁸.

¹³⁸ CIDADE DO VATICANO, domingo, 29 de janeiro de 2012(ZENIT.org) – Conclusão do autor das palavras de Bento XVI pronunciadas nesse dia por ocasião do Ángelus, aos peregrinos congregados na Praça de São Pedro. Texto original disponível em: <http://cleofas.com.br/para-deus-a-autoridade-significa-servico-humildade-e-amor/>. Acesso em: 11 ago. 2018.

RAZÃO E FÉ, CLERO CONSERVADOR X CLERO PROGRESSISTA: O DILEMA DA FÉ NO MUNDO DE HOJE

As Origens e as teses do Liberalismo

Podemos definir como “liberais” um grupo de pensadores ou intelectuais que vivenciaram as mudanças particulares do continente europeu entre os séculos XVII e XVIII. Havia fortemente nesse momento o crescimento do espírito de autonomia e empreendedorismo exalados pela burguesia, que trazia uma nova relação entre o homem e a sociedade solidificados nas ideias do subjetivismo.

A pessoa do burguês, que centralizava em sua vida a noção do comércio, se lançava ao mundo, depositando na sua própria iniciativa inúmeras expectativas para alcançar seus interesses, rompendo toda lógica medieval da sujeição às conduções do poder religioso. Há um forte movimento de qualificar, dar sentido novo ao mundo que se transformava, por isso, os liberais defendiam fortemente a concepção que o homem tinha toda a sua subjetividade ou individualidade construída antes de perceber sua existência em sociedade, trabalhando deste modo uma relação entre seus valores próprios e o meio social.

O termo “empirismo”, comum no campo do liberalismo filosófico, consiste na Razão habilitar o homem na experiência do indivíduo à sua volta e qualificar assim as opções mais úteis e estratégicas de buscar seus objetivos plenos. Esse mesmo uso da Razão é englobado no auxílio da construção das qualificadas instituições e iniciativas sociais, o uso da racionalidade é uma bandeira visível nos homens que tivessem grande interesse pelo conhecimento.

O liberalismo, em seu primeiro momento, é um movimento político, durante o Iluminismo ou período das luzes, tornando-se popular entre os economistas e filósofos no ocidente europeu, principalmente no século XVI. O filósofo John Locke é qualificado por muitos como o pai das ideias

liberais no século XVII, seus argumentos centralizam-se no direito natural dos homens à vida, propriedade e liberdade. Opondo-se assim aos conservadores, esses pensadores propunham para a sociedade uma democracia representativa como substituição de um governo absolutista e o Estado de Direito. Com grandes oposições também às normas políticas prevaletentes como privilégios hereditários, monarquia absolutista, uma religião estatal e o direito divino dos reis.

No campo político-social, as ideias libertárias vão demonstrar que um regime monárquico, guiado por vontades individuais de um rei, não pode de modo eficaz ajudar na garantia à liberdade. Assim, o governo deveria representar o desejo de uma maioria. Apenas pela via democrática confirmada pelo voto, o Estado poderia agir como representante dos vários interesses coletivos.

No momento em que os desejos de um soberano submetem os interesses de um grupo social, o Estado Monárquico impediria os princípios de igualdade e liberdade. A nova proposta é que as leis sejam uma ferramenta de contrato, onde o coletivo negociaria como poderia exercer um tipo de governo voltado para a manutenção da liberdade e igualdade entre os indivíduos, junto com o direito à propriedade e ao livre comércio¹³⁹.

Foram numerosas as transformações culturais e científicas do século XIII, denominado pelos teóricos modernos como o “século das luzes”. Elas repassam aparentemente o amadurecimento econômico e social da burguesia capitalista, que passou a assumir o lugar de classe dominante, contestando e desafiando a nobreza. No campo econômico, o capital subordinou o trabalho, agora o empresário passou a interferir no próprio processo de produção de produtos, e não somente na sua comercialização, como acontecia no período mercantilista.

No entanto, o pensamento iluminista baseou-se nos grandes intelectuais do século XVII, que podemos classificar como precursores do iluminismo¹⁴⁰. Podemos destacar René Descartes, um francês que viveu entre 1596 e 1650, considerado o pai da filosofia moderna. Ele deu início a um

139 **Livre comércio:** É o conjunto de interações sociais sobre os recursos, sem ser restrito pela imposição política de interesses pessoais. Opondo-se assim aos sistemas protecionistas e mercantilistas. A economia clássica de Adam Smith, David Ricardo e Anne Robert Jacques Turgot, também tinha a característica da crítica as formas de restrição ao comércio.

140 **Iluminismo** é o nome que se dá à ideologia que foi sendo desenvolvida e introduzida pela classe burguesa da Europa, a partir dos combates revolucionários do final do século XVIII. Apesar disso, o iluminismo não foi apenas um movimento ideológico, mas também político, intensificado pela Revolução Francesa.

movimento conhecido como racionalismo, elaborou a “Dúvida Metódica”, um método de pensamento que buscava encontrar uma verdade indiscutível. Passou a duvidar de tudo, desde verdades matemáticas tão óbvias até as verdades obtidas pelos sentidos. “Mas não conseguia duvidar do que ele próprio pensava. Então, encontrou uma premissa verdadeira: ‘penso’, com base na qual concluiu sua existência: ‘Penso, logo existo’”.¹⁴¹

A postura crítica em relação ao dogmatismo religioso é considerada válida e lícita, já que a razão deve guiar os pensamentos e as ações dos homens. Para os iluministas, esse poder feria o princípio da liberdade dos indivíduos, questionada também a validade dos princípios religiosos que atribuíam ao poder dos monarcas uma origem divina. Porém, essa defesa de liberdades individuais e direito de escolha estava “banhada” de relativismo, Diderot, um dos diretores da Enciclopédia, afirmou: ‘O mundo só será inteiramente livre no dia que o último rei morrer enforcado nas tripas do último padre’¹⁴².

Podemos destacar como principais teóricos do iluminismo: Voltaire (1694-1778), autor de *Cartas inglesas e Cândido*, que tinha como estratégia principal a sátira. Era grande propagador das ditas “Liberdades individuais”, postura que lhe valeu várias prisões e deportações. Voltava-se em oposição à tirania dos monarcas absolutos, sua frase teve fama mundial: “Posso não concordar com uma única palavra do que você diz, mas lutarei até a morte para que você tenha o direito de falar”.

Voltaire tinha desprezo pelas camadas pobres. Compreendia que mereciam sua sorte por sua ignorância e grosseria. Era explícita sua defesa, de maneira geral, aos interesses da burguesia elitizada francesa, atacava fortemente a Igreja e seus membros pela sua Teologia dogmática e sua estrutura clerical hierarquizada. Quase todos os filósofos do século XVIII declaravam desprezo pelas camadas mais humildes socialmente.

Jean Jacques Rousseau (1712-1778) é uma das poucas exceções que representava os interesses da população mais pobre. Valorizou não apenas a razão, mas também as emoções e a simplicidade da vida em natureza. Afirmava que a fonte de todo poder emana do povo e exigia também a implementação de uma república. A sua principal obra é *o Contrato Social*, em sua tese, a sociedade e o Estado surgem de acordo com o convênio mútuo entre as diversas pessoas em benefício de seus comuns interesses.

141 Ferreira, 2005, p. 40.

142 Ibidem, p. 23.

O soberano e o Poder é o próprio povo, assumindo assim a função de crítico da ordem burguesa antes dela constituir uma estrutura completa na França. Suas teses dariam inspiração aos líderes da fase popular da Revolução Francesa, a convenção, além de muitos movimentos socialistas e ditos “democráticos” dos séculos XIX e XX.

O liberalismo na visão do Catolicismo

Os ideais Liberais nos revelam seu objetivo de elevar o homem ao centro do campo social, tendo como ferramenta para essa ascensão e modernização a utilização da Razão. Essa Razão lhe garante as liberdades necessárias para o poder que lhe cabe. Esse poder, como afirma Rousseau, emana do povo, por isso o sobrenatural não é mais destacado como fator primeiro e determinante. Para a Igreja, a ideia Liberal ou da Liberdade acima de tudo inicia no conselho do anjo decaído, relatado no livro do Gênesis dando a proposta a Eva de que se ela comesse o fruto proibido, ela e seu marido seriam “como Deus”, seres supremos conhecedores do bem e do mal:

A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “É verdade que Deus vos disse: ‘Não comais de nenhuma das arvores do jardim?’” A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das arvores do jardim. Mas do fruto da arvore que está no meio do jardim, Deus nos disse: ‘Não comais dele nem sequer o toqueis, do contrário morrereis’”. Mas a serpente respondeu à mulher: “De modo algum morrereis. Pelo contrário, Deus sabe que, no dia que comerdes da arvore, vossos olhos se abrirão, **e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal**”.¹⁴³

Roussel¹⁴⁴, e a Igreja Católica segue esse pensamento, prega que os conjuntos de erros que se constituem o liberalismo foram se ampliando no decorrer do tempo, e sua origem é a proposta do anjo rebelde que deseja igualar o Homem a Deus, colocá-lo no centro (antropocentrismo). O autor considera como um dos principais precedentes das ideologias liberais enquanto sistema de pensamento as ideias de Lutero no movimento da Reforma Protestante, defendendo o livre exame da Bíblia. Isso se caracteriza

143 Bíblia Sagrada. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB e editora Canção Nova. O destaque é do autor.

144 Roussel (*apud* Tavares, 2016).

com a independência (liberdade) do fiel em relação à autoridade da Igreja para a interpretação das Sagradas Escrituras, ou seja, a doutrina Luterana para a Igreja Católica acaba por deturpar a autoridade da Verdade sobrenatural, havendo a impossibilidade prática de conhecê-la de modo objetivo, antes da proposta luterana, o Clero conferia a interpretação legítima. Após ele, a interpretação se solidifica na consciência individual.

Para o clero romano, a Declaração dos Direitos do Homem (1789) é, na verdade, uma declaração dos direitos do homem contra os direitos divinos. O arcebispo Marcel Lefebvre esclarece: “o Evangelho social em que se inspira o Estado (moderno) ainda é a declaração dos direitos do homem, que não é mais que a negação formal dos direitos de Deus”.¹⁴⁵ Como consequência do movimento intenso que foi a Reforma Protestante, dando uma continuidade aos grandes clamores e desejos do Renascimento pagão, desenvolveu-se duas grandes teorias que serão fundamentais para o liberalismo teórico: o naturalismo e o racionalismo.

Entende-se por ‘naturalismo’ um sistema que tende a excluir metodicamente Deus e sua soberania suprema da ordem das coisas do mundo denominado popularmente ‘natureza’. A corrente teórica naturalista faz plena oposição ao chamado ‘sobrenaturalismo’. Propõe em si um sistema filosófico que não nega a existência de coisas que superem o mundo natural, mas uma organização social que não considera realidades sobrenaturais, por acreditar, se existentes, não são importantes para o ser humano.

[...] o naturalismo é um enorme erro porque, segundo a doutrina católica, o homem nunca esteve em seu estado natural. No Jardim do Éden, o homem, por ser imortal, impassível e possuir ciência infusa, estava em um estado preternatural, isto é, além do nível simplesmente natural, sem, no entanto, ser um estado plenamente sobrenatural.¹⁴⁶

A Igreja ainda considera, pelas Sagradas Escrituras, que depois da desobediência de Adão, o ser humano caiu não apenas desse estado preternatural, ficando também num estado abaixo do estado natural, sendo que sua natureza criada por Deus foi rebaixada pelo pecado de Adão no jardim.

Já a corrente racionalista defende ou se apresenta como um conjunto de conhecimento em que a Razão em seu absoluto é autônoma do indivíduo e

145 Lefebvre, 1991 (*apud* Tavares, 2016, p. 24).

146 Catecismo de São PIO X, Primeira parte, Capítulo II (*apud* Tavares, *Ibidem*).

tem em si arbítrio supremo do que é verdadeiro ou falso, certo ou errado, subvertendo o ensinamento católico que prega que a razão tem seu próprio valor, mas que deve ser submissa à fé. Ao inaugurar uma nova filosofia seguindo as tendências das teorias modernas, Descartes estabelece a emancipação do indivíduo com relação ao objeto. Ele concorda por inteiro com a tese do racionalismo moderno, que exclui toda a verdade da meditação do ser pessoal sem precisar de qualquer ajuda externa, nem de autoridade, nem do objeto da experiência e nem da tradição¹⁴⁷.

Com isso, toda mediação da Igreja, seja no campo moral, seja no âmbito teológico, pode ser útil ou excluída porque não é mais necessária, o homem traz consigo sua independência via Razão, sendo ele mesmo seu próprio guia, a “Luz” pregada e louvada no Iluminismo pode ser traduzida por “Liberdade”, a mesma que o coloca no centro da sociedade.

“Nasce” uma guerra teológica. Os Bispos do CIP: Coetus Internationalem Patrium¹⁴⁸

No ano de 1962 é inaugurado, sob convocação e supervisão do Papa João XXIII, o Concílio Vaticano II, uma reunião de Bispos, um concílio, que foi convocado no objetivo de repassar a mesma fé de sempre de um modo que o mundo moderno compreenda, é um momento de reflexão global da Igreja sobre si mesma e suas relações com o mundo. É um concílio de caráter pastoral, ou seja, não há nenhuma declaração de um novo dogma, nem condenações imediatas, é o diálogo uma das principais características desse evento ímpar da Igreja Católica no final do século XX. Em um número de dois mil bispos reunidos na cidade do Vaticano, de todos os continentes, inúmeras correntes teológicas rondam não somente as estruturas da basílica de São Pedro, mas também ameaçam toda a ortodoxia católica e uma Tradição de quase dois mil anos por uma proposta de renovação ou rompimento para saciar os grandes anseios da modernidade.

Para inúmeros católicos, a Igreja reunida em concílio estava a conversar tranquilamente com seus inúmeros bispos sobre as pautas da doutrina e de um mundo pós-moderno que avançava numa rápida permutação de valores e costumes, muitos desses eclesiásticos tradicionalistas achava que ir a Roma era encarar um passeio de rotina, e que tudo se resol-

147 Thonnard, 1968 (*apud* Tavares, 2016, p. 12).

148 Em língua portuguesa: Grupo Internacional de Padres.

veria tranquilamente, sem imaginar que os esperariam opositores fortes sem medo de propor teses inovadoras e humanistas no campo teológico e moral para uma assembleia de maioria tradicional.

O *Coetus Internationalis Patrum*, mais conhecido como (CIP), presidido pelo arcebispo francês, Marcel Lefebvre, e com o auxílio do bispo brasileiro Dom Geraldo Proença Sigoud entre outros, foi o principal grupo de opositores ao espírito pastoral do Concílio Vaticano de número II. Todo o Concílio em seu desenvolvimento poderia de certa forma ser adjetivado como táticas de um verdadeiro combate, com seus batalhões, oficiais, soldados de ataque e resistência organizada. Em meio aos conflitos e debates, sacerdotes se reagrupavam de acordo com suas afinidades de pensamento. O *Coetus Internationalis Patrum* (CIP) é classificado por alguns historiadores como principal minoria de resistência, essa minoria é entendida por grupos de teólogos que fizeram firme oposição às principais ideias ou propostas conciliares, como a colegialidade, a liberdade religiosa, o ecumenismo, entre outras.

Durante a primeira sessão, foi formado um primitivo grupo de estudo e análise, ancestral ao CIP, porém não chegou a ser um grupo organizado, sem estratégias claras de atuação. Estavam preocupados com as novas direções que seguia o concílio, eram sacerdotes de orientação tradicional, porém sem uma defesa coerente organizada. Algumas fontes oficiais e não oficiais permitem datar o surgimento do grupo, que foi em 2 de outubro de 1963, ainda que não tenha agido e se nomeado oficialmente, a data citada equivale também a três dias depois da segunda sessão conciliar¹⁴⁹. Todo grupo monta uma estrutura dividida em dois níveis: um comitê diretor, tendo o objetivo de planejar e estruturar suas ações, e assembleias gerais. Estas assembleias se reuniam todas às terças-feiras à noite, contemplando os simpatizantes e componentes do CIP. Havia um conferencista, que liderava a palestra a respeito de uma tese discutida no concílio.

Toda essa organização de resistência era movida pelo temor das correntes de minoria liberal e progressista caminharem dentro dos debates e se fazerem representar. Uma nova proposta de organização clerical baseada numa estrutura de democracia estava entre as principais pautas para votação, que é no caso da *colegialidade*, os bispos em relação ao papa não se estruturará na prática numa hierarquia, mas obterão mais poderes no sentido de levar a debate as futuras ordens papais, o diálogo no sentido demo-

149 Agenda de D. Jean PROU, quarta-feira, 2 de outubro de 1963, Arquivos da Abadia Beneditina de Solesmes (AABS) (*apud* Roy-Lysencourt, 2015).

crático, o papa não ordenará mais, e sim pedirá, fará propor certa medida que passará pelo colégio dos cardeais e dos bispos. Para a ala tradicionalista, isso ameaçaria o primado e a autoridade suprema do sucessor de Pedro (papa) e futuramente a dos próprios bispos, pois o espírito colegial se estenderia para os padres e leigos, causando uma ausência de assistência aos fiéis ao planejar as decisões pastorais.

O *Coetus Internationales Patrum*, durante a segunda sessão, surge de modo informal. Havia um receio de agir publicamente como grupo. Deve-se ressaltar que a petição que foi entregue ao Cardeal Cicognani no mês de dezembro de 1963, por exemplo, foi acompanhada de uma carta com as assinaturas de N. N. S.S de Proença Sigaud e Castro Mayer, sendo explícita a ausência de menções ao grupo que eles pertenciam.

A partir da segunda interseção, o grupo realizou quatro reuniões em Solesmes. Esses agrupamentos resultaram na elaboração de diversos documentos, tendo de se destacar duas súplicas ao Papa Paulo VI, junto a uma petição pedindo a consagração de todo o mundo ao Imaculado Coração de Maria, sendo entregue por Monsenhor Proença Sigaud ao Papa¹⁵⁰. Todas essas ações visava unicamente o desejo que o sumo Pontífice usasse de sua autoridade para guiar o curso dos debates em favor do grupo tradicional.

Os mentores do CIP, desde o início das audiências conciliares, não deixaram de utilizar todos os contatos possíveis e as estratégias de alcance para almejar seus objetivos. No entanto, desde o início do Concílio, o grupo não tinha nenhum meio material de divulgação, com o decorrer da unificação grupal e dos objetivos teóricos, adquiriu-se um mimeógrafo que possibilitou divulgar suas teses a um grande número de sacerdotes conciliares, principalmente os suspeitos de propagarem o modernismo liberal. Todas as suas lutas chegam ao auge com as novas diretrizes teológicas proposta por meio de votação no Concílio Vaticano II. Para essa parte do clero, essas diretrizes estavam “banhadas” de liberalismo, que iriam contra a Tradição Sagrada vinda dos Apóstolos de Cristo.

O Coetus contra ataca: As reações do CIP perante os esquemas do Concílio

Para a surpresa de muitos, a romanização ou a teologia tradicional de Roma não era aderida por muitos bispos estrangeiros, fez-se conhecer para a surpresa de muitos padres fiéis ao Vaticano uma ala minoritária dita “pro-

150 AAD, fundos Geraldo de Proença Sigaud. Sobre a história detalhada dessa petição, ver ROY-Lysencourt (2011, Tomo 4, p. 750-758) (*apud* Tavares, *Op. Cit.*, p. 1063).

gressista”, porém com grande estratégia de atuação e de convencimento, esta ala desejava que a fé estivesse em um ativo progresso ou em movimento de acordo com a modernidade. A Igreja deveria se modernizar para acompanhar os novos tempos, para não perder fiéis, não ficar para trás perante os ideais protestantes, comunistas e liberais que estavam conquistando muitos católicos. Para os tradicionalistas, a modernização da Igreja só favoreceria seus inimigos pelo processo de corrosão da Doutrina, o erro ganharia força e liberdade, levaria o homem a não ver a necessidade de se submeter a Deus e ao Clero, ou seja, a cúria é alvo de uma onda de liberalismo disfarçado.

[...] Dentre tais oposições, devem-se considerar, com variável importância, os esquemas sobre a liturgia (*Sacrosanctum Concilium*), sobre o ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*), sobre a responsabilidade pastoral dos bispos (*Christus Dominus*), sobre a Igreja (*Lumen Gentium*), sobre a Revelação (*Dei Verbum*), sobre a liberdade religiosa (*Dignitatis Humanae*), sobre as religiões não cristãs (*Nostra Aetate*) e sobre as relações da Igreja com o mundo (*Gaundium et Spes*). A oposição em relação a todos esses esquemas – dos quais três dependiam do Secretariado para a Unidade dos Cristãos – foi considerável, tendo os membros do CIP condenado a maior parte deles em bloco, já que eles reprovavam a orientação teológica na qual tais documentos tinham sido redigidos, e também porque acreditavam que os ensinamentos vinculados por tais esquemas se opunham à doutrina tradicional da Igreja.¹⁵¹

Em relação ao ecumenismo, a proposta de diálogo com outras denominações cristãs, foram conservados os pronunciamentos dos papas anteriores. No que diz respeito à Igreja Católica Apostólica Romana, a autoridade do Soberano Pontífice é a única via de modo ordinário de salvação, só é possível o ecumenismo no objetivo de converter os cristãos separados, distantes da comunhão com a Igreja. O motivo da reprovação se dá no fato do esquema diminuir as diferenças entre as várias igrejas e religiões, conceber supostamente a salvação fora da Igreja Católica, diminuindo assim o primado papal, porque não eleva o Sumo Pontífice como única fonte de unidade, abrindo a possibilidade de o Espírito Santo agir também em igrejas não-católicas.

Ares de democracia começam a penetrar Roma, para alguns bispos ela é bem-vinda, como é o caso do grupo eclesial denominado “Liga do Reno”,¹⁵²

151 Tavares, *Op. Cit.*, p. 1068.

152 Grupo de padres de língua alemã de tendências liberais ou progressistas.

um dos principais agrupamentos que desejavam a abertura da Igreja para as mudanças da atualidade. Para isso, a ferramenta do diálogo era de suma importância, tudo no que corresponde às medidas pastorais deveria ser debatido entre o papa e os bispos antes de ser aplicado. Para parte da cúria romana, o inimigo liberalismo rondava a Basílica de São Pedro. Em outras palavras, o espírito da colegialidade deixou de ser uma simples ideia para alcançar os altos níveis de proposta por meio das atas conciliares. Os membros do CIP defendiam o primado absoluto do papa junto com sua total liberdade no exercício do seu poderio, por isso a proposta de colegialidade é considerada perigosa, primeiro por não ter um fundamento teológico, histórico e jurídico e, principalmente, porque arriscava diminuir o poder papal e dos próprios bispos perante os leigos:

[...] Durante a segunda sessão, eles sofreram uma grande derrota com o voto do dia 30 de outubro, no qual a assembleia acatou o princípio da colegialidade. Mas eles não desistiram, redobrando o ardor na batalha durante a segunda intersecção e a terceira sessão. O insucesso do CIP durou até os últimos momentos, já que os *modi* que seus membros tinham distribuído sobre o esquema foram descartados pela Comissão. [...].¹⁵³

Mesmo com a derrota na votação, o clero conservador recorre a Paulo VI para convencê-lo a usar sua autoridade pontifícia para intervir na aprovação final do documento, argumentando que este traria ameaças ao poder papal e ao poder local dos bispos nas dioceses. Paulo VI recusa tal ato, mas decide executar outra ação de último momento:

[...] A princípio, o papa não quis intervir, mas acabou por redigir uma *Nota praevia*, que, apesar do nome, foi inserida ao fim da constituição. De acordo com essa nota, “*Colégio* não se entende em sentido jurídico estrito, ou seja, de um grupo de iguais, que delegam o seu poder ao que preside; mas no sentido de um grupo estável, cuja estrutura e autoridade se devem deduzir da Revelação” e assim a nota continua, parecendo contrariar a essência do texto que a precede [...].¹⁵⁴

153 Tavares, Op. Cit., p. 1071.

154 Ibidem, p. 1079.

Com isso, o papa direciona aos fiéis e ao clero conciliar como se deveria interpretar o sentido de colegialidade, fugindo um pouco a aparência democrática ou liberal da tese proposta. Um outro tema que gerou inúmeros debates foi o da Liberdade Religiosa, sendo aprovado no último dia antes do encerramento do Concílio, foi o documento mais discutido na assembleia conciliar. Segundo Wiltgen¹⁵⁵, muitos bispos conservadores, na terceira e penúltima sessão do Vaticano II, fizeram intervenções para modificar a proposta. O tema recebeu inúmeros louvores dos liberais e é uma das teses base do liberalismo clássico, porém, a Igreja Católica sempre combateu esse princípio, oferecendo em vez disso a proposta de tolerância religiosa presente nos concílios do passado.

O confronto iniciou-se quando o cardeal Ottaviani preparou um esquema que denominou *Da tolerância religiosa*. Ele era presidente da Comissão Teológica. Em oposição, o Cardeal Bea, liberal, presidente do secretariado para unidade dos cristãos, preparou um documento de alternância, dando o título de *Da Liberdade religiosa*. Pelo título percebe-se uma confrontação de ideias. As duas propostas foram acolhidas para futura avaliação quando se desse início o Concílio.

Na última sessão do Concílio, em 15 de setembro de 1965, foi intensificado todo o debate sobre o tema. Antes disso, os cardeais conservadores faziam inúmeras declarações de oposição. O Cardeal Ottaviani esclareceu que mesmo a declaração repassando o princípio que sempre esteve firme na Igreja, o de que nenhuma pessoa possa ser obrigada a aderir à fé católica, ela tende a nivelar o erro com a verdade. O cardeal Ruffini afirmou: “não se deve confundir a liberdade, que é própria da verdade, com a tolerância”. O bispo brasileiro, Dom Castro Mayer, defendeu a modificação da declaração. Ele afirmou: “a igualdade de direito para todas as religiões - tanto falsas como verdadeiras. Ora, só a verdadeira religião tem o direito de ser professada publicamente”¹⁵⁶.

O Cardeal Enrico Dante interveio oralmente, preocupado com o grande apoio à declaração da Liberdade Religiosa. Ele enxerga em seus princípios morais aspectos muito próximos do liberalismo moral: “A declaração de fato parece insinuar que a religião Católica deve ser propagada na base de um direito comum. É exatamente o que afirmaram no século passado Lamennais e Montalembert, que seguiam os princípios do chamado Liberalismo Católico”.¹⁵⁷

155 Kloppenburg, 1962, p. 60; 62; 66 (*apud* Tavares, *Op. Cit.*).

156 Tavares, *Op. Cit.*, p. 1090.

157 *Ibidem*, p. 1092.

Mesmo com a forte oposição Tradicionalista, o princípio em debate é aprovada em 7 de dezembro de 1965 na declaração conciliar *Dignitatis Humanae*:

Este Concílio Vaticano declara que a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. Esta liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado [o antigo princípio da tolerância só vinha até aqui] e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites. Declara, além disso, que o direito à liberdade religiosa se funda realmente na própria dignidade da pessoa humana, como a palavra revelada de Deus e a própria razão a dão a conhecer. Este direito da pessoa humana à liberdade religiosa na ordem jurídica da sociedade deve ser de tal modo reconhecido que se torne um direito civil¹⁵⁸.

As reações Pós Concílio: Surge na América Latina uma nova Teologia.

A ala progressista do clero católico não se concentrava somente em Roma. Com o fim do Concílio Vaticano II e a volta de todos os bispos às suas dioceses espalhadas pelos diversos continentes, o conflito entre clero conservador e clero progressista permanece em muitos países fora da Europa, e o Brasil não ficou fora disso. Sendo sujeito a um regime militar que durou 21 anos (1964-1985), alguns estados brasileiros sofriam com a concentração de renda e a miséria em crescimento. O *milagre econômico*¹⁵⁹ proposto pelos militares como forma de fazer justiça social não teve um sucesso prolongado, mesmo com o grande inicial crescimento econômico, gerou depois uma grande inflação, sendo os mais pobres os primeiros a pagarem a consequência:

158 Declaração: DIGNITATIS HUMANAЕ. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html. Acesso em: 13 set. 2018.

159 **Milagre Econômico** ou “milagre econômico brasileiro” corresponde ao crescimento econômico ocorrido no Brasil entre os anos de 1968 a 1973. Esse período foi caracterizado pela aceleração do crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), industrialização e inflação baixa. Contudo, por trás da prosperidade, houve o aumento da concentração de renda, corrupção e exploração da mão de obra.

Os 5% mais ricos passaram de uma participação no total da renda nacional, em 1960, de 28,3% para 39,8% em 1972, enquanto os 1% mais ricos passavam de 11,9% para 19,1% em 1972. No outro extremo da pirâmide, os 50% mais pobres, de 17,4% do rendimento total em 1960, baixaram para 11,3% no mesmo período¹⁶⁰.

Com isso, parte dos sacerdotes brasileiros da América Latina propõe uma nova teologia que se julga emanar primeiramente do povo de Deus, massacrado por um sistema econômico desigual, é a Teologia da Libertação, que almeja principalmente propor que a Igreja Católica esteja cada vez mais ao lado dos pobres, como uma Igreja Povo na luta por justiça social e igualdade, usando como ferramenta filosófica o Marxismo.

No Brasil o principal propagador dessa teologia que pretende “renovar” a Igreja foi o frei franciscano Leonardo Boff, que com seu livro *Igreja: Carisma e Poder* exala inúmeras críticas, não somente ao sistema capitalista, como principalmente à estrutura hierárquica da Igreja Católica, taxada como portadora de um poder opressor que se fazia distante do povo e de suas mazelas. Segundo ele, agora, com essa teologia que visa libertação, o clero não somente dialogaria com o mundo moderno, mas adaptaria toda a doutrina “ortodoxa” aos anseios da modernidade, para que o catolicismo se torne cada vez mais atual. É a teologia em pleno movimento rumo ao “progresso”.

A principal forma de concretização da Teologia da Libertação foi a formação das Comunidades Eclesiais de Base, as CEB’s, com o incentivo por parte do clero brasileiro, unido a leigos e leigas engajados com o trabalho popular. Tiveram início as primeiras experiências que futuramente seriam conhecidas como Comunidade Eclesial de Base.

Na periferia podiam estar espalhados em pequenos grupos ou formando um único grupo, tendo por característica a união de pessoas que comungam da mesma fé e em torno de seus problemas sociais, como moradia, luta por distribuição de renda, por ampliação de oportunidade de emprego etc. São pessoas de base: trabalhadores, donos de casa, operários, subempregados, aposentados, jovens, idosos, entre outros, unidos na busca de igualdade e justiça social.

Com as Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), foi ampliada a influência dessa nova teologia nos movimentos populares, tanto no

160 Sader, 1991, p. 27-28 (*apud* Tavares, *Op. Cit.*, p. 39).

meio urbano como no rural. Caracterizou-se também como uma nova forma de pastoreio exercida por uma minoria de bispos no continente Latino-Americano, que utilizavam e propagavam a teologia da libertação como forma de evangelização dos pobres. As CEB's, com o seu lema: "opção preferencial pelos pobres", nasce em lugares onde há forte carência de sacerdotes ou onde os mesmos aparecem poucas vezes. A pessoa do padre não é considerada de suma importância ou vista como extremamente necessária, todavia pode se dizer útil para tais comunidades, se este abraça, segundo os engajados, os interesses políticos do povo. Há uma clara inversão do que é pregado na Igreja Tradicional, na qual o sacerdote é indispensável para o pastoreio do povo.

Com o desenvolvimento dessas "comunidades de Libertação", torna-se cada vez mais nítido o objetivo de dar fundamentação teológica às inúmeras lutas sociais, como a forte presença da pobreza assolando a população, tem-se a busca e a formulação de esquemas teológicos para uma específica compreensão da realidade vigente. É preciso fazer uma união plena com o grande desejo do povo brasileiro em seguir a religião, ter o anseio pelo sagrado ou o mistério com o racionalismo político solidificado no marxismo, numa crítica constante não somente ao social, mas englobando nessa crítica a própria religião, que é usada como instrumento.

Para o clero progressista, o Concílio Vaticano II deu os ares de liberdade para os fiéis e caminhos de mudança de estrutura em relação à hierarquia eclesial, doutrina e ampliação da possibilidade de salvação além da Igreja Católica, desconsiderando assim alguns dogmas já existentes que proclamam o contrário. Segundo o professor Benedito Genésio Ferreira,¹⁶¹ a Igreja tomou novos rumos que romperam com os pensamentos dogmáticos anteriores para se entregar nas ações sociais:

Gabriel Belchior: [...] qual o impacto que trouxe o Concílio Vaticano II (1962-1965) convocado pelo Papa João XXIII à situação religiosa e política do Brasil?

Benedito Genésio: Muito bem, o concílio é o resultado, é o resultante de uma série de forças que havia surgido na Igreja antes da inauguração do concílio que propiciara eu acho que... eu vejo assim como uma pessoa que creê que João XXIII foi o

161 Exerceu o sacerdócio na Igreja Católica entre os anos de 1963-1976. Parte de seus estudos eclesiásticos foi no Colégio Pio Brasileiro em Roma, antes de sua ordenação clerical. Atualmente é casado e professor voluntário na Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral-CE.

mensageiro para dizer: “Chegou a hora de alguém de a gente fazer... aproveitar tudo o que estão pensando dentro da Igreja e colocar isso para um concílio para ter mais força, para ter uma comunhão de todos¹⁶²...”

Gabriel Belchior: “Vamos dar voz a todos”

Benedito Genésio: Vamos dar voz a todos, e todos entendam isso, é... o concílio não se criou dentro dele mesmo ele havia sendo gestado por grandes teólogos, inclusive essa visão da Igreja voltada para o social foi levado para o concílio, essa aproximação da Igreja no mundo moderno, de escutar os desejos do mundo moderno, de estar ao lado do mundo moderno, de romper com a intolerância, isso é fundamental que a Igreja se abra para os que não tem fé, para os que tem fé e não são cristãos, a Igreja católica se abra para os outros cristãos que não são católicos, há uma abertura, isso é muito saudável. Isso havia sido sonhado por muitos teólogos que sofreram, sofreram as consequências as do que vinham pensando mas seguraram, se firmaram e tiveram a felicidade de ver, então essas duas ideias concluíram para o concílio, se encontrar no Concílio.

Para os sacerdotes conservadores, o recente concílio não abriu novas possibilidades de interpretar a fé, nem deu poder aos padres de proporcionarem uma nova teologia para a América Latina, deveria haver um diálogo com o mundo moderno, e não uma submissão ao mundo moderno, sem haver de modo algum um rompimento com relação à fé dos Apóstolos¹⁶³. Para tanto, o papa João Paulo II convocou o cardeal Joseph Ratzinger para fazer uma análise da Teologia da Libertação. O cardeal avalia os livros do frade Leonardo Boff e padre Gutierrez e os analisa do ponto de vista da Doutrina Católica.

A Congregação encara a nova proposta teológica como um liberalismo disfarçado de sagrado carregada de relativismo e elevando o engajamento político acima da própria religião. O princípio teológico não parte mais de Cristo, e sim da pessoa do pobre. Com o surgimento e o crescimento das CEBs no Brasil e em toda a América Latina, viu-se a necessidade de realizar os grandes encontros interestaduais. O primeiro foi no ano de 1975:

162 Entrevista realizada com o professor Benedito Genésio Ferreira em: 21 de dezembro de 2016, no Centro de Ciências Humanas-UVA.

163 João XXIII. Discurso de abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, 11 de outubro de 1962, AAS 54 (1962), pp. 788-791. *Apud* Catecismo da Igreja Católica, 1993.

O primeiro encontro intereclesial aconteceu em janeiro de 1975, na cidade de Vitória, ES. Participaram do evento cerca de 70 pessoas, representando várias dioceses de 12 Estados diferentes. O tema do encontro foi bem sugestivo: “Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus”. A expressão “Igreja que nasce do povo” surgiu por ocasião do I intereclesial, vindo a configurar uma nova perspectiva eclesiológica: “uma nova consciência que surge a partir de um modo de existir como Igreja”.¹⁶⁴

Um novo modo de Igreja é visto como algo perigoso para Roma, uma proposta que esconde segundas intenções não reveladas, no caso uma transformação pelas ideias marxistas, que levaria a Igreja à sua autodestruição. O Cardeal Ratzinger esclarece:

A libertação é antes de tudo e principalmente libertação da escravidão radical do pecado. Seu objetivo e seu termo é a liberdade dos filhos de Deus, que é dom da graça. Ela exige, por uma consequência lógica, a libertação de muitas outras escravidões, de ordem cultural, econômica, social e política, que, em última análise, derivam todas do pecado e constituem outros tantos obstáculos que impedem os homens de viver segundo a própria dignidade. Discernir com clareza o que é fundamental e o que faz parte das consequências, é condição indispensável para uma reflexão teológica sobre a libertação.¹⁶⁵

E mais:

A presente instrução tem uma finalidade mais precisa e mais limitada: quer chamar a atenção dos pastores, dos teólogos e de todos os fieis, para os desvios e perigos de desvio, prejudiciais à fé e à vida cristã, inerentes a certas formas da teologia da libertação que usam, de maneira insuficientemente críticas, conceitos assumidos de diversas correntes do pensamento marxista.¹⁶⁶

No Brasil, o clero também encontrava-se dividido entre seguir a doutrina da continuidade ou o rompimento pelo ideal “progressista”, principal-

164 Queiroz Magana, 1983, p. 179.

165 Ratzinger, 1984.

166 Ibidem.

mente nos anos de 1970. O lado conservador tinha como líderes os bispos Dom Geraldo de Proença Sigaud – Arcebispo de Diamantina, em Minas Gerais - junto com Dom Antônio de Castro Mayer – Bispo de Campos, no Rio de Janeiro -, que se opunham à atuação das CEBs e às propostas de reforma agrária para o Brasil com o argumento de que essas medidas e agrupamentos tentavam implantar o socialismo no maior país da América Latina. Do lado progressista temos o Bispo Dom Helder Câmara, da Arquidiocese de Olinda e Recife, que concordava e atuava pela ampliação das medidas anteriores para uma Igreja mais “povo de Deus e igualitária”.

Para o professor e ex-sacerdote, Benedito Genésio Ferreira, essa disputa interna do clero não é algo extraordinário, pelo contrário, estabelecia benefícios a ambos os lados:

A nível de episcopado, de bispo do Brasil, Dom Sigaud que era Bispo de Campos no Rio de Janeiro era o líder dos conservadores [...], e Dom Helder era o símbolo dos progressistas. A Igreja sofreu essa divisão, essa facção, eu posso dizer que isso é normal em todas as coisas humanas, há sempre um grupo que quer conservar e é importante o papel do conservador, eu tenho uma visão dialética dessas coisas, só há o conservador porque há o progressista, só há o progressista porque há o conservador, então é necessário que alguém questione, não fique só marcando passo, patinando sempre no mesmo lugar, é necessário esse vai vem da dialética, eu acho que a dialética é a explicação da realidade qualquer que ela seja.¹⁶⁷

Na visão da Congregação da Doutrina da Fé (antigo Santo Ofício), os anseios por justiça e liberdade encontram-se muitas vezes prisioneiros de pensamentos e ideologias que ocultam ou deturpam o seu sentido verdadeiro, sugerindo assim a luta de classes para sua libertação, objetivos que contradizem a verdadeira missão e destino sagrado da vida humana. Jesus Cristo liberta-nos do domínio do pecado e da submissão à carne, que caracteriza o estado do homem pecador, sendo a escravidão do pecado a pior de todas as escravidões. Ou seja, as demais formas de privação da liberdade têm sua raiz original e profunda na sujeição ao pecado e ao demônio¹⁶⁸.

167 Entrevista realizada com o professor Benedito Genésio Ferreira em: 21 de dezembro de 2016, no Centro de Ciências Humanas-UVA.

168 Ratzinger, 1984.

Considerações Finais

O Serviço de Promoção Humana, criado em 1962, na cidade de Camocim – Ceará, de iniciativa do padre Luiz Gonzaga Melo e com o apoio da Igreja Católica, exerceu ações educacionais que levaram inúmeras pessoas carentes à oportunidade de cursar o ensino básico e cursos profissionais, dando a possibilidade dessas pessoas carentes ascenderem socialmente em um sistema econômico de exclusão numa cidade com forte concentração de renda e de oligarquias que exerciam uma política de marginalização social.

Os benefícios não eram apenas educacionais, mas também de assistência alimentícia, pois com o fim das atividades da linha férrea, em 1977, culminando na saída do último trem, houve um grande declínio econômico em Camocim, levando muitas pessoas ao desemprego e à pobreza extrema, sendo de suma importância as políticas de arrecadação de alimentos e inclusão social dessas pessoas menos favorecidas, unindo a uma educação de conscientização dos problemas locais e nacionais, visando também a superação desses problemas, lembrando que no presente recorte histórico dava-se início o regime militar no Brasil.

Fontes

Escritas

Terceiro Livro de tombo: *Paróquia Bom Jesus dos Navegantes: 1962-1989*.

Entrevista com Antônio Edvar de Araújo Lima, realizada via e-mail a 2 de fevereiro de 2016.

Orais

Entrevista realizada com o professor Benedito Genésio Ferreira em: 21/12/2016 no Centro de Ciências Humanas- UVA.

Entrevista com a ex-professora Antonilda Gomes, realizada em 27 de janeiro de 2016 em Camocim- CE.

Referências bibliográficas

BEOZZO, José Oscar, 1941- **A Igreja do Brasil**: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993-(Coleção Igreja do Brasil).

BEZERRA, Viviane Prado. **Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo**: O MEB E O Dia do Senhor em Sobral (1960-1980). Sobral, CE: Edições ECOA, 2014. 368p.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB e editora Canção Nova.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

FERREIRA, João Paulo Hidalgo. **Nova história integrada**: ensino médio: volume único: manual do professor. Campinas, SP: Companhia da Escola, 2005.

QUEIROZ MAGANA, Álvaro. **Eclesiologia em la teologia de la liberacion**. Salamanca, Sígueme, 1983.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Entre o Porto e a Estação**: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. 1. ed. Fortaleza: INESP, 2008.

SILVA, Vera Lúcia; AGUIAR, Ana Selma Silva de. **“Um oásis dos menos favorecidos da sorte”**: a experiência do Serviço de Promoção Humana (SPH), Camocim/CE. 1962-1979. 1. ed. Sobral: Egus, 2014.

SOUZA, Itamar. **A luta da Igreja contra os Coronéis**. 1ª. ed., Petrópolis-RJ: Vozes LTDA, 1982.

Verbetes em formato eletrônico

ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral: Possibilidades para além da construção do passado. In: **SEMINÁRIO DE HISTÓRIA ORAL**, II, 1996, Belo Horizonte, p. 1-13. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bits-tream/handle/10438/6767/869.pdf?sequence=>. Acesso em: 01 set. 2018.

CIDADE DO VATICANO, domingo, 29 de janeiro de 2012(ZENIT.org) – Conclusão do autor das palavras de Bento XVI pronunciadas nesse dia por ocasião do Ângelus, aos peregrinos congregados na Praça de São Pedro. Texto original disponível em: <http://cleofas.com.br/para-deus-a-autoridade-significa-servico-humildade-e-amor/>. Acesso em: 11/08/2018

Declaração: DIGNITATIS HUMANAЕ. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html Acesso em: 13/09/2018.

Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 27 set. 2018.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, São Paulo, (14), fev. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>. Acesso em: 02 set. 2018.

RATZINGER, Joseph. **Instrução sobre os aspectos da Teologia da Libertação**. Sagrada Congregação para Doutrina da Fé, 1984. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html. Acesso em: 21 set. 2018.

ROY-LYSENCOURT, Philippe. O Coetus Internationalis Patrum no Concílio Vaticano II: apresentação e resultados de uma pesquisa. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 1051-1059, abr./jun. 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n38p1051>. Acesso em: 01 set. 2018.

SILVA, Vera Lúcia. Sujeitos em construção: os “sócios” do Serviço de Promoção Humana (SPH), Camocim-CE, 1962-1979. **Revista Historiar**, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 55-72, 2020. Disponível em: [//historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/370](http://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/370). Acesso em: 20 mar. 2023.

Trabalhos de Conclusão de Curso

SILVA, Vera Lúcia. **Mobilização, educação e memória**: o Serviço de Promoção Humana (SPH), em Camocim-CE, 1962-1979. 224 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16507/1/MobilizacaoEducacaoMemoria.pdf>.

TAVARES, Gustavo Barros. **A igreja do diabo**: a guinada à esquerda da hierarquia eclesial, segundo o conservadorismo católico. 2016. 80 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciência Política)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PARTE 3

**PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE
CAMOCIM: UM LEGADO DA AÇÃO
DE MISSIONÁRIAS EVANGÉLICAS
(1984-1989)**

Jane Élide Costa Silva

Dedico este trabalho às duas mulheres que me inspiraram à pesquisa, Doraci Aparecida Cavallari e Flordelice Brum, pela obra que realizaram em Camocim. Realmente, mulheres usadas por Deus!

[...] A ação ou pensamento religioso ou 'mágico' não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas [...].

Max Weber

INTRODUÇÃO

A ação missionária batista desenvolvida em Camocim entre os anos de 1984 a 1989 teve como agentes as missionárias Doraci Aparecida Cavallari e Flordelice Brum, que saem de São Paulo, enviadas pela Junta de Missões Nacionais das Igrejas Batistas, a fim de fundarem uma Frente Missionária. Chegando à cidade em 1984 encontram, a princípio, resistência por parte de proprietários de casas que negavam aluguel a crentes. Começam na garagem da casa a convidar as crianças da vizinhança para ouvirem histórias bíblicas, usando tal estratégia, conseguem se aproximar dos pais destas e assim acontecem os primeiros cultos com a participação de adultos. Depois de meses visitando a circunvizinhança e oferecendo estudo bíblico, adquirem a simpatia de novos adeptos à religião evangélica e rompem o conservadorismo de líderes católicos e até mesmo de evangélicos que não admitiam mulheres que se trajassem exibindo a vaidade feminina e com a missão de anunciarem a Palavra de Deus.

O crescimento no número de membros contribuiu para a necessidade de se construir um templo, que se tornou um símbolo do mutualismo e integração entre eles. Fundando-se oficialmente a Primeira Igreja Batista em 1989, esta vem conquistando o reconhecimento como mais uma denominação religiosa na sociedade local. Desta forma, vamos compreendendo como as estratégias da evangelização utilizadas por elas foram envolvidas num discurso persuasivo de salvação.

Analisar a trajetória da Primeira Igreja Batista em Camocim é conhecer também o modo como se constituiu a memória coletiva da denominação religiosa na cidade, significa então imergir num viés não só religioso, mas também de gênero, tendo em vista que o trabalho batista foi implantado em Camocim por duas jovens missionárias, Flordelice Brum e Doraci Aparecida Cavallari, em 1984.

O interesse pelo tema surgiu pelo prévio conhecimento a respeito da Igreja Batista e por se tratar de uma temática não recorrente na historiografia local, o que nos levou a abraçar o desafio de dar visibilidade à pesquisa. Tendo como objetivo trazer para o conhecimento as ações realizadas pelas missionárias na tentativa de conquistarem adeptos para constituírem

uma igreja e as dificuldades com as quais elas se depararam e as conquistas realizadas até 1989, quando deixam a Igreja Batista estabelecida com um pastor na liderança. Por isso, enfatizamos a pesquisa com o título de “Primeira Igreja Batista de Camocim: um legado da ação de missionárias evangélicas (1984-1989)”, pois o enfoque de nosso interesse está nesse recorte temporal, período esse em que elas permaneceram na cidade.

Poderia ser apenas uma narrativa de mais um grupo religioso, mas a história social nos permite dar voz aos sujeitos silenciados explorando, assim, os anseios, as esperanças, desafios. Isto é, valorizar os sujeitos em suas mais diversas experiências, como diz Déa Fenelon:

Queremos, pois fazer História com o compromisso social de dar visibilidade a outros sujeitos até aqui excluídos, [...] só assim podemos reescrever outras histórias em que pessoas se reconheçam, uma História que lhes diga algo ou com a qual possa se identificar.¹⁶⁹

Para constituir esta narrativa, utilizamo-nos do Primeiro Livro de Atas da Igreja Batista, que registra as atas de sessões de 1986 até 1999. O Álbum fotográfico do qual reproduzimos algumas fotografias que inserimos no trabalho, documentos estes cedidos gentilmente pela secretaria da Igreja Batista, e depoimentos de membros que conviveram com as missionárias dos quais tivemos, então, a devida paciência ao ouvir os relatos dos que desejam se reconhecer como sujeitos de suas próprias histórias.

Consideramos importante inserir em nossa análise as monografias de Saulo Parente de Lima e Emídio Johnson Sales Magalhães por serem produções de temática religiosa e esta última por enfatizar o protestantismo em Camocim.

Este capítulo está dividido em duas sessões, a primeira, “Os Batistas: história e expansão no Brasil”, traz a origem dos batistas, suas doutrinas e princípios, os missionários pioneiros em missões no Brasil, no Ceará e um breve histórico sobre o início dos grupos protestantes em Camocim na década de 1930. A segunda sessão, intitulada de “Missionárias batistas e os desafios da evangelização em Camocim nos anos 80”, expõe estratégias e abordagens evangelísticas utilizadas por elas, a reação por parte de líderes evangélicos e católicos, relatos dos primeiros membros sobre seus batismos, a construção e inauguração do templo. Traz, também, o estado atual da Igreja sob a liderança do Pastor Abraão Queiroz Secundino.

169 Fenelon (*apud* Almeida; Moraes; Resende, 2010).

OS BATISTAS: HISTÓRIA E EXPANSÃO NO BRASIL

As teorias sobre a origem dos batistas

O termo “batista” levou-nos a uma busca pelas razões de um grupo religioso ser assim denominado. Encontramos três versões expostas por Irineu Wilges em “Cultura Religiosa: as religiões no mundo”. A primeira é a teoria JJJ (Jerusalém, Jordão, João), segundo a qual os batistas seriam descendentes em linha direta dos que foram batizados por João Batista no rio Jordão. A segunda teoria afirma que eles teriam surgido dos anabatistas, que na Europa no século XVII rejeitavam o batismo de crianças e por isso batizavam novamente os adultos que iam se integrando em suas comunidades. E a terceira é de que os batistas teriam surgido dos separatistas ingleses, que também praticavam o batismo de adultos.¹⁷⁰

Portanto, a prática do batismo foi o identificador das comunidades que rebatizavam adultos e negavam o infantil. Como destaca o Pastor Sócrates Oliveira de Souza, em um artigo à Revista Visão Missionária, o que consta na Declaração Doutrinária dos Batistas:

Os discípulos de Jesus Cristo que vieram a ser designados pelo nome “batista” se caracterizavam pela sua fidelidade às Escrituras [...]. Somente essas pessoas eram por eles batizadas e não reconheciam como válido o batismo administrado na infância por qualquer grupo cristão, [...].¹⁷¹

Max Weber destaca o seguinte sobre as comunidades batistas na Europa:

Contudo, à medida que o batismo foi afetando a vida profissional secular a ideia de que Deus somente fala quando si-

170 Wilges, 1994, p. 89.

171 Souza, 2004, p. 24.

lencia a criatura, significou, evidentemente, uma educação para a tranquila ponderação dos negócios e para a orientação destes em termos de cuidados e justificação da consciência individual.¹⁷²

Weber relaciona a vida cotidiana e os implicativos para aqueles que se submetiam ao batismo como forma de guiar seus negócios pela ética protestante. Uma vida regrada passou a ser um identificador dessas comunidades, além do próprio batismo.

Segundo o Portal da Convenção Batista Brasileira, o primeiro grupo denominado de batistas teria começado na Holanda, quando o pregador inglês John Smyth e um advogado Thomas Helwys lideraram um grupo de refugiados em 1608, que escapavam da perseguição religiosa do Rei Jaime I da Inglaterra. Este Smyth batizou várias pessoas, constituindo, assim, a primeira igreja batista em 1609, mas esta, após a morte dele, uniu-se aos menonitas. Thomas Helwys, voltando a Londres, organiza uma igreja em 1612, começando de fato a linhagem batista na Inglaterra.¹⁷³

Muitos daqueles que não resistiram à perseguição anglicana migraram para os Estados Unidos. Foi fundada uma igreja batista por Roger Williams em 1639, em Providence, na colônia de Rode Island, e outra em 1648 por John Clark em Newport.¹⁷⁴ Daí os batistas se espalharam pelas colônias americanas e influenciaram até mesmo na constituição deste país, em 1791. Posteriormente, criaram associações para a integração das igrejas.

Já no século XIX, os batistas do Sul e do Norte dos Estados Unidos divergiram quanto à questão da escravidão, pois os sulistas eram condescendentes com essa prática, fato que levou a dividirem-se em Convenções diferentes. Em 1845 foi organizada a Convenção Batista do Sul na Geórgia e dela originou-se, na cidade de Richmond, Virgínia, a Junta de Missões Estrangeiras, que visava alcançar os povos da Ásia e da África¹⁷⁵. Esta convenção também foi responsável por enviar missionários ao Brasil.

172 Weber, 1996, p. 105.

173 CBB [s.d.].

174 Idem.

175 Pereira, 2001, p. 67.

Princípios e doutrinas batistas

A base doutrinária e princípios que norteiam os batistas estão descritos nos documentos fomentados por eles ao longo dos tempos. Os princípios expressam as formas de ver o mundo e a prática administrativa interna. Já as doutrinas solidificam as práticas religiosas. Um dos primeiros documentos é a confissão de fé produzida em 1644 na Inglaterra e aperfeiçoada em 1869.¹⁷⁶ Eis as principais doutrinas expostas de forma sumariada e resumida, extraídas da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira em 19 artigos que seguem:

I- Escrituras Sagradas

A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana. É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens. Sl 119.89

II- Deus

O único Deus vivo e verdadeiro é Espírito pessoal, eterno, infinito e imutável; é onipotente, onisciente, e onipresente; é perfeito em santidade, justiça, verdade e amor. Dt 6.4; Jr 10.1;

1- Deus Pai

Deus, como Criador, manifesta disposição paternal para com todos os homens. Is 64.8;

2- Deus Filho

Jesus Cristo, um em essência com o Pai, é o eterno Filho de Deus. Nele, por ele e para ele foram criadas todas as coisas. Sl 2.7;

3- Deus Espírito Santo

O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina. Gn 1.2;

III- O Homem

Por um ato especial, o homem foi criado por Deus à sua imagem e conforme a sua semelhança e disso decorrem o seu valor e dignidade. Gn 1.26-31;

176 Torquato, 2012, p. 13.

IV- O Pecado

No princípio o homem vivia em estado de inocência e mantinha perfeita comunhão com Deus. Mas, cedendo à tentação de Satanás, num ato livre de desobediência contra seu Criador, o homem caiu no pecado e assim perdeu a comunhão com Deus e dele ficou separado. Gn 2.15-17; Rm 3.23

V- Salvação

A salvação é outorgada por Deus pela sua graça, mediante arrependimento do pecador e da sua fé em Jesus Cristo como único Salvador e Senhor. Ef 2.8

VI- Eleição

Eleição é a escolha feita por Deus, em Cristo, desde a eternidade, de pessoas para a vida eterna, não por qualquer mérito, mas segundo a riqueza da sua graça. 1Pe 1.2.

VII- Reino de Deus

O reino de Deus é o domínio soberano e universal de Deus e é eterno. É também o domínio de Deus no coração dos homens que, voluntariamente, a ele se submetem pela fé, aceitando-o como Senhor e Rei. Mt 4.17; Lc 17.20.

VIII- Igreja

Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. At 2.41,42.

IX- O Batismo e a Ceia do Senhor

Simboliza a morte e sepultamento do velho homem e a ressurreição para uma nova vida em identificação com a morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo e também prenúncio da ressurreição dos remidos. A ceia do Senhor é uma cerimônia da igreja reunida, comemorativa e proclamadora da morte do Senhor Jesus Cristo, simbolizada por meio dos elementos utilizados: O pão e o vinho. Mt 3.5,6, Rm 6.3-5; 1Co 11.26-28.

X- O Dia do Senhor

1 Com o advento do Cristianismo, o primeiro dia da semana passou a ser o dia do Senhor, em virtude de haver Jesus ressuscitado neste dia. At 20.7.

XI- Ministério da Palavra

Todos os crentes foram chamados por Deus [...] para testemunhar de Jesus Cristo e promover o seu reino. Mt 28.19,20.

XII- Mordomia

Mordomia é a doutrina bíblica que reconhece Deus como Criador, Senhor e Dono de todas as coisas. Sl 24.1; 1Co 10.26.

XIII- Evangelização e Missões

A missão primordial do povo de Deus é a evangelização do mundo, visando à reconciliação do homem com Deus. Mt 28.19,20.

XIV- Educação Religiosa

A palavra de Deus é o conteúdo essencial e fundamental nesse processo e no programa de aprendizagem cristã. Mt 11.29,30; Jo 13.14-17.

XV- Liberdade Religiosa

Deus e somente Deus é o Senhor da consciência. A liberdade religiosa é um dos direitos fundamentais do homem, inerente à sua natureza moral e espiritual. 1Pe 2.15,16

XVI- Ordem Social

Como o sal da terra e a luz do mundo, o cristão tem o dever de participar em todo esforço que tende ao bem comum da sociedade em que vive. Mt 5.13-16.

XVII- Família

A família, criada por Deus para o bem do homem, é a primeira instituição da sociedade. Gn 1.7.

XVIII- Morte

Todos os homens são marcados pela finitude, de vez que, em consequência do pecado, a morte se estende a todos. Rm 5.12.

XIX- Justos e Ímpios

5 Os ímpios condenados e destinados ao inferno lá sofrerão o castigo eterno, separados de Deus. Mt 13.49,50; 2Co 5.10.

Através dos tempos, os batistas se têm notabilizado pela defesa destes princípios:

1º) A aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta.

2º) O conceito de igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e bíblicamente batizadas.

3º) A separação entre igreja e Estado.

4º) A absoluta liberdade de consciência.

5º) A responsabilidade individual diante de Deus.

6º) A autenticidade e apostolicidade das igrejas.¹⁷⁷

Missão de evangelizar e batizar

Os batistas têm investido recursos humanos e financeiros em missões ou evangelização definida como a “ação de comunicar o Evangelho visando levar perdidos a Jesus para que sejam por ele salvos”¹⁷⁸. Esclarece Irineu Wilges o seguinte: “[...] As missões batistas mundiais são um imperativo de todos. Cada crente deve oferecer o seu quinhão espiritual e material às obras missionárias, pois cada um é considerado missionário”¹⁷⁹.

Para realizarem tal tarefa, fundamentam-se na ordenança de Jesus, descrita no Evangelho de Marcos, Capítulo 16, Versículo 15: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura”.¹⁸⁰

Embora o ato de anunciar o Evangelho seja uma ordenança a todos os crentes, há os que se dedicam, exclusivamente, a este serviço, preparando-se em instituições de ensino religioso, como fizeram as missionárias Doraci Cavallari e Flordelice Brum. Doraci Cavallari nos informou que antes de irem a Camocim, estiveram estudando no Instituto Batista de Educação Religiosa (IBER)¹⁸¹ no Rio de Janeiro entre 1980 e 1983. E em relato, Doraci nos disse:

Então, nós éramos preparadas para sermos missionárias, para sermos educadoras religiosas nas igrejas, nas escolas [...]. Ali no IBER, a gente aprendia também um pouco de

177 CBB, *Op. Cit.*

178 Ferreira, 1990, p. 35.

179 Wilges, *Op. Cit.*, p. 90.

180 Bíblia, 1995, p. 1013-1038.

181 O IBER, atualmente, chama-se CIEM (Centro Integrado de Educação e Missões) no Rio de Janeiro. Essa instituição existe desde 1922, anteriormente, com o nome de Escola Teológica para Obreiras, tendo como objetivo a preparação de moças para as atividades na igreja. Depois, em 1941, foi mudado o nome para Instituto de Treinamento Cristão, em 1965 para Instituto Batista de Educação Religiosa (IBER) e, em 2002, enfim, CIEM. Informações no site: <http://www.ciem.org.br/index.php/institucional/historia>.

tudo de música, [...] também a cozinhar, a manter uma casa, a fazer pequenos reparos [...] a gente estagiava nas igrejas da periferia do Rio de Janeiro, tanto na área de ação social, como trabalho evangélico nas casas, em palestras. E é assim que a nossa vocação era trabalhada ali.¹⁸²

Pelas palavras de Doraci, percebemos o quanto é fundamental para a denominação que seus missionários sejam capacitados para atender as pessoas tanto na área espiritual quanto social e, também, que saibam resolver problemas domésticos. Ela acrescentou que uma das práticas evangélicas mais eficazes entre os batistas é o estudo bíblico domiciliar, pois: “[...] as pessoas ficam mais à vontade, pois muitas têm vergonha de ir pela primeira vez a uma igreja evangélica...”.¹⁸³ Sendo assim, a pessoa que pede para estudar a Bíblia em sua própria casa sente-se mais segura para tirar suas dúvidas para depois decidir frequentar uma igreja.

Há várias maneiras para a divulgação do Evangelho, as quais o escritor batista Damy Ferreira esclarece que método seria atingir as massas ou as pessoas individualmente. E que a estratégia seria o estudo bíblico nos lares e o culto ao ar livre.¹⁸⁴ Um dos nossos colaboradores, pastor José Pereira Bonfim Filho, que esteve auxiliando as referidas missionárias em Camocim, comenta que os recursos e estratégias utilizados na evangelização são variados e têm se modernizado como o uso da internet, peças teatrais e a música. E acrescentou: “[...] antigamente, os pastores não contavam com toda essa modernidade e se detinham mais nos púlpitos ou nas casas dos irmãos, ou quando se permitiam nas praças pregando a Palavra de Deus [...]”.¹⁸⁵

A observação do pastor José Bonfim quanto aos recursos usados na abordagem evangélica é pertinente, pois nos dias atuais, os meios de comunicação são diversificados, tanto impressos quanto visuais, e em décadas passadas, um pregador limitava-se a fazer seus discursos em am-

182 Doraci Aparecida Cavallari Monteiro. Psicopedagoga, casada, três filhos. Não exerce mais a função de missionária. É esposa do pastor Marcos Monteiro, da Primeira Igreja Batista de Fortaleza, onde auxilia no ministério com crianças. Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2005.

183 Idem.

184 Ferreira, *Op. Cit.*, 1990, p. 46.

185 Pastor José Pereira Bonfim Filho. Pastor aposentado da Igreja Cristã Evangélica de Sobral. Ex-pastor da Primeira Igreja Batista de Sobral. Auxiliou as missionárias na realização de batismos e celebração de Santa Ceia de 1986 a 1989. Entrevista realizada no dia 21 de setembro de 2005.

bientes fechados ou em espaços abertos, como as praças, que eram locais arriscados devido às reações adversas do público.

O simbolismo do batismo

Como exposto anteriormente, o significado do batismo, segundo a Declaração Doutrinária dos batistas, seria “morte e sepultamento do velho homem e a ressurreição para uma nova vida”. Entendemos que a religião é “teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera”¹⁸⁶, então, podemos assim dizer que o batismo é um ritual simbólico pelo qual o indivíduo se submete em obediência a Jesus.

De acordo com Doraci Cavallari, o batismo é uma ordenança de Jesus que está registrada no Evangelho de Marcos, Capítulo 16, Versículo 16: “Quem crer e for batizado será salvo; [...]”¹⁸⁷. É, portanto, uma demonstração visível da fé do novo crente.

Sobre essa questão, o pastor Bonfim aprofunda mais dizendo que o ato de imersão de todo o corpo na água significa “morte e sepultamento” e o ato de emergir, “a ressurreição”. De fato, uma referência ao crente que morre para o pecado e ressuscita para Jesus. O batismo, para ele, não contribui para a salvação, ou seja, não salva, pois o mais importante é a fé. E diz: “[...] se a salvação dependesse do batismo, Jesus não a teria prometido ao ladrão na cruz.”¹⁸⁸ Ressalta que, além do sentido espiritual, o batismo tem um efeito “legal”, pois permite que a pessoa se torne oficialmente membro de uma igreja local.

Quando o indagamos sobre as formas de se aplicar o batismo, como no caso da Igreja Católica, que se utiliza da aspersão sobre a cabeça da criança, e dos evangélicos mergulharem o corpo todo em água, ele reafirma o que falou anteriormente: “[...] se o batismo é morte, sepultamento e ressurreição, e o seu significado é submersão, então, não tem como só aspergir água na cabeça, pois Jesus foi batizado no rio Jordão.” Esclareceu que uma criança não possui consciência do significado do batismo, pois há a necessidade de “arrependimento e confissão de pecados”.¹⁸⁹

186 Alves, 1993, p. 19-20.

187 Bíblia, 1995, p. 1013-1038.

188 Pastor José Pereira Bonfim Filho. Pastor aposentado da Igreja Cristã Evangélica de Sobral. Ex-pastor da Primeira Igreja Batista de Sobral. Entrevista realizada no dia 21 de setembro de 2005.

189 Idem.

Mircea Eliade expõe o que os pais e teólogos das fases iniciais do Cristianismo, como Crisóstomo, Tertuliano e Cirilo, falam sobre o simbolismo da água. Para Tertuliano:

[...] a água foi a primeira “sede do Espírito divino, que a preferia então a todos os outros elementos... Foi a água a primeira que produziu o que tem vida, a fim de que nosso espanto cessasse quando ela gerasse um dia a vida no batismo... Toda água natural adquire, pois, pela antiga prerrogativa com que foi honrada em sua origem, a virtude da santificação no sacramento, se Deus for invocado sobre ela. Logo que se pronunciam as palavras, o Espírito Santo, descido dos Céus, pára sobre as águas, que ele santifica com sua fecundidade; as águas assim santificadas impregnam se, por sua vez, da virtude santificadora... O que outrora curava o corpo cura hoje a alma; o que trazia a saúde no Tempo traz a salvação na eternidade.¹⁹⁰

Sobre o batismo Crisóstomo diz:

Ele representa a morte e a sepultura, a vida e a ressurreição... Quando mergulhamos a cabeça na água como num sepulcro, o homem velho fica imerso, enterrado inteiramente; quando saímos da água, aparece imediatamente o homem novo.¹⁹¹

Para Cirilo,

O batismo não é somente purificação dos pecados e graça da adoção, mas também antitypos da Paixão de Cristo”. Também a nudez batismal encerra, ao mesmo tempo, um significado ritual e metafísico: o abandono da “antiga veste de corrupção e pecado da qual o batizado se despoja por Cristo, aquela com que Adão se cobriu depois do pecado”, mas igualmente o retorno à inocência primitiva, condição de Adão antes da queda.¹⁹²

190 Eliade, 1992, p. 66.

191 Ibidem.

192 Idem, p. 67.

Tais interpretações, tanto de Tertuliano, de Crisóstomo e de Cirilo, convergem para explicar água como elemento essencial nos rituais de passagem. Ela simboliza mudança, renovação, purificação e, principalmente, vida.

A inserção de missionários batistas no Brasil e no Ceará

Quando o historiador se depara com a temática religiosa, cuida em não incorrer no julgamento do que seja verdade ou mentira das ideias religiosas que estuda, porém, precisa analisar como a sociedade se apropria e reage aos discursos religiosos, como afirma Dominique Julia: “O que interessa [...] não é a condição de verdade das afirmações religiosas que estuda, mas a relação que mantêm essas afirmações, esses enunciados com o tipo de sociedade, que os explicam.”¹⁹³

E entendo que a sociedade brasileira, desde os seus primórdios, foi moldada pelo Catolicismo romano, que até a época imperial era a religião oficial do Brasil. O país nasceu, também, por motivações religiosas, pois os reis lusitanos tinham o dever de evangelizar as novas terras conquistadas. Portanto, a religião não se dissociou dos interesses vigentes no período das navegações, que eram cristianizar e explorar. Assim, destaca o historiador Robério Américo de Souza:

A catequese jesuítica marcou de forma indelével a história da colonização portuguesa no Brasil. Sua influência transcendeu os limites da religião, deixando fortes impressões na educação, na organização social [...].

A influência da Igreja Católica na sociedade e na política brasileira perdurou ainda com grande força após a proclamação da Independência [...].¹⁹⁴

Porém, a tentativa de quebra da hegemonia católica é percebida ainda no período colonial brasileiro, devido à presença dos holandeses em Pernambuco, os quais permitiam práticas não-católicas ali. Mas a abertura para o protestantismo e demais sistemas religiosos no Brasil começou a aparecer a partir do século XIX, com a chegada de imigrantes europeus.

193 Julia, 1988, p. 108.

194 Souza, 2006, p. 127.

Essa situação fez com que o Governo Imperial, na Constituição de 1824, permitisse a prática de outras religiões, ainda que com restrições.¹⁹⁵

Ressalta o artigo 5º da Constituição de 1824:

ART. 5- A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com ao seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.¹⁹⁶

Além de serem impedidos de construírem seus templos religiosos, os não-católicos, especificamente os protestantes, passavam por constrangimentos legais, como no caso do matrimônio e óbito, que só eram feitos e registrados nas paróquias católicas. O fim desses problemas legais se deu após a Constituição Republicana de 1891, e nesta, Estado e religião foram oficialmente separados.¹⁹⁷ Mesmo havendo hostilidades entre católicos e protestantes, ao longo de décadas, isso não impediu a introdução de outros credos em terras brasileiras, trazidos por imigrantes europeus e norte-americanos, dentre estes estavam os presbiterianos, batistas e metodistas. Devido à facilitação dada à imigração no período imperial, imigrantes norte-americanos que fugiam da Guerra de Secessão (século XIX) nos Estados Unidos se instalaram nas províncias de São Paulo e do Pará. Escreve o seguinte, o pastor Ebenézer Soares Ferreira:

Os colonos, que pertenciam a várias denominações, procuravam logo, organizar suas igrejas. O grupo batista organizou sua igreja no dia 10 de setembro de 1871 em Santa Bárbara. Já em janeiro de 1879 era organizada a segunda igreja batista, na localidade chamada Estação. Essas duas igrejas foram as pioneiras, mas não conseguiram permanecer por muito tempo.¹⁹⁸

O referido autor não expõe as razões da dissolução dessas igrejas que foram fundadas para atender apenas aos imigrantes. Salienta que o primeiro missionário batista a vir ao Brasil foi Thomas Jefferson Bowen, pois

195 Lima, 2006, p. 5.

196 Ibidem, p. 6.

197 Fernandes; Brandão; Guilherme, 2000.

198 Ferreira, 2002, p. 395.

estando em missão na África, foi recomendado para cá, onde esteve entre os anos de 1859 a 1861, fixando-se no Rio de Janeiro, evangelizando até escravos. Mas por causa da saúde debilitada, voltou ao seu país, os Estados Unidos. “Nada se sabe dos resultados de seu trabalho [...]”¹⁹⁹ O fato de não existirem registros oficiais de alguma igreja organizada por ele não significa que não tenha levado pessoas a professarem a fé evangélica.

Somente com a chegada do casal de missionários dos Estados Unidos, William Bagby e Anne Bagby, em 1880, e um ano depois, outro casal, Zachary Clay Taylor e Kate Taylor, juntamente com o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque, primeiro pastor batista brasileiro, é que a Missão Batista no Brasil foi de fato estabelecida. Ebenézer Soares cita que este grupo de missionários se encontrou em Santa Bárbara e, de lá, foram para a Bahia e fundaram a Primeira Igreja Batista do Brasil, em 1882. Acrescenta que os batismos tinham de ser feitos “bem tarde da noite, no mar, para não serem molestados”,²⁰⁰ e que o missionário Bagby fora atingindo com uma pedra em uma dessas cerimônias.

A prática do batismo de adultos, especialmente no mar, causava estranhamento nas pessoas que visualizavam esse ritual e muitos com aversão e desprezo agiam de forma agressiva, como no caso acima.

Com o apoio desses missionários, muitas igrejas foram fundadas pelo país, como a do Rio de Janeiro, em 1884, a de Maceió, em 1885, e em Recife, no ano de 1886. Para a plena divulgação da denominação pelo país, os batistas criaram uma casa editora, e para a integração entre as igrejas, fundaram a Convenção Batista Brasileira (CBC), em 1907, além de hospitais, escolas e seminários teológicos.

Quanto à presença dos primeiros batistas no Ceará, como já citamos, Raimundo Frota de Sá Nogueira traz um histórico dessa trajetória, falando que o sueco Eurico Alfredo Nelson, após passar por Camocim em 1908, vem a Fortaleza e organiza uma igreja juntamente com Firmino Alves. Esta teve pouca duração. Somente em 1930 foi fundada a Primeira Igreja Batista de Fortaleza, pelo pastor João Rodrigues de Andrade, e, no decorrer das décadas de 1930 e 1940, surgiram mais duas igrejas na capital e duas no interior do estado, uma em Aracati e a outra em Sobral. E a Convenção Batista Cearense foi criada em 1956.²⁰¹

199 Ibidem, p. 395.

200 Ibidem, p. 396.

201 Nogueira, 2003, p. 26.

É atribuído ao casal de missionários norte-americano, Burton de Wolf Davis e Sara Blanche Davis, a expansão da denominação pelo Ceará, pois permaneceram aqui de 1945 a 1975. Sob a influência deles, foram fundados o Colégio Batista Santos Dumont, em 1950, e o Hospital Batista Memorial, em 1968.²⁰² Outro casal, Jerold Evans Golston e Vera Mae Golston, fixou residência na década de 1970 em Sobral, onde contribuíram nas implantações de igrejas pela região Norte do estado e, em Fortaleza, criaram o Seminário Teológico Batista do Ceará (STBC), em 1990²⁰³.

A introdução do protestantismo em Camocim, “terra de bom jesus dos navegantes”.

A história local remete o historiador ao lugar da experiência para se fazer o levantamento das fontes necessárias à pesquisa, procurando encontrar os vestígios da ação humana. Como diz Michel de Certeau: “É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se precisa uma topografia de interesses, que se organizam os dossiers e as indagações relativas aos documentos.”²⁰⁴

Nesta perspectiva, Raphael Samuel ressalta que a história local: “[...] dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado.”²⁰⁵ Ambos os autores concordam que as evidências da ação humana estão bem próximas de nós pesquisadores e elas precisam ser selecionadas e questionadas. Embora, por vezes, possamos nos deparar com a escassez de fontes e com os “silêncios” deixados pela historiografia local, isso não é motivo para cessarmos nossa busca por informações. Pois, como diz Alessandro Portelli, que os próprios silêncios são: “[...] poderosas acumulações de energia, invisíveis, mas carregadas de significado; [...]”.²⁰⁶

Entendemos, então, que os “silêncios” fazem parte do processo de reflexão dos documentos escritos e dos relatos orais, pois o historiador precisa estar atento quanto ao interesse de quem produz e domina determinada linguagem.

E ao nos debruçarmos sobre as produções historiográficas de Camocim a fim de encontrar algo que falasse da religiosidade da cidade, especifica-

202 Ibidem, p. 203 e 312.

203 Ibidem, p. 388.

204 Certeau, 1995, p. 18.

205 Samuel, 1989, p. 220.

206 Portelli (*apud* Khoury, 2004, p. 132).

mente as evangélicas, em particular a denominação batista, constatamos que o assunto religioso é pouco explorado, e, portanto, se destaca um breve histórico dos primórdios do Catolicismo na cidade contido no livro de Tó-bis de Melo Monteiro, “Camocim Centenário (1879-1979)”, o qual traz, também, um levantamento dos aspectos econômico-políticos de Camocim e seus filhos ilustres. Segue-se o seguinte:

A Paróquia do Município foi criada em 5 de setembro de 1886, sob a invocação de Bom Jesus dos Navegantes. A Igreja-Matriz foi construída pelo Padre José Augusto da Silva. Trata-se de templo moderno, muito simpático, arejado e de acústica muito boa. A estátua de Bom Jesus dos Navegantes é uma linda imagem em tamanho natural. [...] ²⁰⁷

A citação acima revela um dos marcos da tradição católica, que foi a constituição de uma paróquia e do padroeiro local, Bom Jesus dos Navegantes, sendo essa escolha uma influência da região dos pescadores. Salienta-se a ação do Padre José Augusto da Silva, pelo fato de construir o belo templo da Igreja Matriz, sendo pároco da cidade entre 1906 a 1929. Monteiro ainda faz mais outra referência ao Padre José Augusto, quando fala da construção da primeira capela, iniciada em 1880, obedecendo a planta do engenheiro e diretor da estrada de ferro Dr. José Privat, a qual sofreu paralisações em sua construção. Sendo sua estrutura inacabada exposta às chuvas e ao sol, veio a desabar. E quando o Padre chega a Camocim em 1906:

[...] viu-se obrigado a construir a sua Matriz desde os alicerces e, com a tenacidade peculiar a seu gênio de homem laborioso, atirou-se, com ardor, à difícil tarefa e, poucos anos após, deu ao povo de Camocim uma igreja vasta, cômoda e elegante, considerada sem favor, uma das melhores da Diocese de Sobral, tendo sido benta e inaugurada por D. José Tupinambá da Frota, então bispo daquela cidade [...]. ²⁰⁸

Como a história tradicional constitui “heróis”, enaltecendo os feitos daqueles que detêm o poder político, econômico e até mesmo religioso, percebemos isso, pois quando é atribuído ao padre José Augusto a façanha de

²⁰⁷ Monteiro, 1984, p. 16.

²⁰⁸ Ibidem, p. 119.

“construir” o santuário católico, em poucos anos, o que não fez o engenheiro citado. Ressalta-se a personalidade do padre como um homem laborioso, que trabalhava pela obra clerical de forma árdua, pois a construção de um templo religioso seria de fato a representação visível do catolicismo na cidade, ou seja, o templo como símbolo do sagrado.

Enfatiza-se também nesta citação que Dom José Tupinambá da Frota, Bispo em Sobral nas primeiras décadas do século XX, esteve na inauguração do templo da Matriz de Camocim em 1917. Dom José não se eximia em marcar presença nos eventos religiosos de suas paróquias, sendo considerada pelos sobralenses uma personalidade emblemática até hoje, como destaca Saulo Parente Lima em sua pesquisa monográfica: “[...] figura ainda hoje muito presente na memória e na vida cotidiana da maioria dos católicos sobralenses”.²⁰⁹ E acrescenta que a importância do Bispo se dá pelas realizações que efetuou, como a implantação da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Hospital Santa Casa de Sobral e escolas.

O pioneiro batista: missionário Eurico Alfredo Nelson.

Dom José Tupinambá da Frota se caracterizou por sua atuação conservadora, pois não admitia qualquer pensamento contrário à Igreja Romana, visto como “indigno de existir em terras sobralenses”.²¹⁰ Alinhando-se a este propósito, Padre José Augusto da Silva não seria indiferente à presença de um representante de outra religião com a finalidade de conquistar adeptos de sua paróquia. Estamos falando da passagem pela cidade do missionário protestante Eurico Alfredo Nelson, em 1908.

O escritor da história dos batistas no Brasil, José dos Reis Pereira, revela que Eurico Alfredo Nelson (1882-1939) era de origem sueca e morava nos Estados Unidos quando veio ao Brasil, por conta própria, fascinado pela Amazônia. Desembarcou em Belém do Pará, em novembro de 1891. “Pregava nas ruas da cidade e vendia bíblias com que ia garantindo seu sustento”.²¹¹ Foi chamado de “Apóstolo da Amazônia”, pois viajava pelos rios da região. Estendeu suas viagens ao Maranhão, Ceará e Piauí.

A presença de Nelson em Camocim está registrada no livro “Os Batistas no Ceará”, escrito pelo pastor Raimundo Frota de Sá Nogueira. Ele diz

209 Lima, 2006, p. 6.

210 Ibidem, p. 7.

211 Pereira, 2001, p. 103.

que o missionário, após fazer pregações no Piauí, dirigiu-se a Camocim a pedido de um membro de sua igreja em Manaus, o coronel Hastimphilo Serejo, e este convidava o povo noticiando a chegada do grande “pregador do Evangelho”.²¹²

Descreve-se que tal anúncio despertou a ira do padre local, que incitou o povo dizendo que os “protestantes insultavam a mãe de Jesus e que o bom católico não deveria permitir semelhante ultraje”.²¹³ O missionário ficou sabendo de capangas para o atocaiarem, mas não se intimidou e falou às pessoas que foram ouvi-lo. Abordou sobre a “Bem-Aventurada Mãe de Jesus” e a apresentou como “modelo de mulher cristã, virgem, esposa e mãe modelar”²¹⁴. Com esses argumentos enaltecendo Maria, o missionário soube inverter a seu favor a acusação de que os protestantes insultavam a mãe de Jesus. Mesmo assim, as autoridades locais obrigaram o missionário Nelson a sair às pressas da cidade para evitar “derramamento de sangue”²¹⁵, pois os tais capangas estavam à sua procura. Vindo então a Fortaleza, onde organizou uma igreja.

O autor não narra os resultados da pregação de Nelson, se houve conversões no mesmo dia ou se posteriormente alguém tenha tornando-se protestante. Apenas as pessoas o ouviam em “silêncio”, isto é, não demonstraram rejeição à mensagem.

Os primeiros grupos de protestantes na cidade

A recente produção monográfica sobre o protestantismo em Camocim, de Emídio Johnson, expõe a trajetória do pentecostalismo e defende que o primeiro missionário protestante a vir à cidade foi o norte-americano Orlando Spencer Boyer, acompanhado de sua esposa, Ethel Beebe, em 1934, e que foram recebidos pela família do senhor Gabriel Barros.²¹⁶

Boyer chegou ao Ceará em 1927 e, em 1932, esteve em Sobral, onde foi bastante hostilizado por católicos. Vindo a Camocim em 1934, além da conversão de Gabriel Barros e esposa, também o senhor Leocádio. Narram-se as perseguições que enfrentaram, como pedradas nas casas onde se faziam as reuniões, fato relatado por Erotildes, filha de Gabriel, que, quando

212 Nogueira, *Op. Cit.*, p. 24.

213 *Ibidem.*

214 *Ibidem.*

215 *Ibidem.*

216 Magalhães, 2012, p. 51-52.

criança, “assistia os cultos debaixo de uma grande mesa, [...] para se proteger das pedradas.”²¹⁷

O Missionário Boyer ouvia o seu nome ser ridicularizado, pois o chamavam de “Bode” por causa da pronúncia “Boyer”,²¹⁸ e aos demais crentes eram também identificados como “bodes” porque cantavam nos cultos.

Outro grupo dos primórdios do protestantismo não-pentecostal na cidade reunia-se na casa do senhor Sotero Lopes da Silva, como nos relatou a filha dele, a senhora Rute Lopes do Nascimento²¹⁹, 77 anos, evangélica, membro da Igreja Bíblica. Seu pai ouviu as pregações do missionário Boyer e logo se converteu, levando também os filhos às reuniões dos pentecostais, mas assim que Boyer foi embora de Camocim, o senhor Sotero Lopes começou a fazer encontros em sua própria casa juntando familiares e vizinhos, isso no final dos anos 1930 e por toda a década de 1940.

Somente nos finais dos anos 1940 é que chegaram missionários batistas norte-americanos, como Eduard e esposa, Dorote, com os quais os seus pais se juntaram, fortalecendo o grupo de crentes não-pentecostais na cidade. Outro casal que ela citou foi Pecor e Sara. Até que em 1954 vêm Paul Syers (popularmente conhecido como Mister Paulo) e esposa, Helena Syers, que permaneceram até 1978, deixando organizada a Igreja Bíblica nos anos 1960.

A senhora Azenir Lima da Silva, 78 anos, contou-nos que na década de 1940, ainda com seis ou sete anos de idade, era levada por sua avó, Maria Regina Paiva Farias, à escola dominical pela manhã, realizada na casa de Sotero Lopes. Lembra que sua avó tinha um carinho todo especial com a bíblia: “limpava a capa da bíblia quase todo instante e lia em voz alta pra todo mundo de casa ouvir, mas nem todos se interessavam”²²⁰. Azenir diz que recebeu toda essa influência, mas continuou católica por muitos anos e só se converteu à religião evangélica em 1987, batizando-se em 1989 na Igreja Bíblica de Camocim.

Ressaltou, também, que seu tio, Raimundo Paiva Farias, participava das reuniões na casa de Sotero Lopes e decidiu, por convite de missionários

217 Ibidem, p. 56.

218 Ibidem, p. 59.

219 Rute Lopes do Nascimento, 77 anos, casada, dona de casa, evangélica, membro da Igreja Bíblica de Camocim. Tem cerca de 60 anos de fé evangélica. Moradora do bairro da Praia, local onde seu Sotero Lopes reunia-se com um grupo de protestantes não-pentecostais.

220 Azenir Lima da Silva, 78 anos, viúva, aposentada e dona de casa. Evangélica há 24 anos. Foi membro da Igreja Bíblica e também da Primeira Igreja Batista, atualmente é integrante da Igreja Batista Vida. Entrevista realizada no dia 20 de junho de 2011.

americanos que aqui residiam, estudar Teologia na Paraíba. Sendo de fato o primeiro camocinense a se formar pastor batista, mas não atuou na cidade, pois depois de casado foi para São Paulo.

Este detalhe fez com que procurássemos mais informações sobre ele e conseguimos contato (via e-mail) com seu filho, Lindberg de Paiva Farias, o qual nos disse que seu pai nasceu em Camocim, em 1924, e faleceu em São Paulo aos 71 anos, em 1995. Estudou seis anos no Seminário Congregacional de Patos, Paraíba, voltou e casou-se em Camocim em 1948, morou em Aracati, trabalhou com missionários norte-americanos da Junta de Richmond. Indo para São Paulo, tornou-se pastor da Igreja Batista de Curuçá, em Santo André.

A Sra. Azenir falou também que conheceu o missionário norte-americano Paul Syers, conhecido como Mister Paulo, que frequentava a sua casa e deu início à Igreja Bíblica. Sobre o missionário, quem nos informou mais detalhes foi Maria das Graças Adeodato da Silva²²¹, 62 anos, que por muitos anos foi membro da Igreja Bíblica. Converteu-se aos cinco anos de idade, em 1955, através do trabalho dele e batizou-se aos dezoito anos na mesma igreja. Seu pai a levava para as reuniões, que aconteciam na casa do Mister Paulo. Depois chegou uma americana, Paulina Berg, que ensinava às crianças as histórias bíblicas.

Acrescentou ainda que o missionário Paulo, ajudado por Acelino Gomes, seu pai, faziam cultos na localidade de Boqueirão, na zona rural de Camocim, e também no distrito de Ibuacu, pertencente à cidade de Granja, onde vivem seus parentes. Ressaltou que presenciou momentos de rejeição aos crentes por onde o missionário andava, reforçando o que ouvimos nos demais depoimentos sobre as hostilidades, tanto por palavras, como “Quem é crente é pra ir pro inferno!”²²², quanto por ações, como as pedradas.

Mediante o exposto, percebemos que a aproximação do senhor Sotero Lopes com crentes pentecostais favoreceu, posteriormente, o início de um núcleo não-pentecostal fortalecido pela presença de missionários norte-americanos. Verificamos também que grande parte de nossos entrevistados e outros não arrolados em nossa pesquisa, e que integram a Igreja Batista, foram, anteriormente, membros da Igreja Bíblica, fato explicável pela semelhança entre as doutrinas dessas igrejas.

221 Maria das Graças Adeodato da Silva. Viúva, 62 anos, dona de casa. 57 anos de evangélica. Foi membro da Igreja Bíblica por muitos anos e atualmente é membro da Primeira Igreja Batista. Entrevista realizada no dia 17 de setembro de 2012.

222 Ibidem.

MISSIONÁRIAS BATISTAS E OS DESAFIOS DA EVANGELIZAÇÃO EM CAMOCIM NOS ANOS 1980

Chegada das missionárias na cidade e as primeiras ações

A presença de evangélicos não-pentecostais em Camocim, desde as décadas de 1940 até 1980, que se identificavam com as doutrinas batistas, foi confirmada nos depoimentos de nossos colaboradores, pois a Igreja Bíblica na cidade é um exemplo das demais igrejas dessa denominação que foram fundadas no Brasil a partir de 1950, com um pensamento mais conservador dessas missões estrangeiras. Mas uma igreja batista filiada à Convenção Batista Brasileira não fora organizada antes da vinda das missionárias Flordelice Brum e Doraci Cavallari.

O Pastor José Pereira Bonfim disse que membros da Primeira Igreja Batista de Sobral iam a Camocim a pedido de alguns crentes que moravam lá e visitavam parentes “que queriam ouvir a Palavra de Deus.”²²³ Esclarece que essas visitas de crentes sobralenses não eram tão constantes, por causa da distância entre as cidades. E mesmo havendo cultos nas casas dessas pessoas, nunca foi organizada uma igreja.

Em nossas inquirições acerca dos motivos que levaram as referidas missionárias a morarem em Camocim, Doraci Cavallari nos relatou que a escolha pelo Ceará foi decisiva pelo fato do irmão de Flordelice ser o pastor da Igreja de Sobral na época e, a outra razão, atribuiu ao “chamado divino”.²²⁴

Para compreendermos este “chamado divino”, lançamo-nos à perspectiva oral. Esta nos aproxima das experiências das pessoas, pois o historia-

223 Pastor José Pereira Bonfim. Entrevista realizada no dia 21 de setembro de 2005.

224 Doraci Aparecida Cavallari. Psicopedagoga, casada, três filhos. Não exerce mais a função de missionária. É esposa do pastor Marcos Monteiro, da Primeira Igreja Batista de Fortaleza, onde auxilia no ministério com crianças. Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2005.

dor pode recuperar “lágrimas e risos, decepções e esperanças”.²²⁵ Afirma Yara Khoury: “[...] a história oral como um campo do direito de falar, de expressar as interpretações e perspectivas de cada um; como um instrumento expressivo na construção e afirmação de presenças sociais.”²²⁶

É necessário que o pesquisador ouça as narrativas de seus depoentes sejam elas de alegria ou de tristeza e a maneira como eles interpretam o mundo através de suas crenças. Eis as palavras de Doraci sobre a expectativa que teve para com o Ceará:

É... eu, porém, não tinha a mínima ideia do que iria encontrar, né? Eu só sabia que Deus estava me chamando pro Ceará. Foi numa época de seca, em 1983, quando teve uma grande seca aqui no Nordeste. E as notícias que a gente via na televisão eram assim terríveis! A gente via o sertão, as pessoas passando necessidades sem uma gota de água em casa. Então aquilo me doía o coração e eu sabia que podia levar a “água da vida”, né? Para aquele povo tão carente de água!²²⁷

O “chamado divino”, segundo ela, foi a vocação de ser missionária no Ceará em uma ocasião propícia para demonstrar a solidariedade cristã, levando a “água da vida”, uma alusão a Jesus, pois o estado enfrentava um período de dificuldade por causa da seca. Sendo assim, os sedentos de água seriam aptos a receberem também a água da salvação. Percebemos que o contexto poderia ser realmente interessante para as duas atuarem em uma região considerada vulnerável às calamidades por falta de água e relativamente sedentos de conforto espiritual.

Realmente, a religião se apresenta com um tipo de fala, um discurso²²⁸, pois no âmbito espiritual o evangelista é aquele que fala as palavras de salvação, que tira a pessoa da “seca espiritual”. Dessa forma, as missionárias estavam com tal incumbência e se dirigiram então ao Ceará.

Examinando o Primeiro Livro de Atas da Primeira Igreja Batista, encontramos um resumo das atividades realizadas pelas missionárias nos vinte meses iniciais de 1984 a 1986. Registra-se o seguinte:

225 Vieira; Peixoto; Khoury, 1989, p. 12.

226 Khoury, 2004, p. 137.

227 Doraci Aparecida Cavallari. Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2005.

228 Alves, *Op. Cit.*, p. 20.

[...] No dia onze de maio de mil, novecentos e oitenta e quatro chegam a Camocim para iniciar um trabalho pioneiro através da Junta de Missões Nacionais as missionárias Doraci Aparecida Cavallari e Flordelice Brum. Na tarde do dia vinte e seis de maio do mesmo ano é realizado o primeiro trabalho com crianças, iniciando assim as atividades da nova frente de trabalho missionário [...].²²⁹

Ressaltamos que qualquer documento precisa ser questionado, pensando sempre em “quem produz uma dada linguagem, para quem produz”,²³⁰ e neste caso, se trata de um documento produzido com a intenção de registrar como memoráveis as ações das missionárias. É na verdade a construção de uma memória coletiva, fazendo com que os integrantes da comunidade religiosa identifiquem-se com a história da denominação na cidade. Assim, Cláudia Wasserman define identidade: “A identidade [...], enquanto sentimento de pertencimento é simbólica e abstrata, mas é originária de vivências, experiências e afetos concretos”.²³¹

E acrescenta:

As subjetividades individuais e coletivas são a matéria-prima das identidades. Ao longo de sua história pessoal, cada indivíduo constrói uma série de identidades que o fazem pertencer a grupos étnicos, profissionais, de gênero, familiares, religiosos afetivos, etc.²³²

E essa história é construída em determinado espaço e tempo e leva em conta as características culturais de uma cidade, pois é nela que se observam as lutas sociais, a construção de representações e da memória e estas com “múltiplas interferências nas estratégias dos grupos sociais”,²³³ como salienta Yara Khoury.

229 Primeiro Livro de Atas da Primeira Igreja Batista em Camocim com atas de sessões de 1986 até 1999. Documento pertencente ao arquivo da Secretaria da Primeira Igreja Batista em Camocim, situada à Rua Joaquim Távora, nº 1116, Bairro Brasília.

230 Vieira; Peixoto; Khoury, *Op. Cit.*, p. 20.

231 Wasserman, 2003, p. 9.

232 Ibidem, p. 8.

233 Khoury, *Op. Cit.*, p. 118.

Percebemos que a inserção das missionárias na sociedade camocinense foi facilitada pela aproximação delas com o público infantil, sendo assim uma das estratégias de evangelização, que marcou o início do trabalho batista na cidade em 1984, como foi citado anteriormente. Mas através do depoimento, conseguimos compreender melhor a expectativa de Doraci com relação aos camocinenses. Falou-nos da dificuldade de encontrar casa para alugar, pois quando ela e Flordelice se apresentavam como evangélicas, havia uma rejeição por parte de alguns proprietários de casas, que chegavam a falar: “Não alugamos casas para crentes!”.²³⁴ Tal expressão, embora tenha lhes causado surpresa, não as fez desistirem do propósito a que vieram.

Conseguiram uma casa para morar na qual existia uma garagem que serviu para os primeiros cultos. Mas o público que logo se aproximou das missionárias foram as crianças da vizinhança, pois a partir da curiosidade delas, ao ouvirem as religiosas cantarem hinos cristãos, é que na tarde do dia 26 de maio de 1984 foi realizada a narração de histórias bíblicas e, só então, os pais das crianças começaram a ouvir as mensagens da palavra de Deus. O primeiro culto aconteceu no dia 3 de junho do mesmo ano, com cinco convidados²³⁵. A inauguração da congregação ocorreu no dia 7 de julho e contou com o auxílio do pastor da Igreja Batista de Sobral, Eronete Neves Brum.

Figura 19 - Missionárias Doraci e Flordelice



Fonte: Arquivo da Primeira Igreja Batista de Camocim.

²³⁴ Doraci Aparecida Cavallari Monteiro. Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2005.

²³⁵ Primeiro Livro de Atas da Primeira Igreja Batista em Camocim, com atas de sessões de 1986 até 1999. Documento pertencente ao arquivo da Secretaria da Primeira Igreja Batista em Camocim, situada à Rua Joaquim Távora, nº 1116, Bairro Brasília.

Figura 20 - Garagem onde se faziam os cultos. Culto de inauguração da Congregação



Fonte: Arquivo da Primeira Igreja Batista de Camocim.

Ainda no mês de julho, aconteceu uma campanha evangelística com a participação de voluntários vindos de Fortaleza e Sobral, que andaram pelas ruas próximas à congregação oferecendo, em cada casa, estudo bíblico. Dentre as pessoas que receberam o estudo bíblico, a senhora Roseny Pereira, que em relato nos contou a desconfiança que teve sobre a “nova religião”, pois era católica e propôs às missionárias que só aceitaria o estudo se ela pudesse usar a bíblia católica: “ Mas eu só vou fazer esse estudo se eu for pesquisando na minha bíblia católica. E elas concordaram.”²³⁶

A partir desse contato das missionárias com Roseny, esta passou a frequentar a congregação e, depois de alguns meses, tomou a decisão de se tornar evangélica, sendo batizada no ano seguinte.

Outro entrevistado que abraçou a nova fé na juventude foi o senhor José Willames Moura,²³⁷ que em 1984, passando próximo à igreja que era numa garagem, ouviu os louvores, que lhe chamaram atenção, e foi convidado a assistir os cultos, convertendo-se no mês de agosto e, em dezembro do mesmo ano, foi batizado.

²³⁶ Roseny Pereira de Oliveira. Viúva, 64 anos. Converteu-se em 1984 e participou da segunda cerimônia de batismos em 1985 da Congregação Batista sob a liderança das missionárias Flordelice Brum e Doraci Cavallari. Entrevista realizada no dia 5 de agosto de 2005.

²³⁷ José Willames Moura. Casado, 40 anos. Técnico de laboratório. Foi um dos integrantes do primeiro grupo de batizados da então Congregação Batista em 1984. Membro da Igreja Batista Vida Nova. Entrevista realizada no dia 7 de junho de 2006.

O estranhamento da comunidade religiosa

Na década de 1980, já existiam em Camocim algumas igrejas evangélicas e outras denominações cristãs, como expõe Tóbis de Melo: “Há oito templos católicos, quatro protestantes, um espírita e um das Testemunhas de Jeová”.²³⁸ O livro do referido autor não comenta a relação entre os seguidores dessas religiões, mas pelos depoimentos que coletamos e as conversas informais que tivemos, ainda havia um clima de aversão por parte dos católicos em relação a outras práticas religiosas. Segundo Doraci, o padre da cidade na época falou numa rádio criticando-as, referindo-se a elas como “forasteiras”²³⁹ e indagando o que essas crentes queriam em Camocim, levantando, assim, mais desconfiança da sociedade com relação aos evangélicos.

Esta percepção foi destacada também por José Willames Moura, que ressaltou a indignação de seus pais, tradicionais católicos, por ele se tornar crente: “Por que mudar para uma religião que apareceu agora, uma religião de homem?”²⁴⁰ Ele acrescenta que os não-evangélicos achavam esquisitos os cultos pentecostais, porque eles louvavam e pregavam em voz alta, repetindo sempre a frase “glória a Deus”, e que havia principalmente restrições nos trajes femininos e na proibição de maquiagens.

Ele ainda falou que quando católico, participava do grupo jovem da Igreja e vivenciou a reação da comunidade em relação ao crescimento do número de evangélicos na cidade na década de 1980, pois os líderes católicos, como o padre Edivaldo, percebendo que os jovens não se interessavam mais pelas missas, começou a falar em renovação para atrair a juventude. Mas o monsenhor Inácio Nogueira não concordou, pois era um sacerdote muito conservador, e não permitia cânticos com ritmo dançante nas missas e nem instrumentos barulhentos.²⁴¹

Mas em meio à dúbia tendência de renovação e de certo conservadorismo no campo religioso na cidade, o que mais surpreendeu Doraci foi a resistência por parte dos próprios evangélicos para com elas, pois eram mulheres com uma missão de fundar uma congregação batista. E ela nos disse:

238 Monteiro, *Op. Cit.*, p. 16.

239 Doraci Aparecida Cavallari. Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2005.

240 José Willames Moura. Entrevista realizada no dia 7 de junho de 2006.

241 José Willames Moura. Entrevista realizada no dia 7 de junho de 2006.

[...] sofremos mais com o preconceito de pessoas que eram crentes, especialmente da Assembleia de Deus. Até mesmo o pastor da Assembleia nos desprezou, dizia que não podia aceitar que duas mulheres se dissessem chamadas por Deus usando brincos, calça comprida, batom, né? Então, ele não aceitava o nosso chamado²⁴².

As palavras do líder evangélico só reforçavam a visão pentecostal sobre o traje feminino, de que a mulher não poderia vestir calça comprida, usar batom, cortar o cabelo, ações essas consideradas como vaidade. Assim destaca André Dionei Fonseca quando fala dos trajes e costumes dos pentecostais, exposto na Resolução de Santo André, de 1975, proibindo aos homens o uso de cabelos crescidos e às mulheres proibia-se traje masculino, pintura nos olhos, roupas curtas; e para todos os crentes, restringia-se o uso de televisão.²⁴³ Houve uma reformulação nesta resolução em 1999, mas continuou:

[...] proibido o uso de calça para as mulheres, e de “vestimentas indecorosas” por parte destas. Todavia, a proibição do corte de cabelo desaparece, ficando subtendido que o corte, não sendo excessivo poderia ser feito. [...] A nova Resolução fala do uso não exagerado de pinturas no cabelo e nas unhas e não mais menciona os cuidados com as sobrancelhas (dando a entender que se não houvesse exagero, nada impediria que as mulheres se maquiassem). [...] aparece liberando o “bom uso” da televisão, da internet, e fala, até mesmo, do telefone.²⁴⁴

O crescimento da congregação batista: conversões e batismos

Doraci nos expôs que o início do trabalho batista em Camocim não foi fácil, além de enfrentarem o preconceito de crentes, o que mais a inquietava era que se passavam os meses e não tinha havido nenhuma conversão. Atribuindo, então, a um “milagre de Deus” as conversões e batismos, que ocorreram depois de muita oração. Está exposto no 1º Livro de Atas os nomes das onze pessoas que foram batizadas no dia 9 de dezembro de

242 Doraci Cavallari Monteiro. Psicopedagoga, casada, três filhos. Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2005.

243 Fonseca, 2009, p. 12.

244 Ibidem, p. 13.

1984,²⁴⁵ data emblemática do seu aniversário, dentre elas José Willames Moura, citado anteriormente, e Dinalva Vasconcelos Macário, que também entrevistamos.

Dinalva Macário²⁴⁶ visitou a Congregação Batista ainda na adolescência a convite de uma vizinha, não demorou muito a tomar sua decisão e por isso fez parte do primeiro grupo de novos crentes, batizados em 1984. Falou-nos de suas experiências com as missionárias e das tarefas que exerceu na congregação como professora de crianças, participou do grupo de jovens e cantava no coral musical da igreja.

Salientamos que o acréscimo de participantes na Congregação não foi só de pessoas que iam se convertendo, mas houve também uma migração de crentes de outras igrejas, como as senhoras Sônia Lopes e Liduína Brito, ambas frequentavam a Igreja Bíblica e foram integradas pelo sistema de aclamação, como está registrado em ata no dia 23 de fevereiro de 1985.²⁴⁷

Procuramos entender o que teria chamado a atenção delas com relação às missionárias e Sônia Lopes nos disse que, por não estar tão satisfeita na Igreja Bíblica, resolveu visitar a pequena congregação e gostou da recepção, pois as duas jovens missionárias eram “tão dedicadas na obra de Deus e muito educadas.”²⁴⁸

Para Sônia Lopes, um fator que contribuiu para a sua permanência na congregação Batista foi a forma como essas missionárias tratavam as pessoas, fazendo com que se sentisse acolhida por elas.

O segundo evento de batismos aconteceu em 28 de abril de 1985, sendo dez os batizados, como a senhora Roseny Pereira, que expressou um dos mais emocionantes depoimentos sobre sua conversão e batismo. Como já expomos um pouco do processo de sua conversão, primeiro recebendo o estudo bíblico e só depois o batismo. Considerava-se uma mulher com uma

245 Primeiro Livro de Atas da Primeira Igreja Batista em Camocim com atas de sessões de 1986 até 1999. Documento pertencente ao arquivo da Secretaria da Primeira Igreja Batista em Camocim, situada à Rua Joaquim Távora, nº 1116, Bairro Brasília.

246 Dinalva Vasconcelos Macário. 35 anos. Professora de História. 22 anos de evangélica. Foi uma das integrantes do primeiro grupo de batizados da então Congregação Batista em 1984 sob a liderança das missionárias Flordelice Brum e Doraci Cavallari. Entrevista realizada no dia 7 de maio de 2006.

247 Primeiro Livro de Atas da Primeira Igreja Batista em Camocim com atas de sessões de 1986 até 1999.

248 Sônia Lopes de Souza Gomes. Casada com Antonio da Silva Gomes Júnior (entrevistado). 44 anos. Professora. Foi membro da Igreja Bíblica e passou integrar-se na Congregação Batista em 1985 sob a liderança das missionárias Flordelice Brum e Doraci Cavallari. Entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2005.

vida desregrada, pois “bebia, fumava, jogava [...]”²⁴⁹, e o resultado é que uma enfermidade debilitou sua saúde e nos disse:

[...] quando os meus problemas se agravaram mais, que eu cheguei a andar de cadeira de rodas, ficando parálitica; aí foi quando eu lembrei que Deus existia, aí foi que veio a razão de saber quem era Deus e me interessei de comprar uma bíblia [...].²⁵⁰

Tal pensamento está atrelado a uma condição: quando o indivíduo enfrenta uma dificuldade, recorre a Deus para solucionar seus problemas de qualquer ordem, seja física, financeira, sentimental. Foi este o caso da depoente, que só se lembrou da existência de Deus quando sua saúde foi abalada.

Manuel Castells faz reflexões sobre o fenômeno religioso, afirmando que há uma relação entre o medo e a fé, pois quando o ser humano se depara com situações conflitantes, busca uma força superior para amenizar suas angústias. Ele argumenta dizendo que “o medo da morte, a dor da vida, precisam de Deus e da fé n’Ele”²⁵¹ para que as pessoas consigam dar significado às suas vidas.

Ao ouvir esse depoimento, conseguimos compreender o que Paul Thompson diz sobre trabalhar com a história oral, pois ela “lança a vida para dentro da própria história [...]”.²⁵² São esses momentos tão pessoais que são expostos por nossos entrevistados que nos fazem ponderar como é gratificante a pesquisa histórica.

Quanto ao significado do batismo, a senhora Roseny ressaltou o seguinte:

[...] você a partir do momento que vai se batizar anuncia para o mundo que o velho homem vai morrer debaixo daquelas águas e você vai sair das águas uma nova criatura pra anunciar o evangelho não é como o batismo católico onde a pessoa se batiza criança. Que convicção a criança tem de pecado?²⁵³

249 Roseny Pereira de Oliveira. Entrevista realizada no dia 5 de agosto de 2005.

250 Ibidem.

251 Castells (*apud* Torquato, 2006, p. 2-3).

252 Thompson, 1992, p. 44.

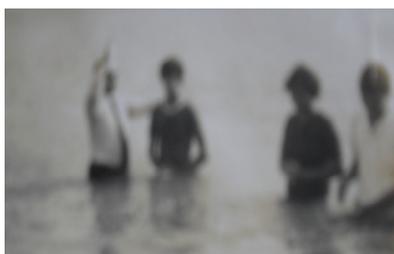
253 Roseny Pereira de Oliveira. Entrevista realizada no dia 5 de agosto de 2005.

Figura 21 - Cerimônia de batismo à beira-mar. Camocim (1986)



Fonte: Arquivo da Primeira Igreja Batista de Camocim.

Figura 22 - Batismos na praia de Camocim (1986)



Fonte: Arquivo da Primeira Igreja Batista de Camocim.

A construção do templo e o seu significado para os primeiros membros

A profunda nostalgia do homem religioso é habitar um “mundo divino”, ter uma casa semelhante à “casa dos deuses”, tal qual foi representada mais tarde nos templos e santuários. Em suma, essa nostalgia religiosa exprime o desejo de viver num cosmos puro e santo, tal como era no começo, quando saiu das mãos do Criador.²⁵⁴

Mircea Eliade expõe que a religião sacraliza espaços atribuindo a eles a manifestação dos deuses e que o homem, para se sentir mais próximo dos tais, constrói os templos realizando essa conexão. Entendo o templo como símbolo visível da manifestação do sagrado, seria então a concretização dessa relação com o sagrado.

²⁵⁴ Eliade, Op. Cit., 1992, p. 37.

E para que o templo tão almejado pela comunidade que se reunia numa garagem alugada fosse construído, houve a ajuda financeira de igrejas batistas do Rio de Janeiro e da Convenção Cearense para a compra do terreno, feita no dia 10 de junho de 1985,²⁵⁵ terreno este localizado à Rua Joaquim Távora, nº 1116, bairro Brasília. Doraci ressaltou as características do local: “[...] não tinha quase casas, mas era um terreno de tamanho excelente e preço bom [...] e também pensamos que a cidade iria crescer para esse lado [...]”.²⁵⁶ Realmente essa visão de crescimento da cidade se concretizou e, em alguns anos, o bairro se tornou populoso.

A construção do templo se fez em forma de mutirão, em que os próprios congregados participaram levantando as paredes do prédio. E nesse processo de construção ocorreu o lançamento da “pedra fundamental”, que a senhora Roseny presenciou e nos explicou que se trata de um costume entre as igrejas evangélicas de colocarem uma bíblia no centro do prédio durante a escavação do alicerce, como mostra a foto abaixo. Essa cerimônia aconteceu no dia 1 de setembro de 1985 e ela enfatizou: “[...] a gente colocou uma bíblia para lembrar aos membros que a igreja segue os princípios de Deus”.²⁵⁷

A bíblia como fundamento do prédio, além de sacralizar o espaço, evidenciava também que a “igreja”, o grupo de pessoas, tinha suas bases estruturadas nos ensinamentos bíblicos, como ela mesma enfatizou.

Figura 23 - Lançamento da pedra fundamental do templo. Camocim-CE (1985)



Fonte: Arquivo da Primeira Igreja Batista de Camocim.

255 Primeiro Livro de Atas da Primeira Igreja Batista em Camocim com atas de sessões de 1986 até 1999. Documento pertencente ao arquivo da Secretaria da Primeira Igreja Batista em Camocim, situada à Rua Joaquim Távora, nº 1116, Bairro Brasília.

256 Doraci aparecida Cavallari. Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2005.

257 Roseny Pereira de Oliveira. Entrevista realizada no dia 5 de agosto de 2005.

Figura 24 - Mutirão para a construção do templo. Camocim-CE (1985)



Fonte: Arquivo da Primeira Igreja Batista de Camocim.

Figura 25 - Primeiro Templo da Igreja Batista em Camocim



Fonte: Arquivo da Primeira Igreja Batista de Camocim.

Destacou o mutirão em que homens e mulheres se uniram para erguer as paredes do templo: “[...] foi uma alegria imensa quando a gente carregava um tijolo para os pedreiros, que eram os próprios irmãos, [...] me lembro como se fosse hoje!”²⁵⁸ Declarou assim, com entusiasmo, sobre o começo da construção e que culminou como exhibe a Figura 25, num simples, mas confortável templo.

O santuário para adoração é também chamado de Casa de Oração, Casa de Deus, termos esse usados pelos fiéis que consideram a Casa de Deus um lugar habitado pela paz, abrigo para os aflitos e de convivência fraterna.

²⁵⁸ Roseny Pereira de Oliveira. Entrevista realizada no dia 5 de agosto de 2005.

A importância de um local dedicado à prática religiosa se fez mostrar pelas palavras de Sônia Lopes, quando comentou que o templo foi erguido quase no meio do terreno, ficando um espaço amplo na frente, pois enquanto a pessoa caminhava para entrar na igreja, “realizava meditações em seu coração.”²⁵⁹ Mas foi estrategicamente construído assim para facilitar uma futura ampliação.

Já era o momento da então congregação batista ter um espaço apropriado, pois a garagem não comportava os membros confortavelmente e o som dos cânticos poderia incomodar vizinhos que não simpatizavam com os crentes, ressaltou Roseny Pereira.²⁶⁰

Cerimônia de inauguração do templo

Examinando a Ata de inauguração do templo da Primeira Igreja Batista de Camocim, ocorrida em 8 de março de 1986, observamos que esse evento demonstrou a consagração do prédio para os cultos e reuniões dos membros. Lê-se o seguinte:

Ata do culto de inauguração do templo da Congregação Batista de Camocim, situada à Rua Joaquim Távora, 1116 em Camocim. O culto teve início às dezenove horas e quarenta e cinco minutos com o cântico do hino quatrocentos e cinquenta e seis do cantor cristão, oração e um solo pelo irmão José Maria Ferreira de Araújo, após o Pastor Jerold Evan Golstan desata a fita simbólica e ora ao Senhor dedicando o templo. [...] ²⁶¹

A cerimônia se inicia com música sacra, oração e, no ato de desatar a fita, há novamente uma invocação de dedicação do templo. O espaço físico, a partir daquele momento, estava oficialmente consagrado, dedicado a Deus. Encontramos respaldo para tal ação no que diz Lícide Ribeiro:

[...] No Antigo Testamento, a inauguração do Templo de Jerusalém, no reinado de Salomão se fez mediante a presença de

259 Sônia Lopes de Souza Gomes. Entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2005.

260 Roseny Pereira de Oliveira. Entrevista realizada no dia 5 de agosto de 2005.

261 Primeiro Livro de Atas da Primeira Igreja Batista em Camocim com atas de sessões de 1986 até 1999. Documento pertencente ao arquivo da Secretaria da Primeira Igreja Batista em Camocim, situada à Rua Joaquim Távora, nº 1116, Bairro Brasília.

orações e cânticos (2Cr 7.3). Até hoje, muitos templos cristãos são consagrados através de cerimônias que procuram repetir o mesmo procedimento de Salomão. Ao repetir o ritual utilizado na inauguração do Templo em Jerusalém, repete-se a construção do mundo, ou seja, a cosmogonia judaica que dá sentido a vida da igreja. [...].²⁶²

Vale ressaltar que além do espaço físico do templo ser considerado sagrado, quem está dentro dele é envolvido pela sacralidade, pois o templo abriga a “igreja”, uma referência às pessoas que se congregam, portanto, a Declaração Doutrinária, quando se refere à igreja, define-a como “uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé”.²⁶³

Roseny Pereira enfatizou a emoção que sentiu na inauguração do templo e mais ainda por ver pessoas fazendo a “profissão de fé”, um ato de reconhecer diante de todos os presentes na solenidade a convicção de salvação, foram batizadas dez pessoas naquele dia. E disse: “[...] foi um momento lindo, além do coral louvando a Deus, vi aqueles irmãos tão felizes por terem se batizado [...]”.²⁶⁴

A consolidação da Primeira Igreja Batista de Camocim

Outro evento que marcou os membros da Igreja Batista foi a transição da categoria de congregação para igreja. De acordo com o Pastor Bonfim, que esteve presente nesta cerimônia realizada em 28 de abril de 1989, quando o indagamos da necessidade da mudança dos termos de congregação para igreja, ele nos explicou que se trata de ação administrativa de uma instituição que estaria se iniciando “na sociedade de direito, legalizada e, portanto organizada para fins religiosos”.²⁶⁵ Acrescentou que para se criar uma igreja, é recomendável um número acima de cinquenta membros, sendo que “2/3 deles tenham possibilidades financeiras de sustentação do trabalho”.²⁶⁶

262 Ribeiro, 2006, p. 10.

263 CBB, Op. Cit.

264 Roseny Pereira de Oliveira. Viúva, 64 anos. Converteu-se em 1984 e participou da segunda cerimônia de batismos em 1985 da Congregação Batista sob a liderança das missionárias Flordelice Brum e Doraci Cavallari. Entrevista realizada no dia 5 de agosto de 2005.

265 Pastor José Pereira Bonfim Filho. Pastor aposentado da Igreja Cristã Evangélica de Sobral. Ex-pastor da Primeira Igreja Batista de Sobral. Auxiliou as missionárias na realização de batismos e celebração de Santa Ceia de 1986 a 1989. Entrevista realizada no dia 21 de setembro de 2005.

266 Idem.

A Ata da organização traz pontos específicos, como a escolha do nome da igreja e do pastor, entrega de uma bíblia a ele, leitura do Pacto das Igrejas Batistas como um juramento de fidelidade às doutrinas batistas. Segue-se o seguinte:

[...] O Pastor José Pereira Bonfim Filho fala à Congregação sobre a aprovação do Concílio em relação ao exame feito pelo Pastor Elias Teodoro da Silva. Pediu em seguida que fosse feita uma proposta para que a Congregação fosse organizada em Igreja. Feita a proposta, e tendo sido apoiada foi à votação, a qual foi aprovada por unanimidade. [...] Os membros da nova Igreja escolheram o nome da Igreja que passaria a se chamar de 1ª Igreja Batista em Camocim. Escolheram como dirigente do rebanho o Pastor Marcos Roberto Rodrigues Lima...²⁶⁷

Outro colaborador em nossas entrevistas, Antonio da Silva Gomes Júnior, que participou ativamente nesse culto, comentou um pouco da convivência com as missionárias, algo que marcou a sua juventude, e as considera ainda hoje um referencial de fé. Ele declarou: “Pairava também a incerteza de como seria a nossa relação com o nosso novo líder. O culto foi bonito, muito especial, mas envolto em toda esta situação”.²⁶⁸

A senhora Roseny, que muito colaborou com seu depoimento, vivenciou essa transição também, ressaltando “o clima de saudade” que tomou conta de todos os membros quando a missionária Doraci Cavallari se despediu em 1988 e Flordelice em 1989, no culto de organização da Igreja.

O estado atual da igreja

A Primeira Igreja Batista de Camocim, organizada desde 1989, teve ao longo de seus vinte e três anos cinco pastores como líderes, atualmente está na liderança o Pastor Abraão Queiroz Secundino,²⁶⁹ desde 2003.

267 Primeiro Livro de Atas da Primeira Igreja Batista em Camocim com atas de sessões de 1986 até 1999. Documento pertencente ao arquivo da Secretaria da Primeira Igreja Batista em Camocim, situada à Rua Joaquim Távora, nº 1116, Bairro Brasília.

268 Antonio da Silva Gomes Júnior. 41 anos. Casado com Sônia Lopes de Souza Gomes (entrevistada). Professor de História, mas está exercendo cargo na APEOC de Camocim. Membro da Primeira Igreja Batista há 24 anos. Entrevista realizada no dia 11 de novembro de 2012.

269 Pastor Abraão Queiroz Secundino. Casado, 47 anos. Pastor da Primeira Igreja Batista em Camocim desde 2003. Formado Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Ceará. Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2012.

Segundo o Pastor Abraão, a Igreja possui 139 membros e está organizada por departamentos chamados de ministérios, como: Louvor, Comunhão de grupos pequenos, Patrimônio, Eventos, Jovens, Casais, Infantil, Mulheres, Homens, Evangelismo, Discipulado, e Intercessão.

Conta com uma estrutura física composta pelo prédio principal para as cerimônias religiosas, como cultos de louvor e pregação da Palavra de Deus, casamentos e funerais, comportando cerca de 180 pessoas sentadas. Atrás deste encontra-se o antigo prédio, adaptado com pequena cozinha, sala para as mães e recém-nascidos. Há sete salas para a educação religiosa.

Figura 26 - Atual Templo da 1ª Igreja Batista de Camocim - Rua Joaquim Távora, 1116



Fonte: Arquivo da autora.

Figura 27 - Parte interna do templo



Fonte: Arquivo da autora.

Para manter seus membros informados dos horários dos cultos e eventos fora do templo, é distribuído um boletim informativo no qual existe uma escala com o nome dos facilitadores que se responsabilizam pela ordem dos cultos. São registrados, também, datas de aniversariantes e breves mensagens pastorais. Outro meio de propaganda da Igreja é o seu blog, além do programa de rádio “Mensagem de paz”, transmitido pela Rádio Pinto Martins (FM 98.7) todas os domingos, a partir das 14 horas.

Quanto aos trabalhos externos, o Pastor Abraão Secundino mencionou os dois mutirões ecológicos na praia com a cooperação de outras igrejas, realizado no feriado de Finados às portas dos cemitérios, com distribuição de água e de folhetos com mensagens bíblicas. Há também a ação social com a participação de voluntários que se habilitam a fazer corte de cabelo, aferição de pressão arterial, principalmente na localidade de Pereiros, um povoado da cidade de Barroquinha.

Essas ações estão pautadas no que a própria Igreja Batista põe como missão e visão, de ser uma igreja atuante na sociedade visando o bem comum, a comunhão fraterna de seus membros e com a comunidade local. Eis o que está exposto no muro do templo da igreja (Figura 26) e que encontramos também no blog²⁷⁰ da Igreja Batista:

NOSSA MISSÃO

Proclamar a Palavra de Deus a todos, fazendo discípulos, ensinando-os a servirem uns aos outros no amor de Cristo.

NOSSA VISÃO

Ser uma Igreja unida, que promova a integração entre seus membros através dos ministérios, com vistas a evangelização e apoio mútuo para a glória de Deus.

VALORES DA PIB CAMOCIM

- Comunhão: (Jo 17.21 e Atos 4.32-37) - Levar aos crentes à prática da intimidade com Deus através do culto individual e coletivo (Rm 12.1-2). E à da integração uns com os outros pela mutualidade promovida pelas fontes de crescimento, EBD, grupos pequenos e ministérios específicos.

²⁷⁰ O blog da igreja está no seguinte endereço: <http://pbcamocim.blogspot.com.br/2011/01/visao-e-missao.html>. Acesso em: 12. nov. 2012.

- Adoração: (Jo 4.23-24; Rm 12.1) - Promover um culto agradável a Deus com ênfase na vida de santidade do adorador e no amor ao próximo, culminando no serviço uns aos outros e a Deus como expressão de gratidão.
- Discipulado: (Mt 28.18-20) - Ênfase no ensino da palavra e no cuidado de uns para com os outros, de forma que cada crente tenha conhecimento da palavra e seja levado à prática da obediência e ao amor ao senhor e ao próximo como a si mesmo.
- Evangelismo: (Mc 16.15-16) - Levar cada pessoa que se decide a ser um anunciador das boas-novas por meio de seu testemunho verbal e de uma vida que inspire outros a seguirem a Cristo.
- Serviço: (I Cor 15.58) - Cada crente por amor e gratidão faça com temor e tremor seu trabalho para Deus, de acordo com seus talentos e dons consagrados ao Senhor que somado ao serviço dos outros faça o corpo de Cristo funcionar em perfeita harmonia para glória de Deus e edificação da Igreja.

Diversidade religiosa em Camocim

Ao longo das inquirições sobre as práticas religiosas que ocupam o espaço de Camocim, percebemos a multiplicidade das representações da fé. Além do objeto de pesquisa, a Igreja Batista, outras denominações povoam a cidade. Além do espaço físico ocupado pelos templos, procuramos entender também qual a relação das demais denominações religiosas com a igreja em estudo.

Segundo o Pastor Abraão Secundino, a convivência entre as igrejas evangélicas tem sido pacífica e até mesmo com a Católica. Ele ressaltou, com certo dissabor, que ainda não há uma total integração entre as igrejas: “[...] pois existem líderes que resistem e não querem que seus membros nem visitem outras igrejas, muitas se fecham entre si, ainda há uma apatia religiosa [...]”.²⁷¹ Falou-nos de eventos que geralmente acontecem na cidade, como shows gospel com bandas de cantores evangélicos, mutirões

²⁷¹ Pastor Abraão Queiroz Secundino. Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2012.

ecológicos, Caminhada pelo dia da Bíblia. Mas que, na sua concepção, não demonstram uma integração consolidada.

Achamos pertinente apontar algumas informações divulgadas pelo Blog Grupo Renascer, que registrou os dados oficiais do IBGE sobre o Censo religioso de Camocim. Segue-se o seguinte:

Dados oficiais do IBGE.

Censo religioso 2010 - município de CAMOCIM-CEARÁ.

RELIGIÃO CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA: 50.032 - equivalente a 83% da população.

RELIGIÕES EVANGÉLICAS: 6.477 - equivalente a 11% da população.

SEM RELIGIÃO: 2.717 - equivalente a 5% da população.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ: 446 - equivalente a 1% da população.²⁷²

Para uma cidade que possui 60.158 habitantes,²⁷³ é bastante expressiva a porcentagem de pessoas que se declaram católicas no demonstrativo acima, mais de 80%, e de evangélicos apenas 11%. Esses dados demonstram a preponderância católica sobre o número de evangélicos. Esta constatação estatística é reflexo do que o IBGE expôs sobre o Ceará neste mesmo Censo, ressaltando-o como o segundo estado brasileiro com maior contingente de católicos, com cerca de 78% da população se declarando seguidora da religião.²⁷⁴

Mas não podemos negar que na cidade vem se ampliando a diversidade de credos e de denominações evangélicas, assim como se verificou no Censo de 2010, que no Brasil, embora haja a hegemonia católica, há um crescimento constante da população evangélica, que era de 15,4% em 2000

272 CENSO RELIGIOSO 2010 - CAMOCIM. **Blog Grupo Renascer**. Camocim, 10 de outubro de 2010. Disponível em: <http://gruporenascer-rcc.blogspot.com.br/2012/10/numeros-do-censo-religioso-diocese-de.html>. Acesso em: 7 nov. 2012.

273 CENSO 2010 DE CAMOCIM. **Camocim Online**. Camocim, 30 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.camocimonline.com/2011/04/ibge-divulga-em-definitivo-o-censo-2010.html>. Acesso em: 10 out. 2012.

274 CEARÁ é o segundo estado mais católico do país. **Barroquinha Notícias Online**. Barroquinha, 30 de junho de 2012. Disponível em: <http://www.barroquinhanoticias.com/2012/06/ceara-e-o-segundo-estado-mais-catolico.html>. Acesso em: 10 nov. 2012.

e 22,2% em 2010²⁷⁵. O nosso colaborador, senhor José Willames, nos trouxe a nomenclatura das igrejas em Camocim e as identificou da seguinte forma: Igreja Assembleia de Deus, ministério Templo Central; Igreja Assembleia de Deus ministério Bela Vista, Assembleia de Deus ministério Montese; Igreja Adventista do Sétimo Dia; Primeira Igreja Batista; Igreja Batista Vale de Bênçãos; Igreja Batista Vida Nova; Igreja Bíblica; Igreja do Evangelho Quadrangular; Igreja Peniel; Igreja Universal do Reino de Deus; Igreja Mundial do Poder de Deus; Testemunhas de Jeová.²⁷⁶

Constata-se nas últimas décadas um considerável aumento de novas denominações evangélicas, pois nos anos de 1980 registravam-se apenas quatro templos evangélicos. A disputa do espaço religioso pode ser percebida não pelos embates de outrora, mas pelas formas de controle e limites impostos pelos líderes religiosos, que demonstram preocupação com a permanência de seus congregados em suas igrejas.

275 CENSO 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1. Acesso em: 10 nov. 2012.

276 José Willames Moura. Casado, 40 anos. Técnico de laboratório. Foi um dos integrantes do primeiro grupo de batizados da então Congregação Batista em 1984. Membro da Igreja Batista Vida Nova. Entrevista realizada no dia 7 de junho de 2006.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de; MORAIS, Sérgio Paulo; RESENDE, Renata Carolina. Apresentação - Transformações sociais e questões ambientais na região do Triângulo Mineiro. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], v. 22, n. 41, 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19241>. Acesso em: 20 ago. 2011.

ALVES, Rubem. “O que é religião?”. In: **Religião, Igreja, Mito**. (Edição Integral), Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

BÍBLIA. N. T. Marcos. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Edição de 1995. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

CBB. CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Portal Batista**. “A Nossa História no Brasil e no mundo”. Disponível em: www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=12. Acesso em: 29 ago. 2011.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos problemas**. Trad. Theo Santiago. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em: http://ibpan.com.br/site/images/stories/Downloads/Estudos_Biblicos/O%20Sagrado%20e%20o%20Profano.pdf. Acesso em: 12 abr. 2012.

FERNANDES, Carlos; BRANDÃO, Francisco; GUILHERME, George. O tempo da colheita. In: **Revista Eclésia**, São Paulo, ano V, n. 53, p. 43-44, Abril/2000.

FERREIRA, Damy. **Evangelismo total: um manual didático e prático para seminaristas, evangelistas e pastores**. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Manual da igreja e do obreiro**. 9ª ed., Rio de Janeiro: JUERP, 2002.

FONSECA, André Dioneu. Os impressos institucionais como fonte de estudo do pentecostalismo: uma análise a partir do livro História da Convenção

Geral das Assembléias de Deus no Brasil. **Revista História em Reflexão**, v. 3, n. 5, UFGD – Dourados, jan./jun. 2009. Disponível em: www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/.../183. Acesso em: 20 dez. 2012.

JULIA, Dominique. A religião: história religiosa. *In*: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1988.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na História. *In*: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho D' água, 2004.

LIMA, Saulo Parente de. **Uma História de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Sobral-CE**. Sobral, UVA-CE, Trabalho de conclusão de curso (graduação em História), 2006.

MAGALHÃES, Emídio Johnson Sales. **“O Maravilhoso no fim do mundo”, Protestantismo e pentecostalismo em Camocim**: A chegada, a inclusão, tensões e conflitos no período de 1934-2012. Sobral, UVA-CE. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História), 2012.

MONTEIRO, Tóbis de Melo. **Camocim Centenário: 1879-1979**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará (IOCE), 1984.

NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. **Os Batistas no Ceará** (v.2). Fortaleza: Setor Gráfico do Colégio Batista Santos Dumont, 2003.

PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas no Brasil (1882-1982)**. 3ª ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

PORTELLI, Alessandro *apud* KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na História. *In*: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho D' água, maio/2004.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. A igreja: espaço sagrado reorganizador do mundo. **Cad. CERU**, São Paulo, n. 17, 2006. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-45192006000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 nov. 2012.

PEREIRA, José dos Reis. **História dos batistas no Brasil (1882-1982)**. 3ª edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

SAMUEL, Raphael. História local e História oral. *In*: **Revista ANPUH**, Março Zero, Fevereiro/ 1989.

SOUZA, Pastor Sócrates Oliveira de. Um panorama da organização dos Batistas Brasileiros-Parte 3. In: **Visão Missionária**, n. 4. Rio de Janeiro, JUERP, p. 24, Outubro a Dezembro, 2004.

SOUZA, Robério Américo de. Evangélicos numa cidade católica: a ação de missionários protestantes em Fortaleza (1882-1915). In: **Trajetos. Revista de História da UFC**. v. 4, n. 8 (dez. 2006). Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORQUATO, Nilton Maurício Martins. **O Estado Novo através do olhar dos batistas paranaenses**. 2006. Monografia (curso de História). Universidade Federal do Paraná, Paraná. Disponível em: http://www.historia.ufpr.br/monografias/2006/1_sem_2006/nilton_mauricio_martins_torquato.pdf. Acesso em: 20 ago. 2012.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989.

WASSERMAN, Cláudia. Identidade: conceito, teoria e história. **ÁGORA. Revista do Departamento de História e Geografia**, v. 7, n. 2 (Jul./Dez. 2001). Santa Cruz do Sul. Ed. da UNISC, 2003.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 11ª ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa: as religiões no mundo**. 6ª ed. revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto em fonte Alegreya, impresso no formato 15 x 22 cm em Pólen natural 80 g g/m², com 172 páginas e em e-book formato pdf.
Abril de 2024.

ISBN 978-655421124-6



9

786554

211246

Editora

SERTÃO:CULT